

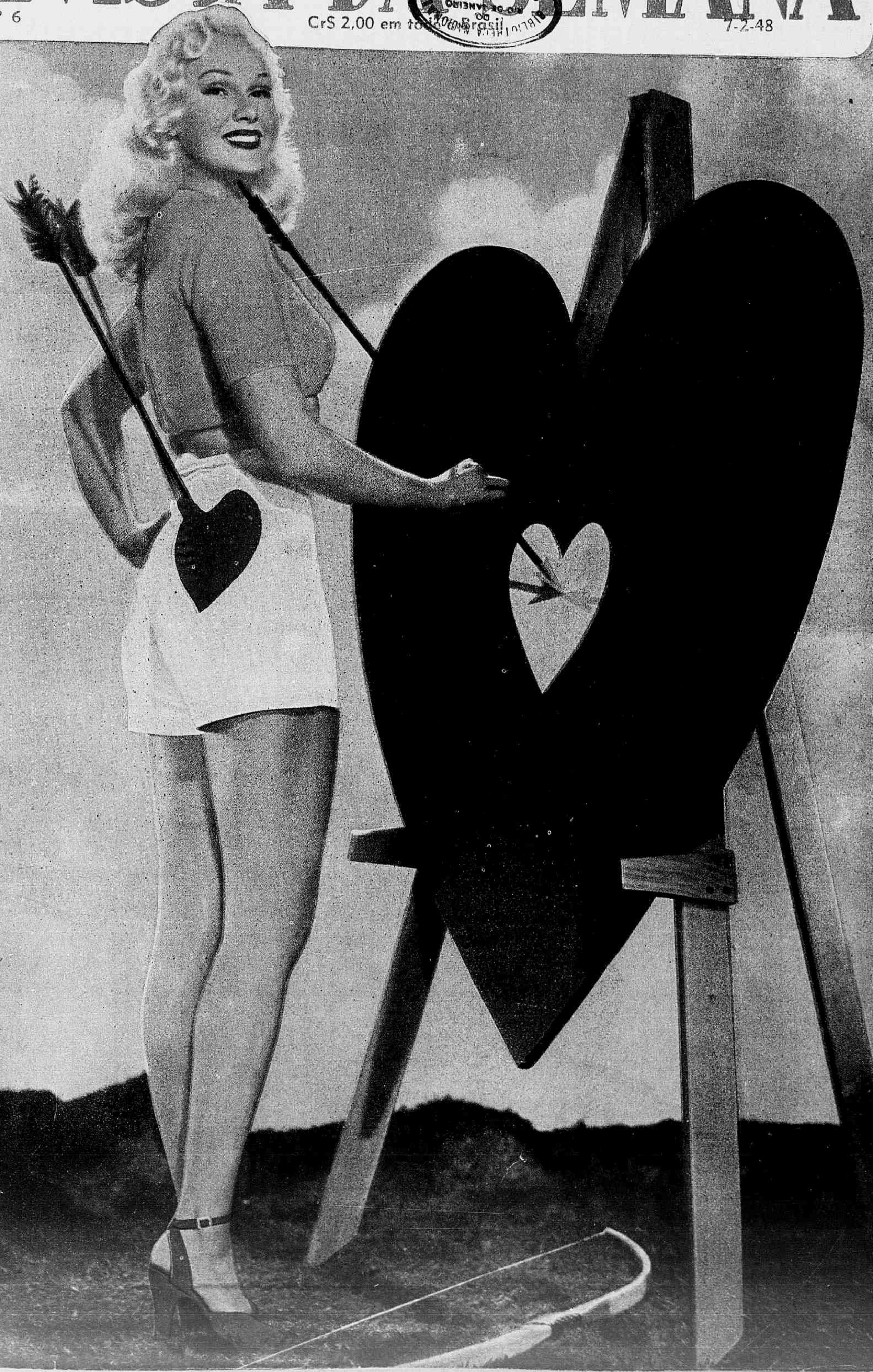
REVISTA DA SEMANA

N.º 6

Cr\$ 2,00 em to



7-2-48



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que está a venda em todo o Brasil, Por Cr \$ 15,00, - no país inteiro - os seus leitores conhecerão o que há de moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes e um calendário completo para 1948.



PEDIDOS À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n°. 15,

RIO DE JANEIRO

Atende-se pelo Reembolso Postal
sem aumento de preço

Almanaque Eu Sei Tudo

E FALEMOS AGORA de Poesia

TODA minha bravura desfalece quando penso no trem. Porque já conheço o trem que me levará até Campos. Não me pega. Aquê costume dele fingir que vai sair e ficar na estação é antiquíssimo. Depois ameaça andar depressa e não anda. Pára em lugares que nem existem e passa depressa por outros que a gente deseja ver. Tudo isso debaixo de um estardalhaço de poeira que é um exagero. Os passageiros dos outros trens chegam empoeirados, isso é verdade. Mas os que vêm de Campos chegam soterrados. Eu já me meti nisso uma vez. Foi um custo, para a minha diminuta pessoa reaparecer depois. Todas as doces lembranças que trouxe de lá, ficaram obscurecidas pelo meu terror do trem. Mas se eu conseguisse vencer o medo, palavra que iria de novo a Campos. E — vejam que aspiração extravagante! — iria a Campos visitar um livro.

Já investiguei sôbre a presença desse livro aqui no Rio. Ele não está na Biblioteca Nacional. Nenhum amigo meu possui um exemplar dele. Os meus inimigos também não, o que, aliás, me enche de júbilo. Só em Campos é que eu sei que tem. Nasceu lá e lá ficou, semi-morto. Esse livro se chama "Nuvens do Oceano" e trata de poesia.

E, agora, fico eu hesitante, querendo falar do poeta que mais amo e com medo de não transmitir direito a minha comoção. Mas vocês compreenderão bem isso, quando eu lhes disser que esse poeta publicou o seu livro há cinquenta anos atrás e que há cinquenta anos, marquem isso, ele saudava o ano novo dêste modo:

"Vem, ano da virgolência, Rabineando na réspea luz
Tetêia de esquiche hora, Da sombrônea tricolôrea..."

Eis o que ele fez, naquele tempo dos versos musicais e das cadências bem ritmadas. Enquanto nos sarais alguma moça prendada recitava o "Noivado do Sepulcro", êle, perdido num canto do mundo, inventava a palavra "réspea", a palavra "rabineando" e, também, a palavra "tricolôrea". E, com suas palavras inventadas, esperava o ano novo. Nunca cheguei a saber direito se êle o esperava ou desafiava. Mas posso dizer uma coisa. Para mim, todo ano novo tem que ser esperado dêste jeito. "Vem, ano da virgolência"! Soa misteriosamente. Tem um sentido secreto que me agrada ao infinito. Já o verso "rabineando na réspea luz" me parece menos misterioso. Não sei se vocês sentem a malícia. Ou eu muito me engano ou o meu poeta botou malícia nisso aí. Quanto à palavra "sombrônea" já a incorporei ao meu vocabulário há muito tempo. Algumas vezes passa despercebida. Mas, quase sempre, causa certo pasmo. Eu uso sombrônea para as pessoas que vulgarmente são chamadas de cacetes. Dá um efeito tremendo. Experimentem dizer "aquê sujeito sombrôneo" e depois me contem. Mas a verdade é que de tão pouca sorte sou eu que fora dessa amostra conheço apenas mais um poema dêste poeta. E o que eu sei dele também é tão pouco, que às vezes me dá o impulso de ir a Campos saber mais. E o que estraga é o trem. Vejo que nem disse o nome dele. Chamou-se Teófilo Xavier. Deve ter sido um homem feio. Qualquer desgraça o envolveu, possivelmente. Não podia ser uma desgraça vulgar, porque nenhum desgraçado de pequeno calibre passa a vida inteira conhecido como o "Poeta Macaco". E o meu poeta favorito tinha essa alcunha. Vejam agora o outro poema. Desejo de todo coração que esteja na íntegra, mas não posso dar garantias.

"Amâncio, âncio. Que nas nuvens puvens,
Quando te vejo, beijo Veja visto Cristo,
Da coma, foma, No oceano
Da pitanga, anga. Menino fino, Manga."

Esse poema eu entrego a vocês, completamente. Não me pertence tanto quanto o outro, a não ser quando fala nas "nuvens puvens". "Puvens" me dá uma idéia tão exata de vaporosidade que qualquer dia vocês me encontrarão por aqui falando em coisas "puvens". Mas não quero falar dessas coisas e sim do poeta. Tendo sido um precursor, êle praticamente não existiu. Não era, quando os outros eram. Quando surgiu o futurismo êle continuou não sendo. O futurismo acabou e êle não foi. Eu o vejo, nitidamente, perdido dentro da sua poesia, inventando, inventando, arrancando palavras de onde antes eram apenas sons. Compondo versos e sendo chamado de poeta, mas também de macaco. Enternecidamente eu contemplo de longe o volume de versos (sabe Deus se as traças não deram cabo dêle), dormindo esquecido na Biblioteca de Campos. "Nuvens do Oceano". E enquanto as meninas da época ainda decoravam os versos das "Espumas Flutuantes", êle arrancava efeitos sinfônicos de coisas que não existiam. Também é dele isto aqui:

"Galhadas de elefantes orquestradas
Na cúpula da História Universal!"

Ah, poeira, ah, covardia, ah, trem!

LUCIA BENEDETTI

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO:

E falemos agora de poesia (Lucia Benedetti)	3
Do Realengo às Agulhas Negras (Umberto Peregrino)	20/21
Oscar Clark (Berilo Neves)	26

BIOGRAFIA:

A vida de Lutero (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	28
---	----

HUMORISMO:

Bom humor	14/15
-----------	-------

REPORTAGENS:

Dom Viçoso era quem tinha razão! (Milton Pedrosa)	6/13
James Mason, o grande "astro" britânico da tela	24/25

CONTOS:

A megera domada (H. G. Wells)	16
Uma voz (Luigi Pirandello)	22/23
Um aro de ouro (Hercília Lins)	29
Pierrot no Carnaval (Moysés Duck)	46

DIVERSOS

História do Brasil à maneira americana (Alberto Rangel)	27
Dos tamoiós aos cariocas (Floriano de Lemos)	34

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	17
Cancioneiro Internacional	50
Música	52

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	35
O espírito feminino através dos tempos	36
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	37
Muro das lamentações	40
Mães e filhos (Zóia de Laet)	41
"Week-end" na cozinha (Mary Cook)	44
Caixa de ressonância (R. Magalhães Junior)	45
Crônica de Paris (Olga Obry)	48

FOLHETIM:

"Um porto remansoso" (Olive Higgins Proudy e George Tetzl)	57/58
--	-------

ILUSTRAÇÕES:

Orlando Mattos, Armando Pacheco e Armando Moura.

NOSSA CAPA

Apresentamos hoje na capa da "REVISTA" a insinuante figura de Adele Jergens, a lindíssima "estrela" da Columbia. Adele, aliando à sua plástica impecável uma beleza radiante, é uma das figuras mais simpáticas de Hollywood, estando fadada a alcançar grande sucesso no ambiente artístico da meca cinematográfica. Depois de "O amor voltou", e "Aladim e a Princesa de Badgad", teremos a oportunidade de vê-la em "Sedutora" e "A Dama de Tanger", todos da Columbia.



a semana *EM REVISTA*

SERÃO MESMO BRASILEIROS ESSES RECÉM-CHEGADOS DA ALEMANHA?



Passou esta semana pela Guanabara o navio "Santarem", em viagem para os Estados do Sul, levando a bordo várias centenas de alemães que estão sendo repatriados como brasileiros. As notas sobre a repatriação não esclarecem se os cidadãos que por aqui passaram nasceram no Brasil e viveram sempre na Alemanha ou se nasceram e viveram lá e se aproveitaram agora de parentes teutos que residem em Joinville, Blumenau e outras cidades para requererem "repatriamento". O que está claro é o seguinte: todos esses cidadãos até a derrota dos nazistas pelas forças aliadas nunca se lembraram de que não eram alemães. Duvidamos mesmo que algum deles tenha se oposto ao fascismo de Hitler. Não sabemos se pelo menos um teria feito parte de algum movimento de "underground" semelhante aos dos "maquis" da França. Eles poderão alegar que debaixo daquele regime de força seria impossível optar por outra política que não a do governo. Entretanto — e isto é bom não esquecer — ninguém na Europa, a partir de 1937, tinha ilusões a respeito da marcha da Alemanha para a guerra. Até então, qualquer desses cidadãos que chegam hoje ao Brasil reclamando abrigo em uma pátria que sempre ignoraram, poderia mu-

dar-se para o nosso país. Nenhum fez isso. Os alemães que por aqui aportavam eram agentes disfarçados do nazismo. Quando o "Santarem" fundeu em Recife houve choros patéticos das "frauleins" que davam graças a Deus por terem encontrado "sua pátria". Vamos deixar o sentimentalismo de lado — coisa que temos em excesso — e investigar direitinho as idéias e os planos dessas centenas de alemães. O fascismo indígena contava com redutos poderosos nas cidades de Joinville e Blumenau, onde os alemães fazem maioria da população. Seria acaciano repetir que o Brasil precisa de braços para a sua lavoura e para a sua indústria. Precisamos, porém, de agricultores e operários de espírito brasileiro, que falem português e conheçam as coisas nossas. Centenas de filhos de teutos radicados no Paraná e Santa Catarina chegam à idade adulta sem conhecerem outro idioma que não seja o alemão. A Comissão de Seleção de Imigrantes nos campos da UNRA fracassou completamente, selecionando cantores e músicos para a lavoura. A Missão Militar Brasileira em Berlim descobriu dezenas de passaportes falsos fornecidos a nazistas que pretendiam morar temporariamente, talvez — neste lado do Atlântico. Teriam sido descobertas todas as fraudes? Esperemos que o Itamaraty não tenha se equivocado, remetendo-nos uma leva de fascistas. É curioso notar-se que, entre as centenas de nomes alemães que perfazem a lista de passageiros, os "Adolfs" são inumeráveis. Isto pode não servir de argumento, mas bem pode ser um indicio do fervor dos pais pelo ex-propulsor da Grosse Deutschland...

A CRISE DO TEATRO, EM SÃO PAULO E NO RIO



Com a demolição do velho teatro Boa Vista, ficou verdadeiramente dramática, — sem trocadilho, — a situação do teatro em São Paulo. A capital paulista, com um milhão e quinhentos mil habitantes presentemente conta com dois teatros apenas, o Santana e o Municipal. O Parque Antártica, que abrigava generosamente as companhias de revistas, também foi demolido e não teve substituto. O Rio de Janeiro, com uma população um pouco maior e com onze teatros, ainda assim necessita de melhores e maiores casas de espetáculos. Imagine-se o que é São Paulo com a enorme população citadina e apenas dois teatros. As companhias procedentes do Rio tinham e têm que fazer fila durante meses para conseguir se alojar nos dois únicos palcos ali existentes. Finalmente, o atual prefeito, senhor Paulo Lauro, compreendeu a situação absurda da capital bandeirante e comprometeu-se agora a dotar a cidade dos teatros necessários. Segundo o diretor do Departamento de Cultura da Prefei-

tura de São Paulo, pelo menos dez casas serão necessárias para solucionar a crise. Na impossibilidade material de fazer construir dez grandes casas, a Prefeitura entrou imediatamente em conversações com os proprietários de alguns cinemas, que serão imediatamente transformados em teatros, depois de sofrerem rápida adaptação. O Cine Paramount, na avenida São João, será convertido no Teatro-Escola Municipal de Baile e será destinado a representações coreográficas. É idéia da Prefeitura de São Paulo construir ou adaptar os cinemas fora do centro em pequenos "teatros de bairro", desde que a capacidade de lotação dê para manter um regular elenco. Com isso a municipalidade infiltrará o teatro nos bairros proletários. Aqui, no Rio, com um pouco de boa vontade, poderia ser feito o mesmo. E até com mais vantagem, pois há grandes bairros caríolos, como a Tijuca e Copacabana, onde o aglomerado humano é intenso. O primeiro teatro do bairro do Rio, o "Teatrinho Íntimo" de Copacabana, deveu-se à iniciativa particular. Outro, ótimo, o do Cassino Copacabana, está fechado... Vamos ver se a iniciativa do prefeito de São Paulo anima os nossos múltiplos e inoperantes departamentos teatrais da Prefeitura e da União a dotar o Rio com alguns bons teatros.

QUANDO APRENDERÃO A SER BONS POLÍTICOS?



Alguns deputados de dois Estados do Norte — Pernambuco e Piauí — estão exibindo a todo o país uma absoluta falta de compreensão dos seus deveres para com o povo, de compreensão do mandato que lhes foi outorgado pelo voto popular. Os seus eleitores desejam que eles trabalhem pelos Estados em que foram eleitos e, em vez disso, os ilustres paredros se engalfinham numa politicagem estéril. A UDN em Pernambuco obstruiu durante mais de um ano a posse do candidato eleito pelo PSD e, ainda agora, depois de diplomado pelo STE o senhor Barbosa Lima Sobrinho, continua com recursos estéril. Por sua vez o PSD no Piauí entrou em guerra desleal contra o governador Rocha Furtado, eleito pela UDN. Baseado o PSD em sua precária maioria na Assembléia Legislativa daquele Estado (maioria apenas de um voto) conseguiu em duas sessões realizadas às pressas tornar lei o recurso de "impeachment", recurso este que já foi julgado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Eleitoral. Promovendo julgamento por

um tribunal misto, de magistrados e parlamentares, o PSD piaulense deseja nada menos que afastar da governadoria o senhor Rocha Furtado, eleito por maioria esmagadora pelo povo daquele Estado. Note-se ainda que deste juri inconstitucional seriam juizes um irmão, um cunhado e um genro do presidente do PSD do Piauí. Bastaria isto para se avaliar da falta de idoneidade do juri. Este caso do Piauí torna-se mais grave porque compromete a realização prática do acordo inter-partidário assinado há pouco nesta capital. O diretório nacional da UDN impôs, como compromisso de honra, aos dirigentes nacionais do PSD que exigissem dos seus próceres naquele Estado a suspensão da farsa do "impeachment" e isto lhes foi plenamente assegurado pelo senhor Nereu Ramos, presidente do partido majoritário, que se tornou fiador do prometido. Assinado o acordo, em nada se modificou a atitude no Piauí, dos correligionários do vice-presidente da República. O desrespeito desses pessedistas desmoraliza não só o governo do Estado, onde o governador não pode governar, mas também a pacificação política nacional, fraudando vergonhosamente um termo de boa convivência, recém-assinado. O povo de Pernambuco e do Piauí está esperando que os seus representantes exerçam a função para a qual foram eleitos, em plano elevado e com respeito mutuo. Já é tempo de deixarem de atitudes de vinditas tolas e mesquinhas...

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 6 — 7-2-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turin de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Via aérea de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5603

Corr. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 9º andar — Sala 317

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.ª dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULLANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela veracidade da informação quando usada não publicada



O mundo recebeu, com grande tristeza, a notícia da morte de uma das grandes figuras da humanidade em todos os tempos, — Gandhi, a quem é consagrada, esta semana, a nossa "Caixa de Ressonância". O grande líder foi assassinado em Nova Delhi por um fanático, ao fim de mais uma longa provação, — um jejum que quase lhe custou a vida, com o intuito de pacificar muçulmanos e indus. Acredita-se que a C. C. P. voltará a tabelar as bebidas e refrigerantes, inclusive durante o carnaval, afim de evitar o abuso que está havendo desde que foi abolido o tabelamento. Os bares cobram pela mesma cerveja Cr\$ 4.50, Cr\$ 5.00 e Cr\$ 6.00 quando o preço de custo é o mesmo, Cr\$ 2.70 a garrafa (no caso por exemplo, da Brahma Chopp). Certos botequinhos não se contentam com lucros inferiores a cem por cento... Causou espanto o protesto de dois títulos da Companhia Nacional de Motores, sendo um na importância de dezesseis mil cruzeiros, processado no 1.º Cartório e outro de dezeto mil cruzeiros, processado no 2.º Cartório. Quando o governo procura captar a confiança do público para a aquisição de ações das grandes empresas amparadas pela União, como a Companhia do Vale de São Francisco, fatos como esse são contristas, porque geram desconfiança... O Juízo de Menores oficiou ao chefe de Polícia, solicitando providências junto às Delegacias de Costumes e Diversões e de Menores no sentido de sustar a realização das festas carnavalescas do Clube de Regatas do Flamengo, até que este se quite com a Fazenda Nacional. Há dois anos, o Flamengo foi multado por um comissário de Menores e até hoje não pagou a multa devida. Senhores do "Dragão Negro"! Movimentem-se para a obtenção dos fundos, sob pena de não haver carnaval no Tri-campeão... O general do exército português, Marques Godinho, de 70 anos de idade, estava preso pela Polícia de Salazar em um hospital-presídio. Contra autorização dos médicos, o governo transferiu-o para a prisão comum de Trafaria, vindo o general a falecer. Sua esposa, corajosamente, culpou o governo pela morte do marido e o governo, em resposta, encarcerou-a como criminosa comum... O legislativo do Rio Grande do Norte aumentou as verbas da Força Policial para mais Cr\$ 1.000.000.00 e do Departamento da Fazenda para mais Cr\$ 411.300.00. Afim de equilibrar o orçamento diminuiu as verbas do Departamento de Agricultura (o algodão é a grande força do Estado) e da Saúde Pública (menos Cr\$ 333.960.00 anuais). Atualmente morrem quinhentas crianças em cada mil no Rio Grande do Norte... Talvez a nova Força Policial dê jeito nisso... No Iracue houve distúrbios motivados pela ojeriza dos árabes ao mandato inglês. Na Colômbia, teme-se revolução. Continua a luta na China. Esta é a paz pela qual tantos lutaram... Agrava-se a carência de combustível líquido nos Estados Unidos, embora a produção petrolífera naquele país tenha aumentado em mais de cinquenta por cento no último decênio... A imprensa do Rio está se batendo para que se limite o número dos "em pé" nos gostosões. Esperamos que o senhor Estrela compreenda a necessidade... A "Light" anda gastando um dinheirão em publicidade, mostrando a barateza das passagens dos bondes. Isso é golpe psicológico para novo aumento. Cuidado, senhor prefeito, tentam derrubar o seu despatcho!... Por falar em "Light" é bom não esquecer que essa empresa solicitou fiança do Congresso para o empréstimo que pretende fazer no Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, na importância de cento e oitenta bilhões de cruzeiros... Continuando a limpeza dos bares e restaurantes do Rio, os "comandos sanitários" fecharam por vinte e quatro horas a "Casa Hanseática" na Praça Mauá, onde entre outras coisas um empregado lavava a lata de lixo na mesma pia onde eram lavados os pratos e os legumes para as saladas... O deputado João Cleo-

las justificou o seu voto contra o aumento dos vencimentos dos funcionários civis e militares, argumentando que não se previu onde o Tesouro buscará cobertura para a nova despesa, de setecentos e cinquenta e cinco milhões de cruzeiros anuais, em quanto importará, no mínimo, aquele aumento... A água chegou meia hora depois de lavrado o incêndio em um depósito de café, à rua General Caldwell. Resultado: prejuízos totais. A assistência chegou uma hora após de chamada para um desastre ocorrido na Praça Paris. Resultado: a jovem Bronislawa Yugris, ao entrar no Pronto Socorro, faleceu... Quatro investigadores foram presos em flagrante pelo íntegro delegado Dulcídio Gonçalves que os achou jogando "ronda", com paradas fortes, dentro da própria delegacia do 1.º Distrito Policial. E o jogo acabou por decreto! Pois, sim... Brevemente teremos que criar uma polícia para vigiar outra polícia... O gabinete Schuman continua agindo com firmeza na política de depreciação do franco. O Congresso aprovou a lei que tornou sem nenhum valor as notas de 5.000 francos. Coitados dos "tubarões" franceses!... De acordo com o recenseamento realizado há pouco na Argentina, ficou constatado que é um dos poucos países em que existem mais homens do que mulheres. Na Terra do Fogo, por exemplo, existem três homens para cada mulher. Aviso às solteirinhas: existem ótimas rodovias de Buenos Aires à Terra do Fogo... Maria Belmar, recém-chegada dos Estados Unidos (Maria Belmar diz que é atriz, embora ninguém saiba disso) declarou a um vespertino que Carmem Miranda começou a fracassar no cinema americano. "Sossega" Maria! Quem dera que você tivesse metade da popularidade da "pequena notável"... O poeta chileno Pablo Neruda, senador comunista no seu país, continua passando máus quartos de hora com o governo do presidente Gonzalez Videla. Querendo se exilar na Argentina, o cônsul da terra de Perón se recusou a visar-lhe o passaporte... O Conselho Nacional de Imigração e Colonização, depois do fracasso com os imigrantes alemães e austríacos, tentará trazer para o Brasil agricultores e artífices holandeses e italianos. Cuidado, doutor Jorge Latour, para que os artífices não sejam apenas joalheiros de Amsterdam e os agricultores não sejam tenores camuflados do Scala de Milão... Dois diretores do Frigorífico Swift, por terem desrespeitado a Comissão Estadual de Preços, foram presos pela polícia paulista e passaram uma noite na Casa de Detenção. A polícia paulista não pesca somente peixe morto. Também caem na rede os "tubarões"... Continua a luta do estudante negro norte-americano Heman Sweatt contra o poder público. Há dois anos Sweatt quis matricular-se na Universidade do Texas. Foi-lhe negado ingresso devido à sua cor. Ele protestou, alegando inconstitucionalidade da proibição. Como solução o Estado do Texas construiu uma Universidade só para negros. Mas Sweatt é teimoso. Não quer aquela. Insiste pela outra e ao seu lado levantaram-se doze milhões de negros norte-americanos. O caso ameaça terminar na Suprema Corte dos Estados Unidos. O problema racial na América do Norte é de resolução mais difícil que o do controle da bomba atômica... O Rei Momo fez sua entrada triunfal na cidade, apesar de todos os problemas gravíssimos daqui e do resto do mundo. Concedeu moratória aos aflitos e aos tristes... Tudo ficará para depois do carnaval. Inclusive esta seção. Até sábado, na Quaresma...



No dia seguinte...

E muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de **REVISTA DA SEMANA** contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

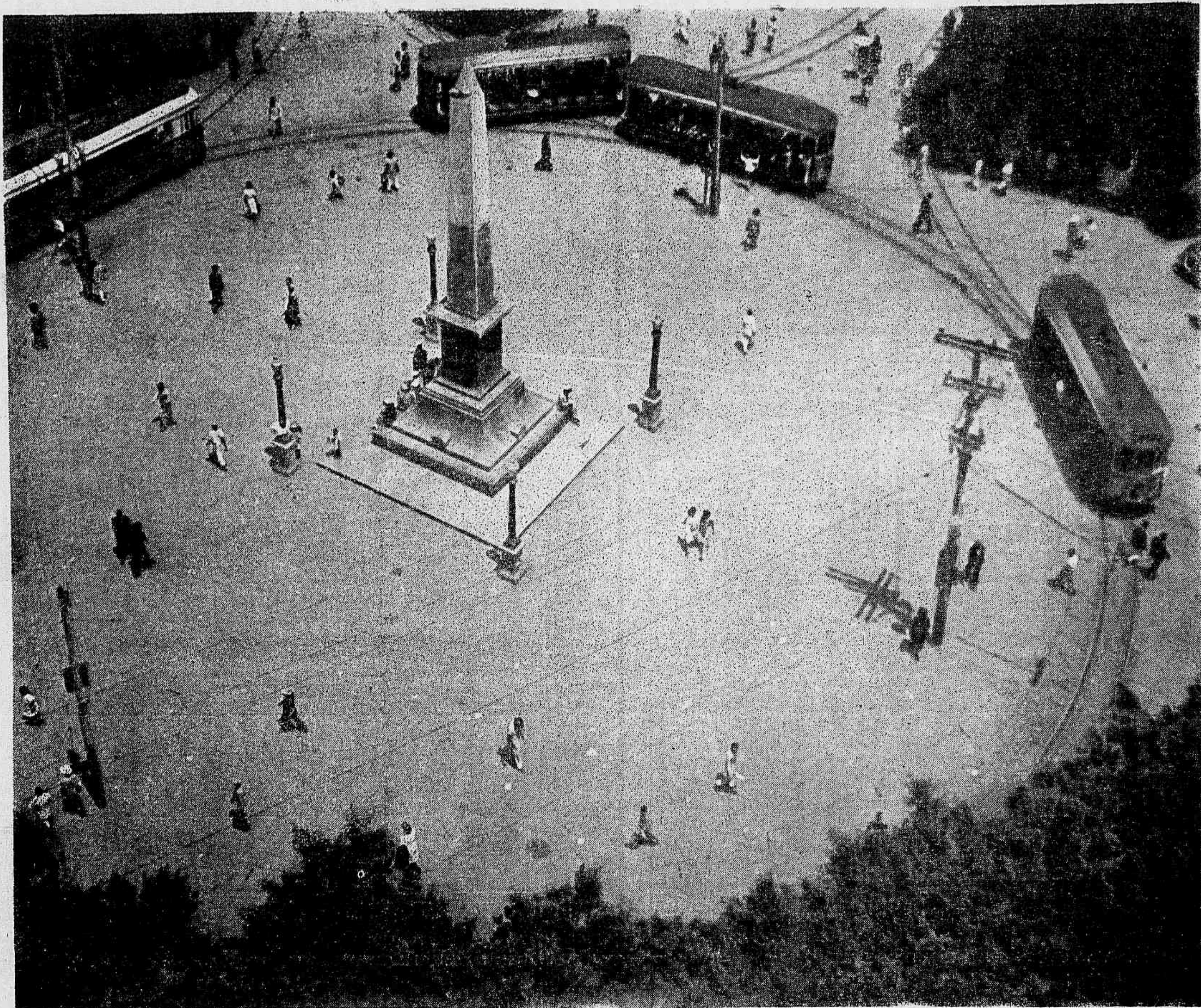
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de **REVISTA DA SEMANA** não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope, — **"Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"**.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Ao alto: O Obelisco é familiar e pilhericamente chamado o "Pirolito". Fica no centro da cidade. Todos os bondes de Belo Horizonte, sem exceção, passam aqui, na Praça Sete, onde a gente discute política e até faz negócios... Na página ao lado: Quem desce do trem em Belo Horizonte, tem pela frente este jardim da Praça Ruy Barbosa.

DOM VIÇOSO ERA QUEM TINHA RAZÃO!

"AINDA VEREMOS ÊSTE SOLO VENDIDO A METROS POR ALTOS PREÇOS" — BELO HORIZONTE, A CIDADE-MENINA, QUE ACABA DE FAZER CINQUENTA ANOS, E SUAS ORIGINALIDADES — DEPOIS DE MEIO SÉCULO DE SUJEIÇÃO, O PRIMEIRO PREFEITO ELEITO — OUTRAS NOTAS

Por MILTON PEDROSA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)



O primeiro prefeito eleito: o ex-ministro do Trabalho, sr. Octacílio Negrão de Lima. Belo Horizonte, ao fazer 50 anos, ganhou a autonomia como presente de festas. O Rio fez 381 anos e, no entanto, não ganhou...

UMA cidade é como um rio. Parece que alguém já disse isso. Não me lembro quem. Mas somente agora o senti. Senti colhendo o material para esta reportagem. Quanta coisa acontece numa cidade!... Uma cidade carrega milhares de vidas. Além disso, tem a sua própria vida. Cada rua, cada casa, cada pedra tem sua história. Uma cidade nasce, vive e também morre. Milhares de coisas, grandes e pequenas, descortina a nossa vista quando olhamos uma cidade. É a história do primeiro homem que a habitou, da primeira casa que se construiu, da primeira rua, do primeiro bonde. Há também a primeira igreja; escolas, teatros, cinemas, parques, edifícios públicos; os que a governaram, os que nela nasceram, os que nela morreram, os que vieram e os que se foram; operários, o sindicato, os cientistas, faculdades, chafarizes, o primeiro jornal, os dramas coletivos, as tragédias ignoradas. Tudo isso há numa cidade. Nela tudo vem ter. É como um rio. E assim é Belo Horizonte.

ASSIM ERA NOS BONS TEMPOS

E assim é Belo Horizonte, que no começo nem era uma cidade nem se chamava Belo Horizonte. Denominava-se, sim, Fazenda do Cercado e era propriedade de João Leite da Silva Ortiz. Mas, atraída pelo ouro, pela fama das minas, começou a afluir gente de toda parte e, com o tempo, a fazenda transformou-se num arraial, que se chamou de, Curral del Rei, isto porque ali se encunhalava o gado procedente dos sertões da Bahia e do S. Francisco, para ser contado e pagar impostos em Sabará. Daí em diante o arraial só fez crescer, enriqueceu o seu fundador, que foi morrer em Pernambuco, virou distrito de Ordenança, freguesia, vila, distrito de paz, e por aí se foi, até cumprir o vaticínio do padre Francisco de Paula Arantes: «A natureza criou este lugar para uma famosa e linda cidade, se algum dia for auxiliada esta lembrança»; e o outro do nada aéreo bispo d. Viçoso, num sermão, em que declarou que sem tempo não muito remoto se ve-

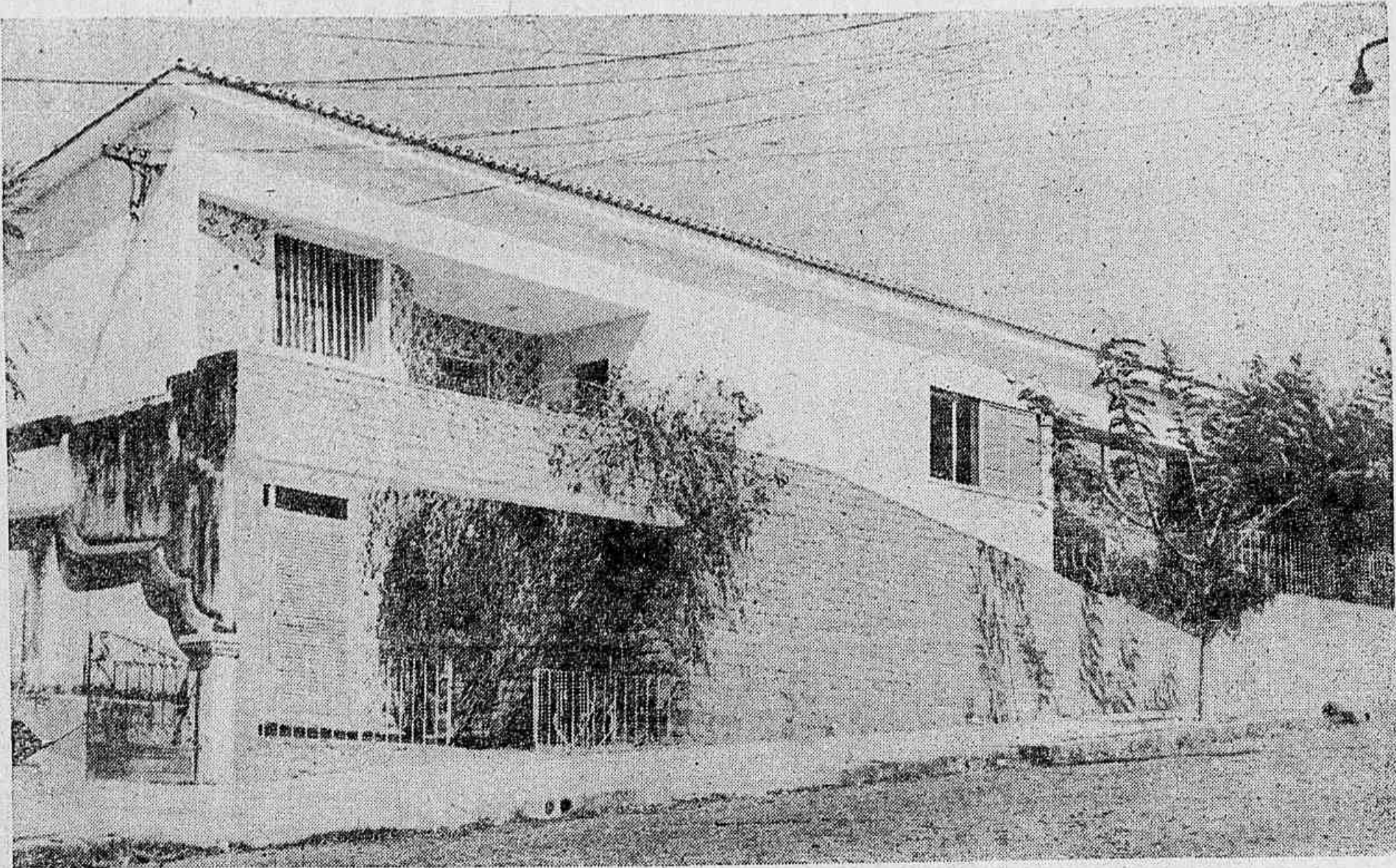
ria o solo do formoso arraial vendido a metros, por altos preços».

Também o nome tem sua história. Quando se tratou de mudá-lo, muita sugestão apareceu: Terra Nova, Santa Cruz, Nova Floresta, Cruzeiro do Sul, Novo Horizonte. O último quase era vencedor. Decidiu João Pinheiro, que adotou a denominação proposta pelo professor Luis Daniel Cornélio Daniel de Cerqueira.

Já lá vai tempo. Então, no arraial, uma dúzia de ovos custava Cr\$ 0,20; um quilo de carne Cr\$ 0,32; uma garrafa de leite Cr\$ 0,20. Corria o ano de 1890. O arraial possuía cerca de 3.000 habitantes. Como diz um historiador, «o homem horizontino em geral não era bonito, nem vigoroso». Atribuía-se o fato, uns, ao entrelaçamento das famílias pelo casamento; outros, a falta de conforto.

Assim era o arraial. Hoje, se as cidades tivessem carteira de identidade, a de Belo Horizonte poderia trazer os seguintes assentamentos, que muito facilitariam o pronto reconhecimento pela polícia:





Aqui reside, em uma casa projetada por Oscar Niemeyer, o secretário do Interior de Minas e antigo presidente da Câmara dos Deputados, sr. Pedro Aleixo. É uma das modernas construções de Belo Horizonte.

Belo Horizonte: capital do Estado de Minas Gerais. Sinais particulares — Superfície: 243.956.000 metros quadrados. Altitude média: 836 metros. População: 350.000 habitantes.

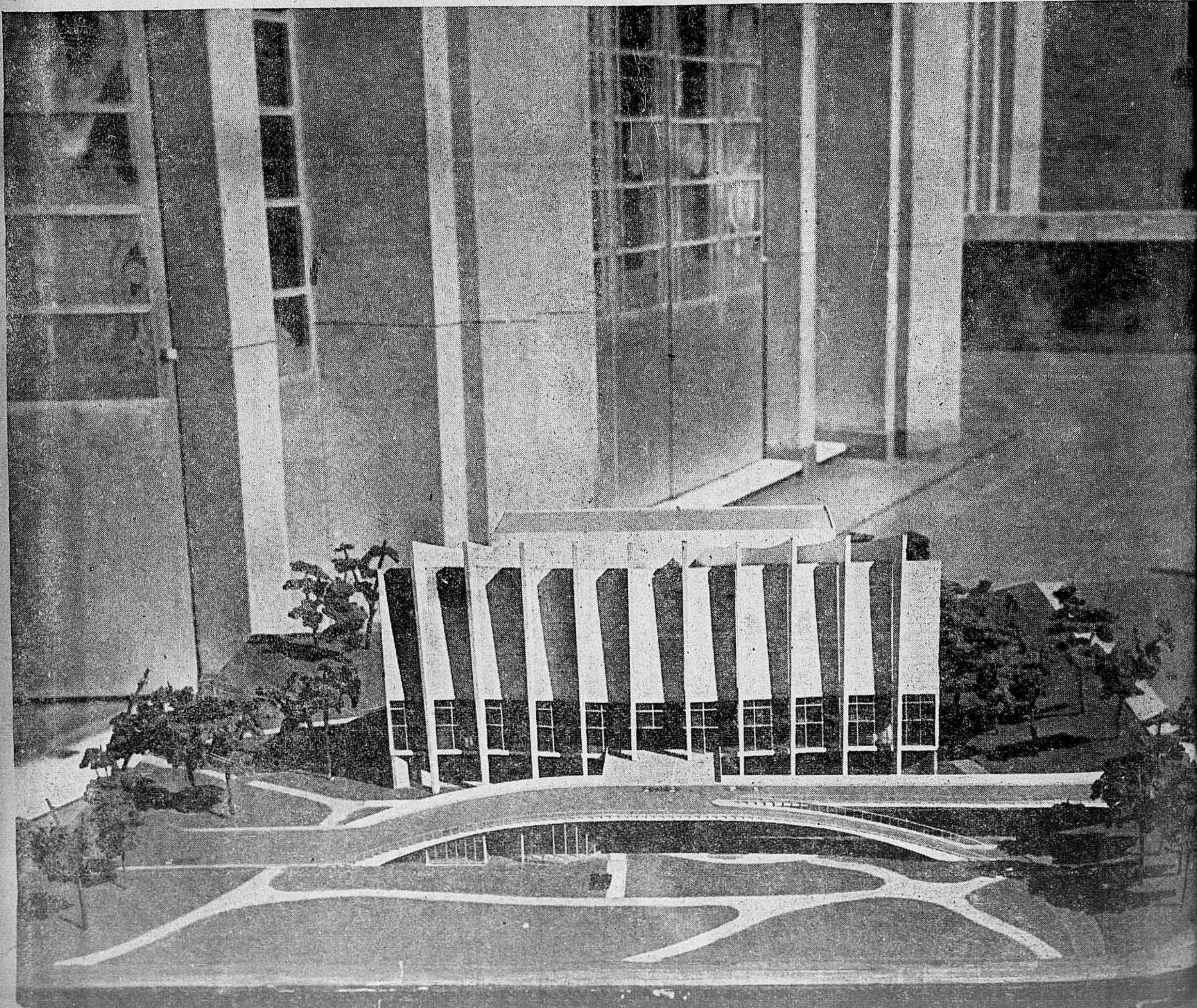
A MUDANÇA DA CAPITAL MINEIRA

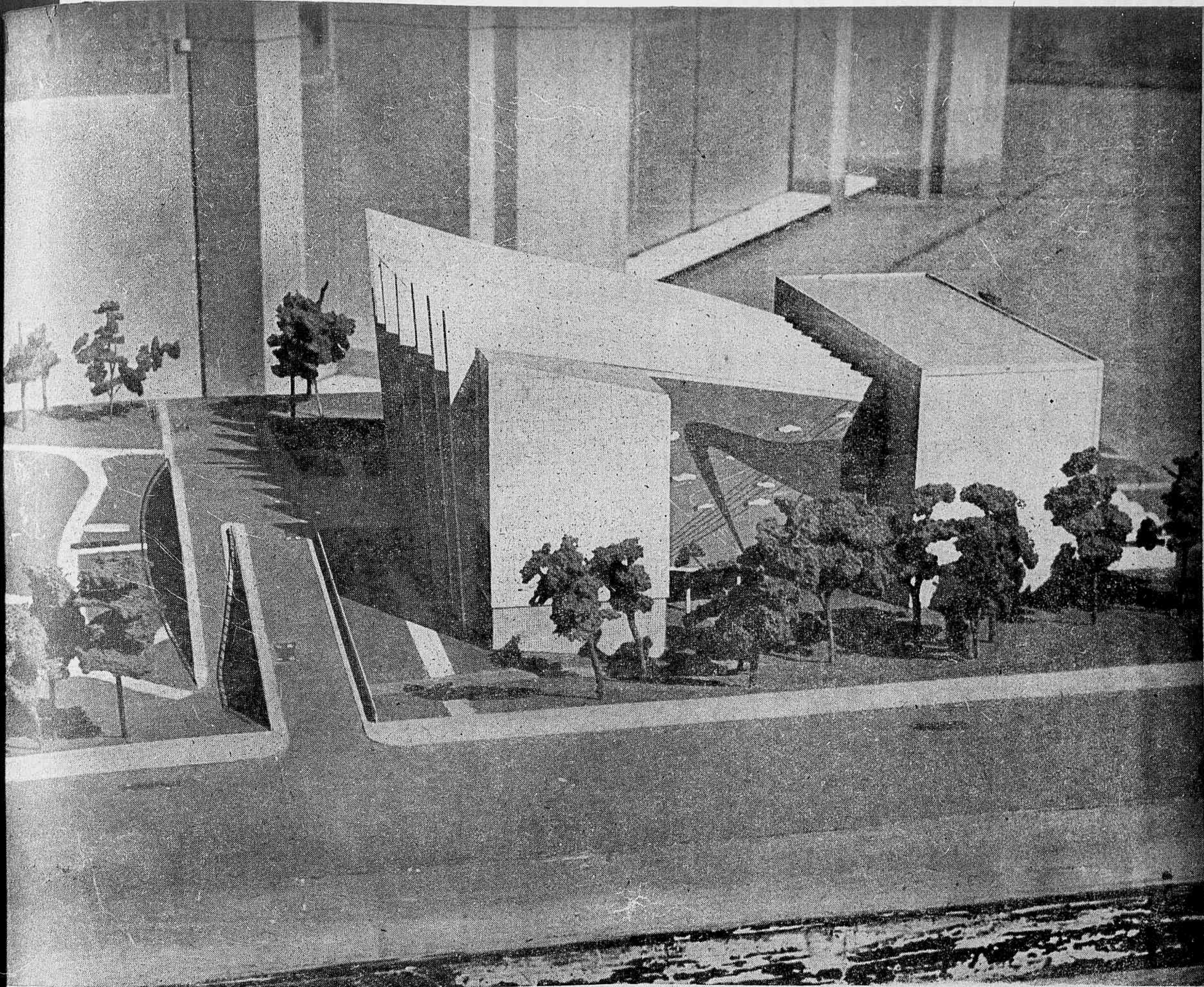
Foi em 1720 que nasceu a idéia da mudança da capital de Vila Rica para outro local. O conde Assumar

pensou em transferi-la para Cachoeira do Campo. Vila Rica crescia, o lugar encontrava-se constantemente envolvido em rebeliões e motins e o governo queria estar a salvo de quaisquer surpresas. A idéia foi

proposta ao rei, que não se deu o trabalho de nenhuma providência ou assentimento. Houve ainda o projeto dos Inconfidentes, pois a mudança da capital era um dos pontos do programa da Inconfidência Mineira. Como estas, outras tentativas fracassaram. No alvorecer da República, os estudantes mineiros entraram na luta pela mudança. Ouro Preto se defendia por todos os meios, através de campanhas célebres e que deixaram alguns ressaibos que afinal foram pouco a pouco desaparecendo. Uma luta entre coletividades momentaneamente inimigas. De um lado os ouropretanos, e do outro os que desejavam a mudança para a sua terra. Foi a lei nº 3, adicional à Constituição então vigente, que determinou a mudança da capital para Belo Horizonte, então denominada Minas — outro de seus nomes. A mudança devia ser efetuada dentro de 4 anos improrrogavelmente. Restou, assim, alguma esperança aos ouropretanos, que acreditavam na inviabilidade do projeto. Mas veio a nomeação da comissão construtora, a ação do governo, o início dos trabalhos, o término das obras e, enfim, a mudança em 1897. A 12 de dezembro daquele ano a

Perspectiva da "maquette" do Teatro Municipal de Belo Horizonte, — uma grande obra que ficou interrompida, com grande desgosto para o povo de Belo Horizonte e para os nossos meios artísticos.





Esta é a "maquette" do belo e original Teatro Municipal de Belo Horizonte. É de autoria de Oscar Niemayer. Quando for construído, — e será mesmo? — o teatro ficará assim...

nova capital era oficialmente inaugurada.

PRIMEIRAS COISAS

O que se mudou primeiro? O que se fez em primeiro lugar? Perguntas de curiosos que dariam páginas e páginas de respostas, pois numa cidade que nasce, numa capital que se muda há uma série interminável de coisas que foram feitas pela primeira vez.

Vejamos isso, com relação a Belo Horizonte.

A primeira estaca oficialmente plantada na nova capital, saibam os curiosos, foi a 5 de março de 1894. Por esse tempo, havia dificuldades de transporte e este era feito em carros de bois ou em lombo de tropas. A primeira sociedade recreativa chamou-se «Clube Recreativo de Belo Horizonte». O primeiro concerto musical foi realizado em 1895, a 7 de setembro. O primeiro colégio particular denominou-se «Colégio Cassão». Houve também a primeira casa particular que se construiu na cidade. Foi a do sr. Carlos Monte-Verde. Neste prédio foi instalado ainda o primeiro hotel.

E, sobretudo, houve a primeira bicicleta. Nem lhes conto, leitores... Foi um sucesso. Era uma bicicleta «Cleveland». Fez uma revolução. E

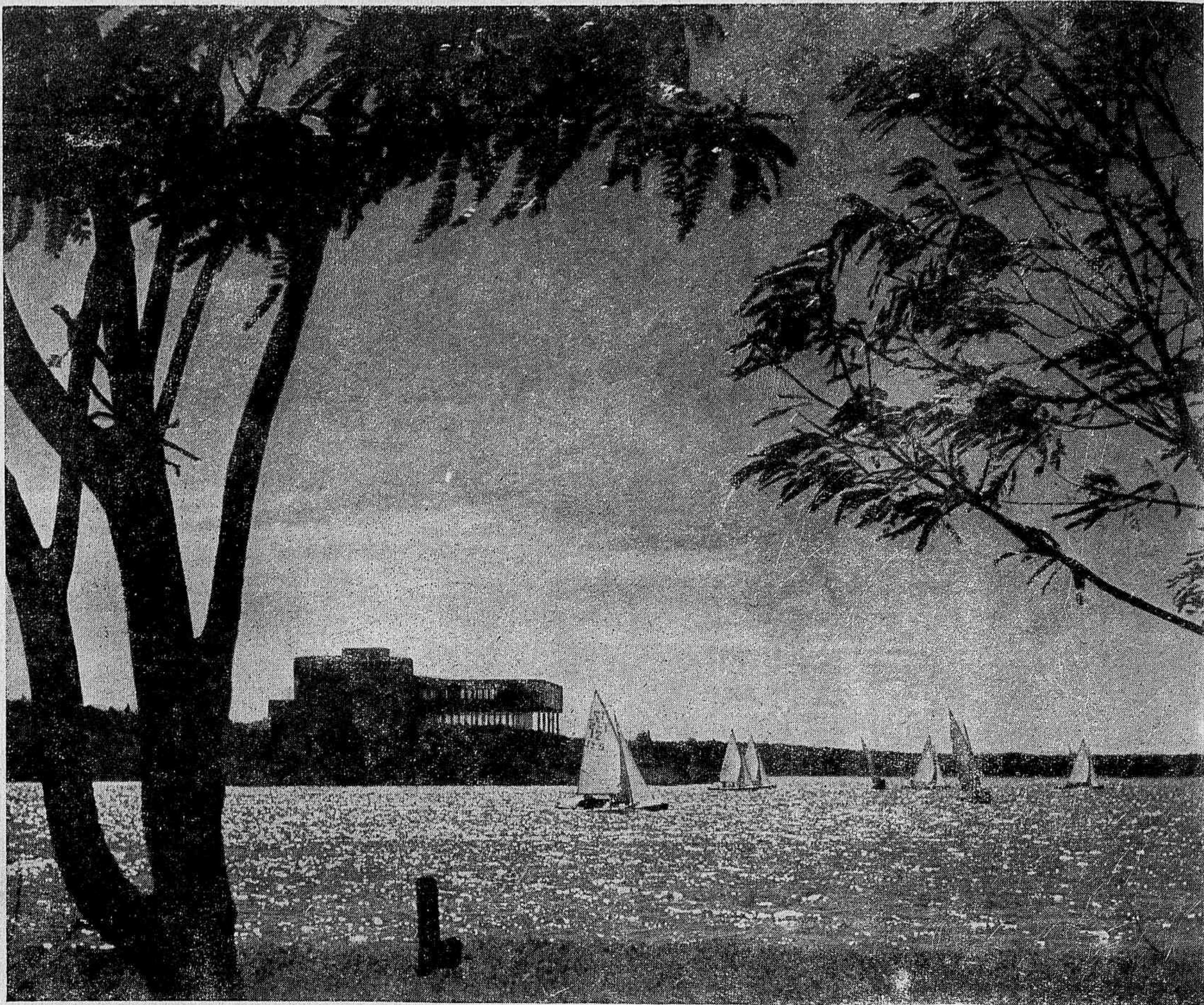
quem a trouxe para a cidade, em 1896, chamava-se Fernando Esquerdo, funcionário da Comissão Construtora, que fiscalizava os serviços em louca disparada sob as vistas dos admiradores. Foi ele responsável pela moda, pelo sinal de bom gosto,

que era pedalar pela cidade. E senhoras e senhoritas faziam o chique praticando o esporte. Os importadores ganharam dinheiro. E houve o primeiro carro de praça, as primeiras carrocinhas para a distribuição de pães, em 1895. E ainda a

primeira casa suburbana, a primeira banda musical, a primeira cervejaria, a primeira casa de ferragem, a primeira carpintaria, o primeiro jornal, a primeira revista. Provavelmente o primeiro suicida. Sim, houve realmente o primeiro suicida. Chamava-



Estas palhoças, em contraste com os luxuosos palacetes, são para Belo Horizonte o que as favelas são para o Rio: indicações de problemas sociais que ainda estão à espera de uma solução.



Ao alto: Velas abertas aos ventos, — aí estão os barcos de regatas nas águas plácidas do lago da Pampulha, contemplando o Cassino fantasma... Na página ao lado: Na Pampulha, esta figura de bronze contempla o lago calmo...

se Carolina de tal e era preta. Foi em 1898. Atirou-se dentro de uma cisterna e afogou-se, amigos. E já que falamos em mortos, falemos da primeira pessoa sepultada no cemitério do Bonfim, o cemitério definitivo da cidade. Trata-se da senhora Bertha De Jaegher, de 20 anos de idade, filha do engenheiro belga Joseph De Jaegher e de sua esposa, d. Catarina Sofia Clara Feldhaus, a 8 de fevereiro de 1897. O cemitério do Bonfim substituiu o cemitério provisório, o adro da Boa Viagem, onde — reza a crônica — a «terra cansada já não consumia bem os corpos», de tal modo que quando se tratava de um novo sepultamento apareciam à flor da terra restos humanos, mal decompostos.

E para terminar essa passagem, nada alegre, falemos, não do primeiro telegrafista, Aristóteles Xavier Caldeira, nem do primeiro extintor de incêndios, adquirido em 1897, e que jamais foi utilizado na construção da cidade, «nem mesmo do incêndio do Quartel, por falta de canalização de água», nem do primeiro cinematógrafo que se exibiu na capital, em 1898, falemos, sim, senhores, dessa coisa que é um nascimento. Pois o primeiro que sucedeu em Belo Horizonte foi o de uma menina. Em homenagem à cidade, chamou-se Minas Horizontina. Era filha do pintor Cândia Luigi e de sua esposa, d. Angela Goraci. Nasceu à 1 hora da manhã do dia 13 de dezembro de 1897. Hoje, casada, mãe de vários filhos, reside no Rio

E nem falemos de outras coisas...

ras. Há muitas. Principalmente numa capital que se muda, quando esta capital é ao mesmo tempo uma cidade que nasce, onde há necessidade de construções de edifícios públicos, há uma quantidade infinita de primeiras coisas.

Pois houve, sobretudo, neste país de pedras fundamentais, uma verdadeira avalanche de pedras fundamentais...

NOMES, APELIDOS E PEJORATIVOS

Mas uma cidade não é apenas isso. A cidade é como um rio. Nela tudo vem ter. Dela nascem muitas coisas. Nasce também a história. História que se espalha e que tudo abrange. Abrange inclusive o nome e tudo quanto lhe diz respeito. Assim é a capital de Minas, que um dia foi «Fazenda do Cercado», «Curral del Rei», «Minas» e hoje é Belo Horizonte. Esses eram os nomes. Mas os ouropretanos, os que não concordavam com a mudança da capital, davam-lhe outros nomes, davam-lhe apelidos, apelidos que diziam das suas contendas, das suas resistências, do seu ódio idêntico, ódio hoje esquecido, dissolvido na paz das montanhas, do ar puro e do céu limpo... às vezes.

Mas naqueles tempos, para os ouropretanos, Belo Horizonte não era senão a «Papudópolis», «Cretinópolis», «Poeirópolis» ou «Formigópolis». Hoje, tudo isso é passado. E a história conhece o que passou.

E por falar em passado, especula-se hoje quando e onde surgiu o adjetivo pátrio de Belo Horizonte, que uns preferiram «horizontino» a belorizontino. De qualquer forma o segundo alijou o primeiro, embora a razão não tenha sido, como querem alguns, o fato de «horizontino» evocar horizontal, sinônimo de uma palavra torpe. Seja como for, sobre o assunto o professor Aires da Mata Machado Filho, ao que parece, deu a última palavra. Filho de Belo Horizonte, é mesmo belorizontino, quer queira quer não.

UM PREFEITO E ALGUMAS ESTATÍSTICAS

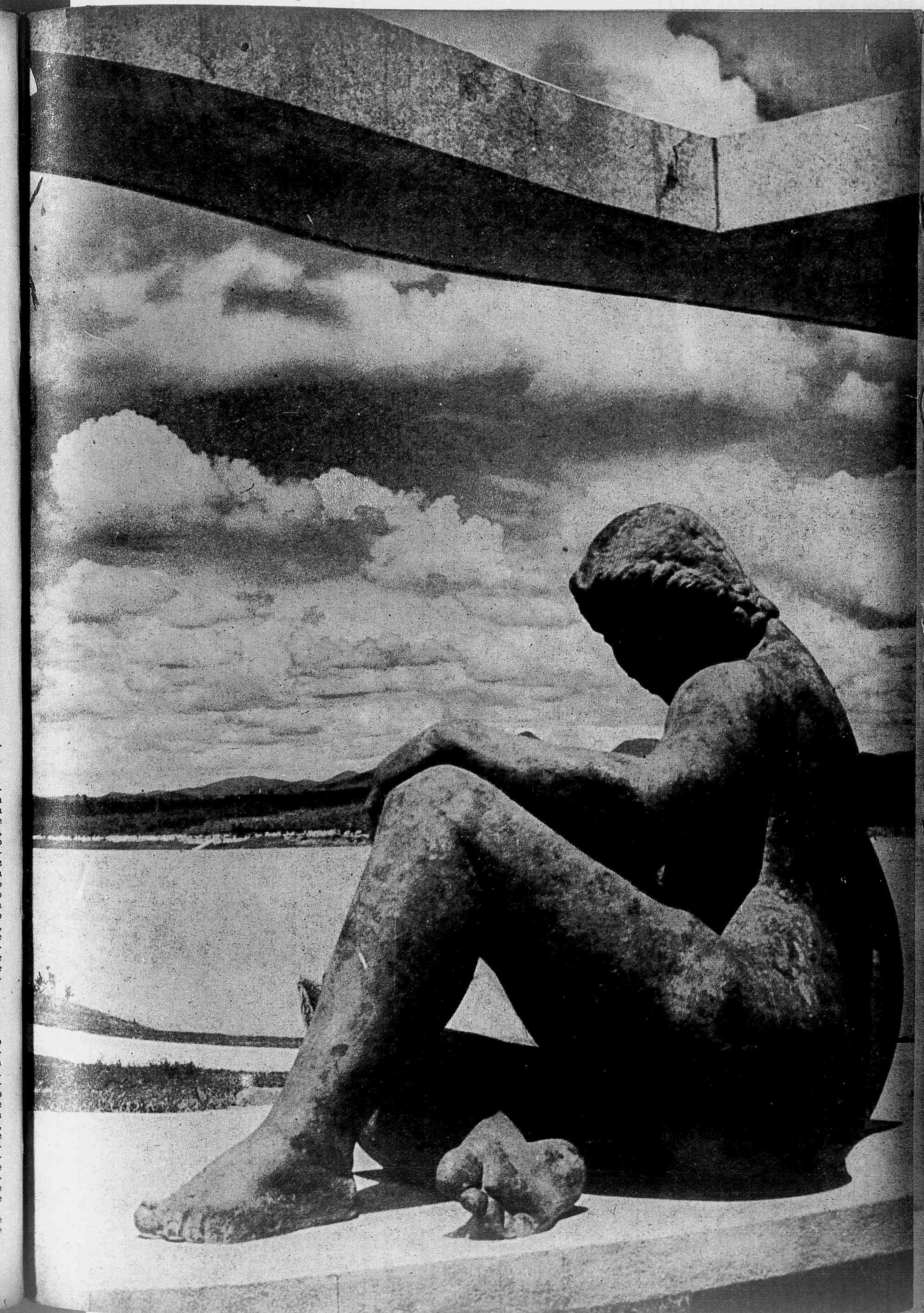
E assim vem crescendo a cidade. Ao completar o seu cinquentenário, um grande acontecimento marcou a sua vida. Pela primeira vez passou a ser administrada por um prefeito eleito. O seu nome é Otacílio Negrão de Lima, ex-ministro do Trabalho. Antes dele, vinte e nove prefeitos passaram pela capital mineira nesses cinquenta anos. Eram todos nomeados, homens de confiança dos governos do Estado. Mas o mundo marcha. Os homens que não votavam, que não podiam escolher o seu prefeito, passaram a votar. O caminho do rio é longo, dá voltas, porém segue adiante e um dia deságua no mar. Assim também é a marcha da democracia. Belo Horizonte é uma cidade que caminha. Tem apenas cinquenta anos. Na vida de uma cidade, esta idade é infância ainda.

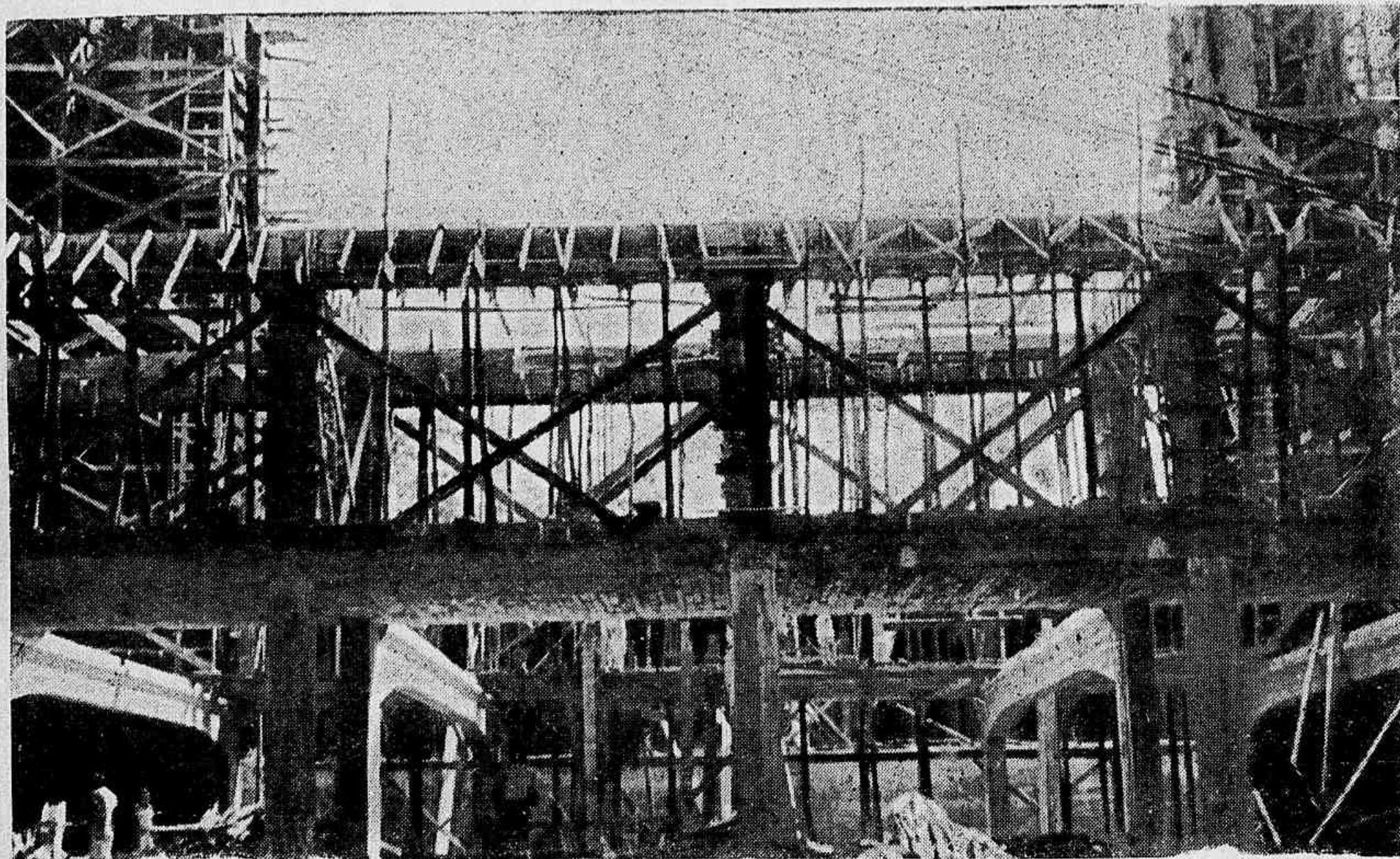
Aquela cidade, no dia de cuja inauguração o governo tinha gasto em obras Cr\$ 36.301.940,10, continua a crescer. A população cresce. Cresce e morre. No cemitério do Bonfim, até junho de 1947, já tinham sido enterradas 83.326 pessoas. Por outro lado, o último recenseamento diz que 20.908 operários trabalham na indústria da capital. Mas quando alguém, pessimista, fala contra o progresso lento da cidade, a primeira razão que encontra para explicá-lo é a falta de indústria. Na verdade, Belo Horizonte não é uma cidade industrial. Alta-lhe «fôrça». De certa maneira, ela ainda tem muito de cidade que foi tida como única e exclusivamente de funcionários, estudantes e militares.

COMO UM RIO

E assim é Belo Horizonte. Como um rio. A ela vêm ter as populações do interior e estas constituem a maioria dos habitantes da cidade. Mas também vêm turistas, industriais das grandes capitais do país ou do exterior. É uma cidade de contrastes. Casebres onde vegetam operários e camponeses desiludidos, são vistos pelos mesmos olhos que admiram as grandes vivendas, os últimos tipos de construção onde sobressai a marca da influência de Oscar Niemeyer na arquitetura mineira. A Belo Horizonte vem gente que procura negócios e gente que procura o clima.

E tudo isso tem ajudado a cidade a crescer e crescer tanto que se





espraiou até o famoso conjunto da Pampulha, elogiado por uns e maldito por outros. Não pelo conjunto todo, mas principalmente por aquilo que lhe deu o nome: o Cassino. En-

tretanto, um cassino era um velho sonho da cidade. Data mesmo da época das primeiras construções. Devia ficar localizado no Parque. Apenas os alicerces ficaram construídos

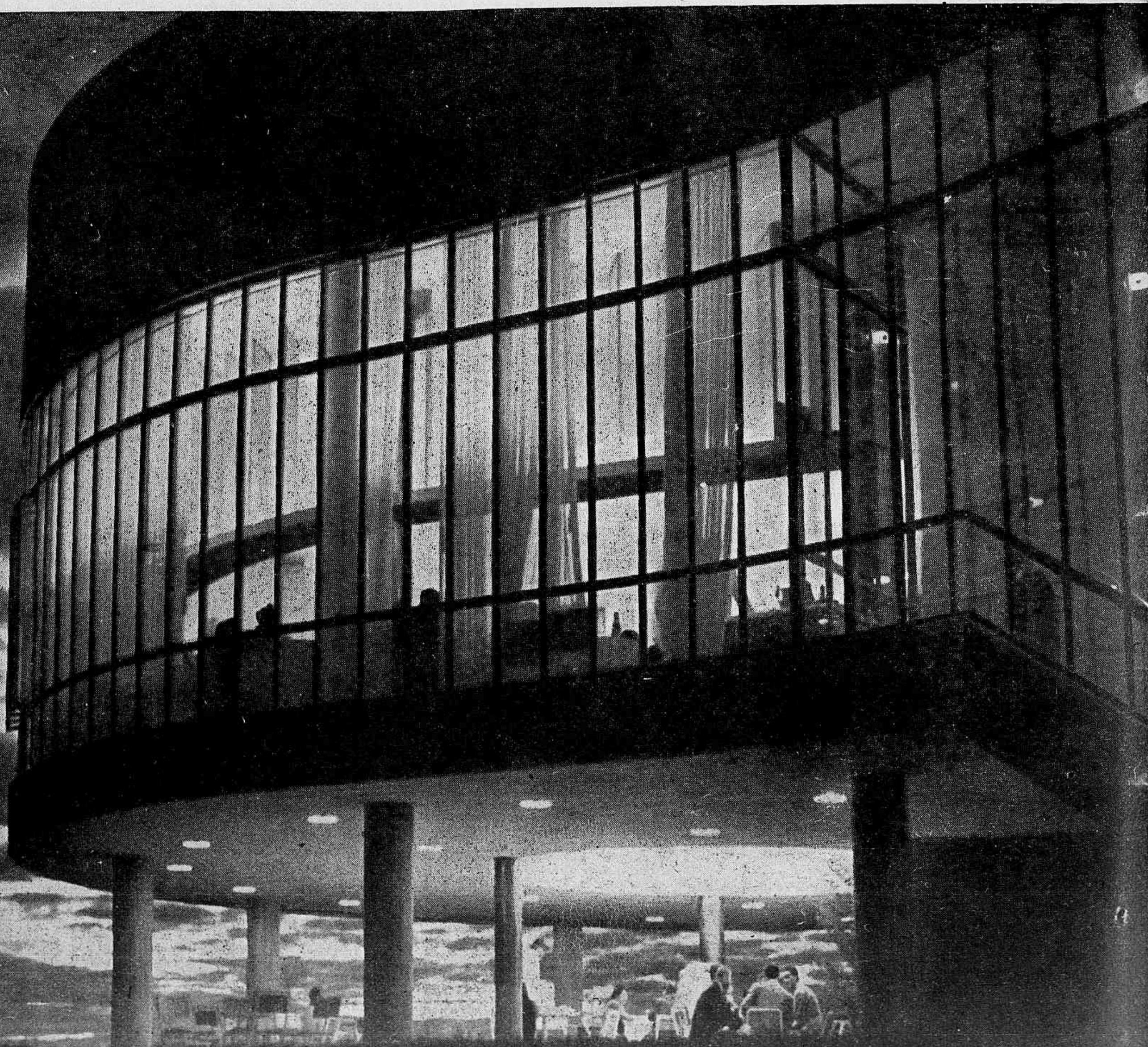
e gastaram-se neles mais de 17 mil cruzeiros. A obra foi abandonada por motivo de economia.

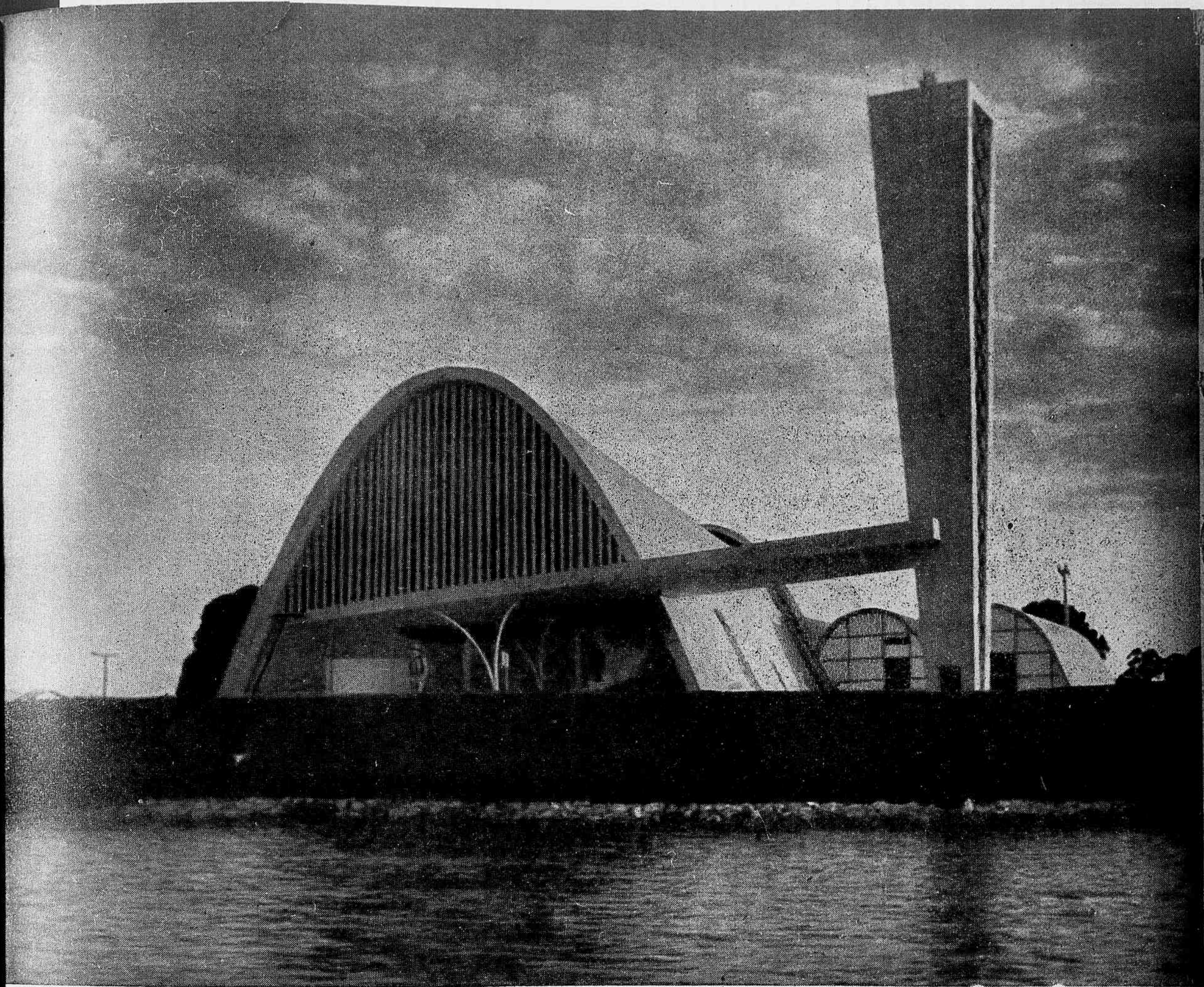
O conjunto da Pampulha teve para a cidade consequências tremendas

Estado em que se encontram as obras do Teatro Municipal de Belo Horizonte, interrompidas por falta de verba. A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais telegrafou ao prefeito Otacílio Negrão de Lima, pedindo a continuação das obras. O que serve à cultura e à arte, fica interrompido. Mas o Cassino da Pampulha, que servia ao jogo, esse encontrou recursos para ser levado até o fim, com um luxo de espantar a gente...

Muitas fortunas foram perdidas, a população de hairros longínquos passou a ter transportes, começou-se a cuidar delas, deram-lhes ônibus, deram-lhes bondes, a estrada foi calçada em mais de uma dezena de quilômetros, surgiu uma igreja incomum, diferente, um monumento artístico, agora tombado pelo Patrimônio Histórico, projetado fora do país. O conjunto serviu muito. Serviu como forte de demagogia no Estado Novo (quando o sr. Getúlio Vargas visitou o Cassino, cobriram as roletas, para que ele de nada «desconfiasse» e o pudor do ditador não se sentisse ofendido...), mas o Cassino serviu principalmente para uma tremenda campanha política nas últimas eleições.

Vista do cassino da Pampulha, construído na época em que Belo Horizonte era uma das capitais do jogo e o Brasil a República dos Estados Unidos da Roleta...





A Igreja da Pampulha, tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, que a considera um monumento, e repudiada pela Igreja, que a considera uma heresia.

CUMPRIU-SE O VATICÍNIO

Muita e muita coisa ainda poderíamos contar sobre a cidade. Poderíamos continuar através de muitas e muitas páginas. A cidade é como um rio. Nesta capital de cinquenta anos, muito tempo quando se trata de gente, nada quando se trata de uma cidade, o progresso vai fincando suas garras. Já não é apenas a fazenda de um sr. Ortiz, vago senhor cuja importância o tempo vai apagando. Não é apenas um curral onde se reunia o gado para a contagem. E já não é mais aquela recém-nascida cidade onde uma dúzia de ovos custava Cr\$ 0,20. Na capital mineira, como em qualquer cidade que se preza, uma dúzia de ovos custa 12, 14, às vezes 16 cruzeiros. Existem nela vários serviços de transporte aéreo, ligando-a com o interior do Estado, com outros Estados, com outros países; campos de aviação, alguns definitivamente inacabados; existem grandes praças

de esportes; faculdades, inclusive de Filosofia, sen falar na Pampulha e na Escola de Guignard; existem sindicatos, associações culturais, recreativas, ABDE, IPASE, ABAPE, IAPI, IAPETC, IAPC, SENAI, SESI, todas as combinações de letras pos-

síveis; existem empresas jornalísticas, de rádio, de construção, ruas calçadas e ainda sem calçamento, um teatro inacabado, deputados casados e vereador comunista. Cumpru-se, enfim, aquele vaticínio do bispo d. Viçoso: «o solo do formoso

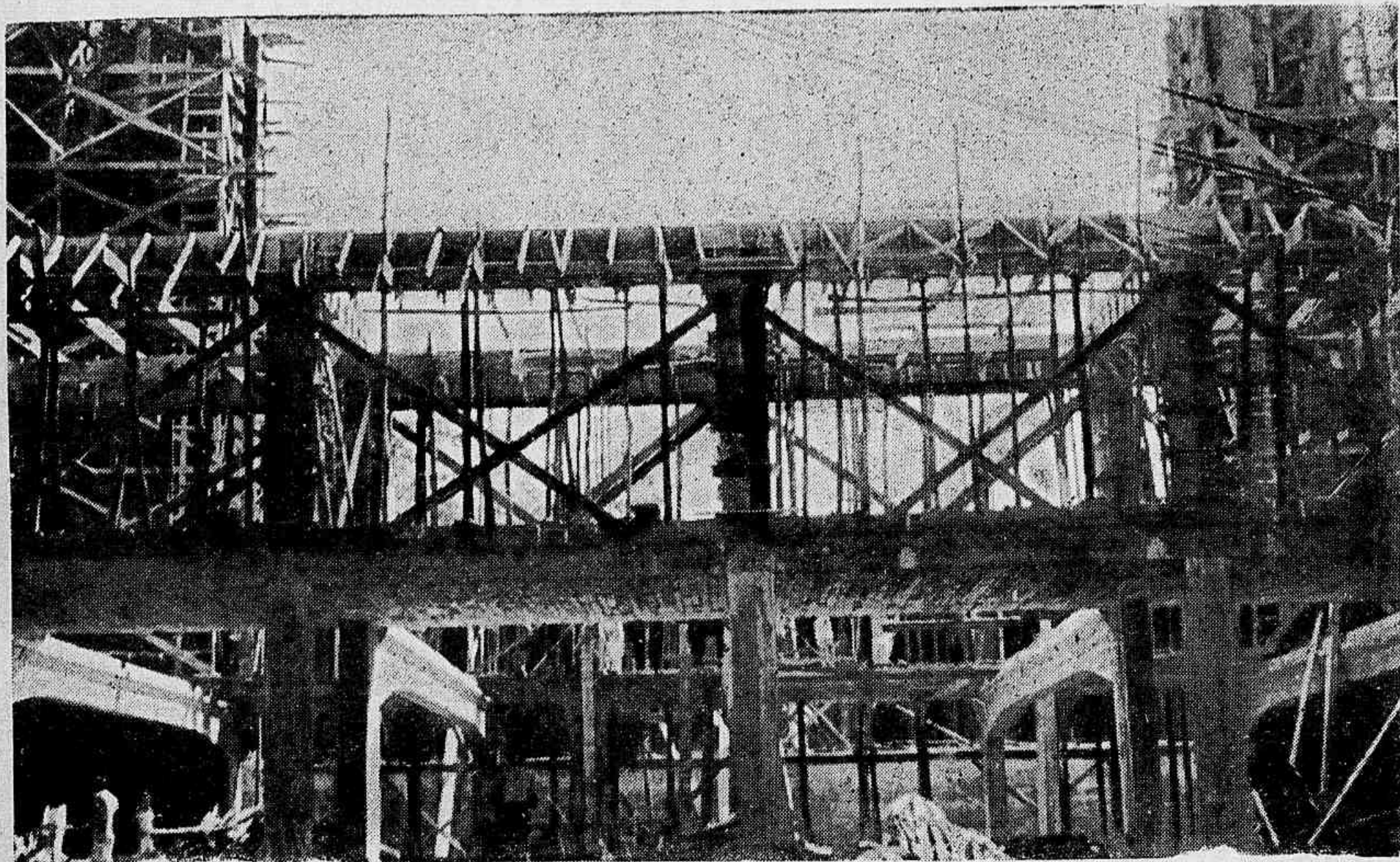
arraial vendido a metros, por altos preços».

E ela tem apenas 50 anos.

Eis aí, leitor, como vos posso dizer tanta coisa, procurando ser o menos enfadonho possível. Se o consegui, tanto melhor. Felicidade vossa.



A Avenida Afonso Pena, assim denominada em honra do fundador da cidade. É a mais importante via pública da jovem cidade, — onde se constrói febrilmente. No fim dessa avenida ficará, futuramente, a monumental catedral de Belo Horizonte.



espraiou até o famoso conjunto da Pampulha, elogiado por uns e maldito por outros. Não pelo conjunto todo, mas principalmente por aquilo que lhe deu o nome: o Cassino. En-

tretanto, um cassino era um velho sonho da cidade. Data mesmo da época das primeiras construções. Devia ficar localizado no Parque. Apenas os alicerces ficaram construídos

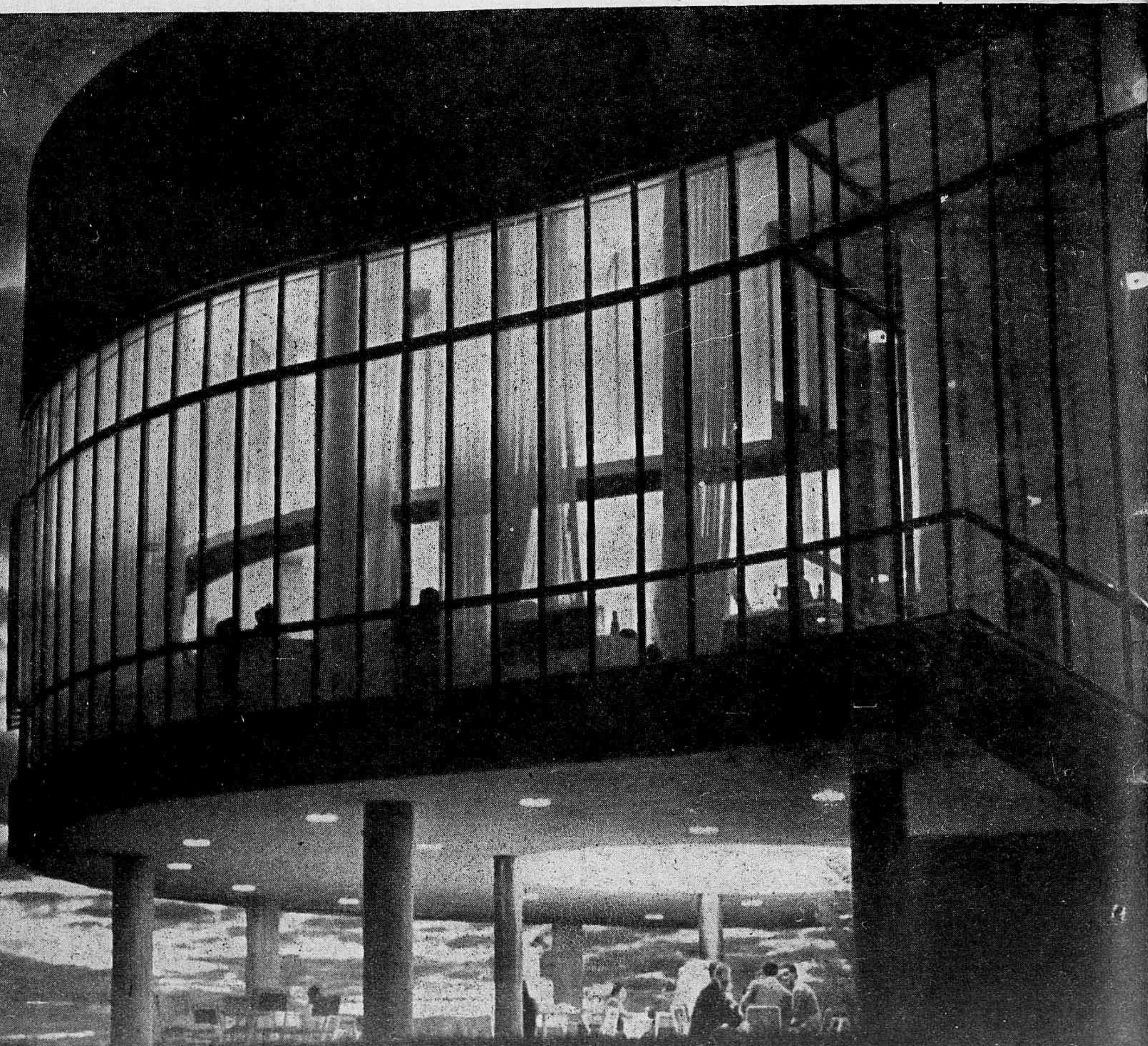
e gastaram-se neles mais de 17 mil cruzeiros. A obra foi abandonada por motivo de economia.

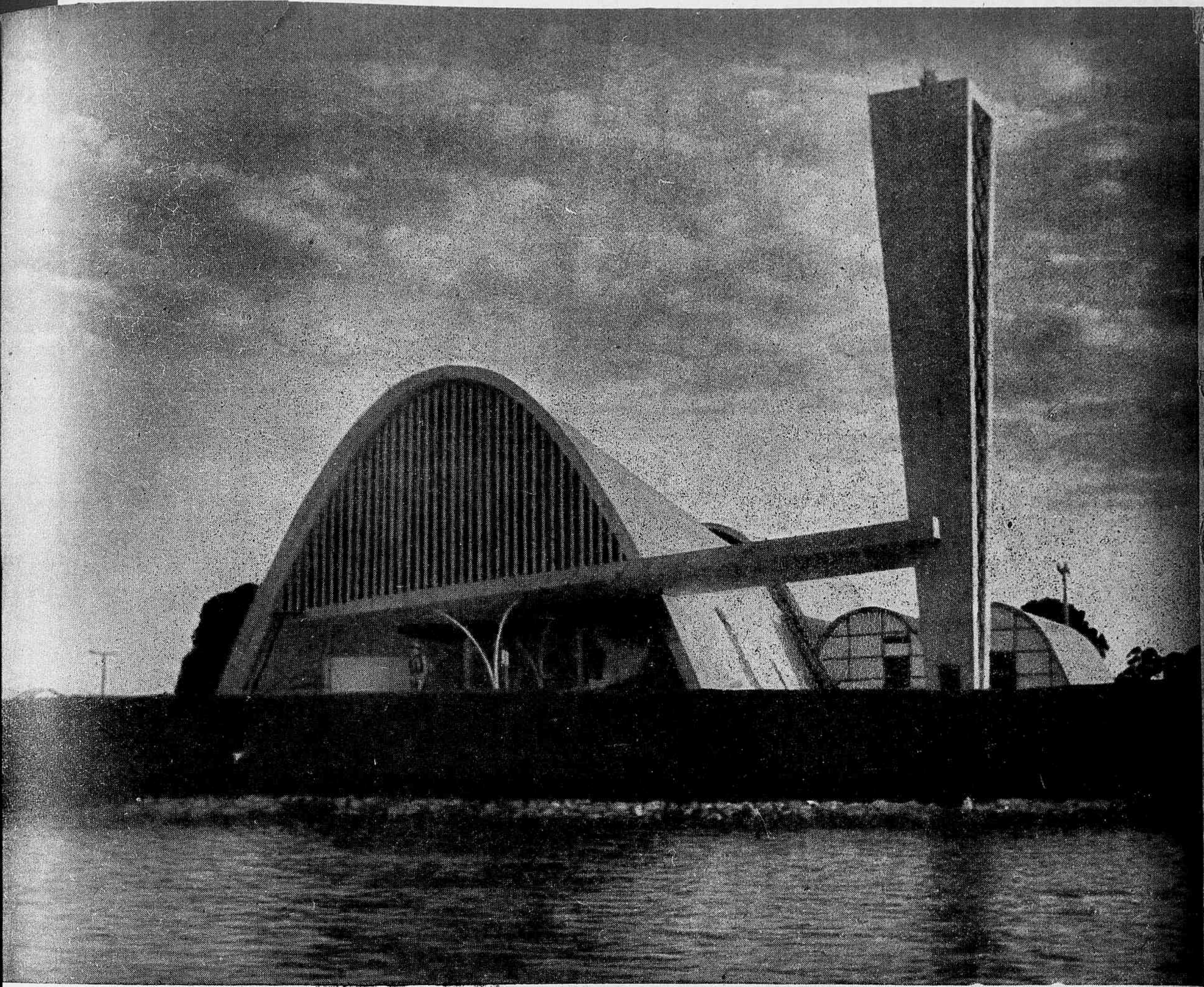
O conjunto da Pampulha teve para a cidade consequências tremendas

Estado em que se encontram as obras do Teatro Municipal de Belo Horizonte, interrompidas por falta de verba. A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais telegrafou ao prefeito Otacilio Negrão de Lima, pedindo a continuação das obras. O que serve à cultura e à arte, fica interrompido. Mas o Cassino da Pampulha, que servia ao jogo, esse encontrou recursos para ser levado até o fim, com um luxo de espantar a gente...

Muitas fortunas foram perdidas, a população de bairros longínquos passou a ter transportes, começou-se a cuidar delas, deram-lhes ônibus, deram-lhes bondes, a estrada foi calçada em mais de uma dezena de quilômetros, surgiu uma igreja incomum, diferente, um monumento artístico, agora tombado pelo Patrimônio Histórico, projetado fora do país. O conjunto serviu muito. Serviu como forte de demagogia no Estado Novo (quando o sr. Getúlio Vargas visitou o Cassino, cobriram as roletas, para que ele de nada «desconfiasse» e o pudor do ditador não se sentisse ofendido...), mas o Cassino serviu principalmente para uma tremenda campanha política nas últimas eleições.

Vista do cassino da Pampulha, construído na época em que Belo Horizonte era uma das capitais do jogo e o Brasil a República dos Estados Unidos da Roleta...





A Igreja da Pampulha, tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, que a considera um monumento, e repudiada pela Igreja, que a considera uma heresia.

CUMPRIU-SE O VATICÍNIO

Muita e muita coisa ainda poderíamos contar sobre a cidade. Poderíamos continuar através de muitas e muitas páginas. A cidade é como um rio. Nesta capital de cinquenta anos, muito tempo quando se trata de gente, nada quando se trata de uma cidade, o progresso vai fincando suas garras. Já não é apenas a fazenda de um sr. Ortiz, vago senhor cuja importância o tempo vai apagando. Não é apenas um curral onde se reunia o gado para a contagem. E já não é mais aquela recém-nascida cidade onde uma dúzia de ovos custava Cr\$ 0,20. Na capital mineira, como em qualquer cidade que se preza, uma dúzia de ovos custa 12, 14, às vezes 16 cruzeiros. Existem nela vários serviços de transporte aéreo, ligando-a com o interior do Estado, com outros Estados, com outros países; campos de aviação, alguns definitivamente inacabados; existem grandes praças

de esportes; faculdades, inclusive de Filosofia, sem falar na Pampulha e na Escola de Guignard; existem sindicatos, associações culturais, recreativas, ABDE, IPASE, ABAPE, IAPI, IAPETC, IAPC, SENAI, SESI, todas as combinações de letras pos-

síveis; existem empresas jornalísticas, de rádio, de construção, ruas calçadas e ainda sem calçamento, um teatro inacabado, deputados casados e vereador comunista. Cumpriu-se, enfim, aquele vaticínio do bispo d. Viçoso: «o solo do formoso

arraial vendido a metros, por altos preços».

E ela tem apenas 50 anos.

Eis aí, leitor, como vos posso dizer tanta coisa, procurando ser o menos enfadonho possível. Se o consegui, tanto melhor. Felicidade vossa.

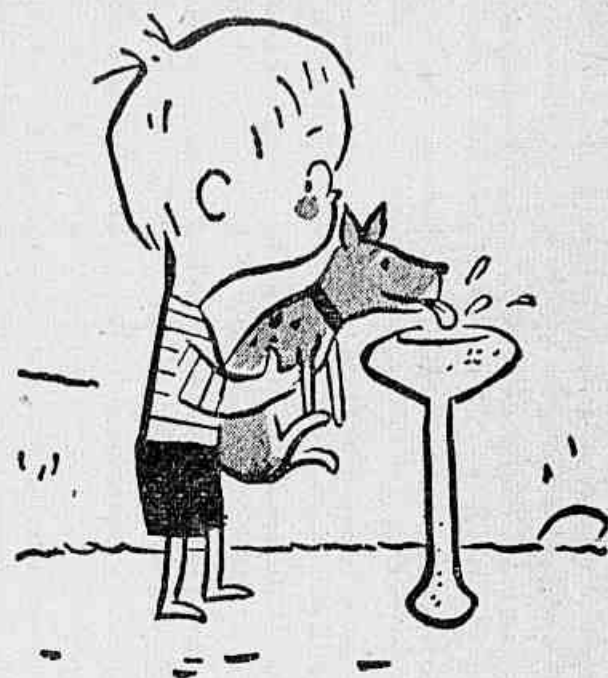
A Avenida Afonso Pena, assim denominada em honra do fundador da cidade. É a mais importante via pública da jovem cidade, — onde se constrói febrilmente. No fim dessa avenida ficará, futuramente, a monumental catedral de Belo Horizonte.





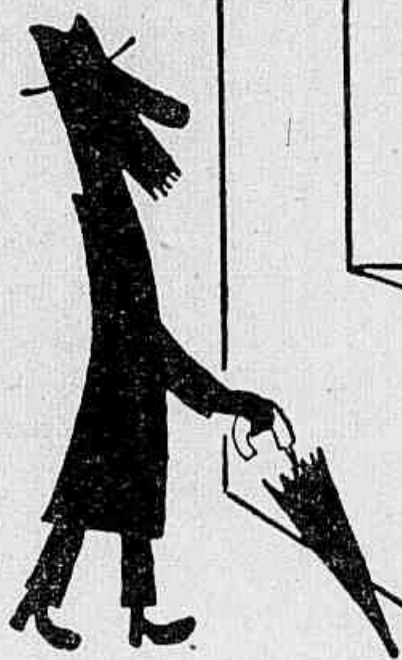
TOM
HENDERSON

— Bem, não deve haver nada de extraordinário, mas ele parece bem crescidinho para 13 meses...



BOM
HUMOR

ACHADOS e PERDIDOS



ACHADOS e PERDIDOS



ACHADOS e PERDIDOS



ACHADOS e PERDIDOS

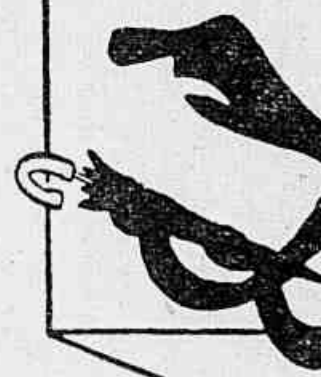


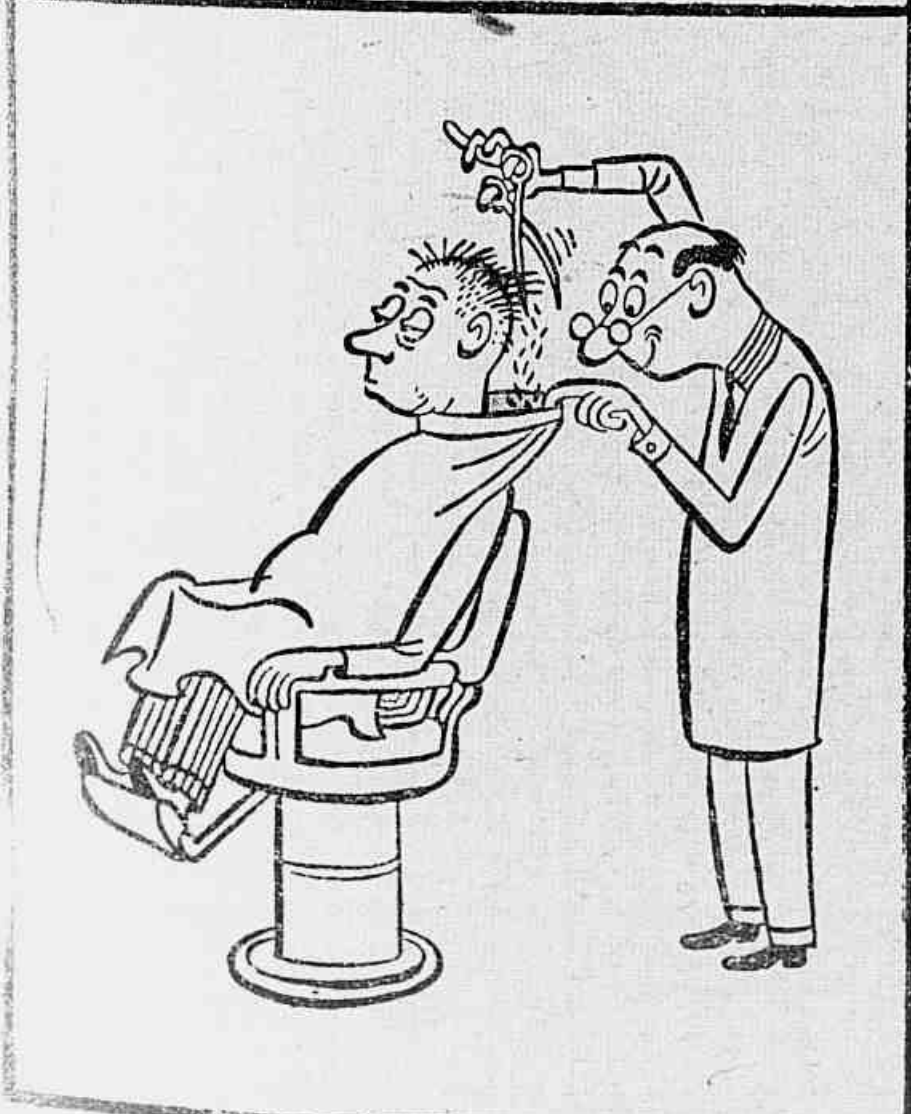
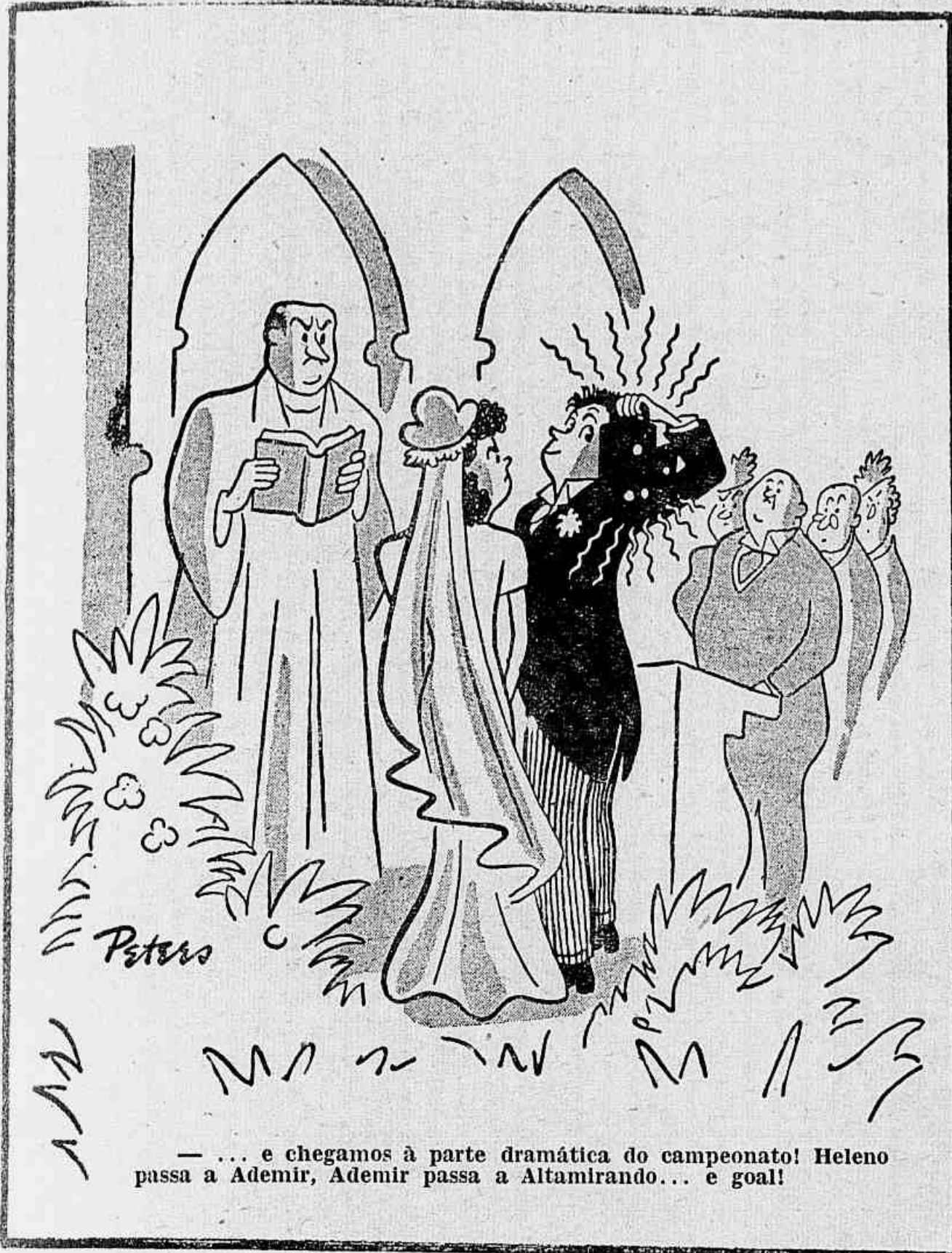
cem

ACHADOS e PERDIDOS



ACHADOS e PERDIDOS





Conto de H. G. WELLS

COOMBES estava cansado de viver. Salu de casa tristemente, e fatigado não somente da sua própria existência, mas também da de todos os outros homens. Dobrou uma esquina e desceu pela travessa da usina do gás, afim de evitar as ruas frequentadas; ao passar pela ponte de madeira que atravessa o canal até a aldeia de Starling, achou-se isolado na mata úmida, fora das vistas e do ruído de toda e qualquer habitação humana: "Isto não pode mais continuar!" E repetiu em voz alta, rogando pragas contra o seu costume, que "aquilo não podia continuar."

Era um homenzinho pálido, de olhos negros, bigode fino e também negro. Trazia, nessa ocasião, um colarinho direito, muito teso, ligeiramente desfiado, que lhe dava como que a semelhança de uma papeira; o sobretudo, aliás, muito sovado, era guarnecido de astrakan. As luvas, de um pardo brilhante, pespontadas de retroz preto, estavam furadas nas pontas dos dedos. Ele tinha um aspecto militar, segundo dizia outrora a sua mulher — isto é, antes do seu casamento — nos dias felizes que se foram e não voltam mais. Porém agora — isto parece incrível da parte de uma mulher — ela chamava-o de alfenim; sendo que este não era o único cumprimento desse gênero por ela dirigido ao pobre diabo.

A disputa começara ainda uma vez a propósito de Jennie. Jennie era a amiga da senhora Coombes; sem ser convidada por Coombes, ela vinha jantar todos os domingos que Deus dava, e fazia enorme algazarra durante toda a tarde. Era uma moça gorda e barulhenta, dotada de forte inclinação para as cores violentas, e dotada também de riso estridente e insuportável; e, um belo domingo, levou ao auge todas estas indiscrições, trazendo consigo um tipo tão estorvado ou mais do que ela própria. Coombes, esticado no seu colarinho, asseado, com o seu traje domingueiro, ficou sen-

A megera domada

tado perto da mesa, mudo de indignação, enquanto a senhora Coombes e os dois intrusos conversavam entre si, dizendo coisas tolas e disparatadas, rindo com força e desbragadamente. Pois bem, isto ainda ele suportara; porém, depois do jantar que viera atrasado como de costume, Jennie achou que o melhor que tinha a fazer era sentar-se ao piano e pôr-se a cantar arias de banjo — tal como se fosse um dia de semana! Como suportar semelhante procedimento? Os vizinhos iam sem dúvida escutar; até da rua se ouvia; era fazer alarde de uma inconveniência. Tornava-se necessário que Coombes externasse a sua opinião a respeito de semelhante disparate.

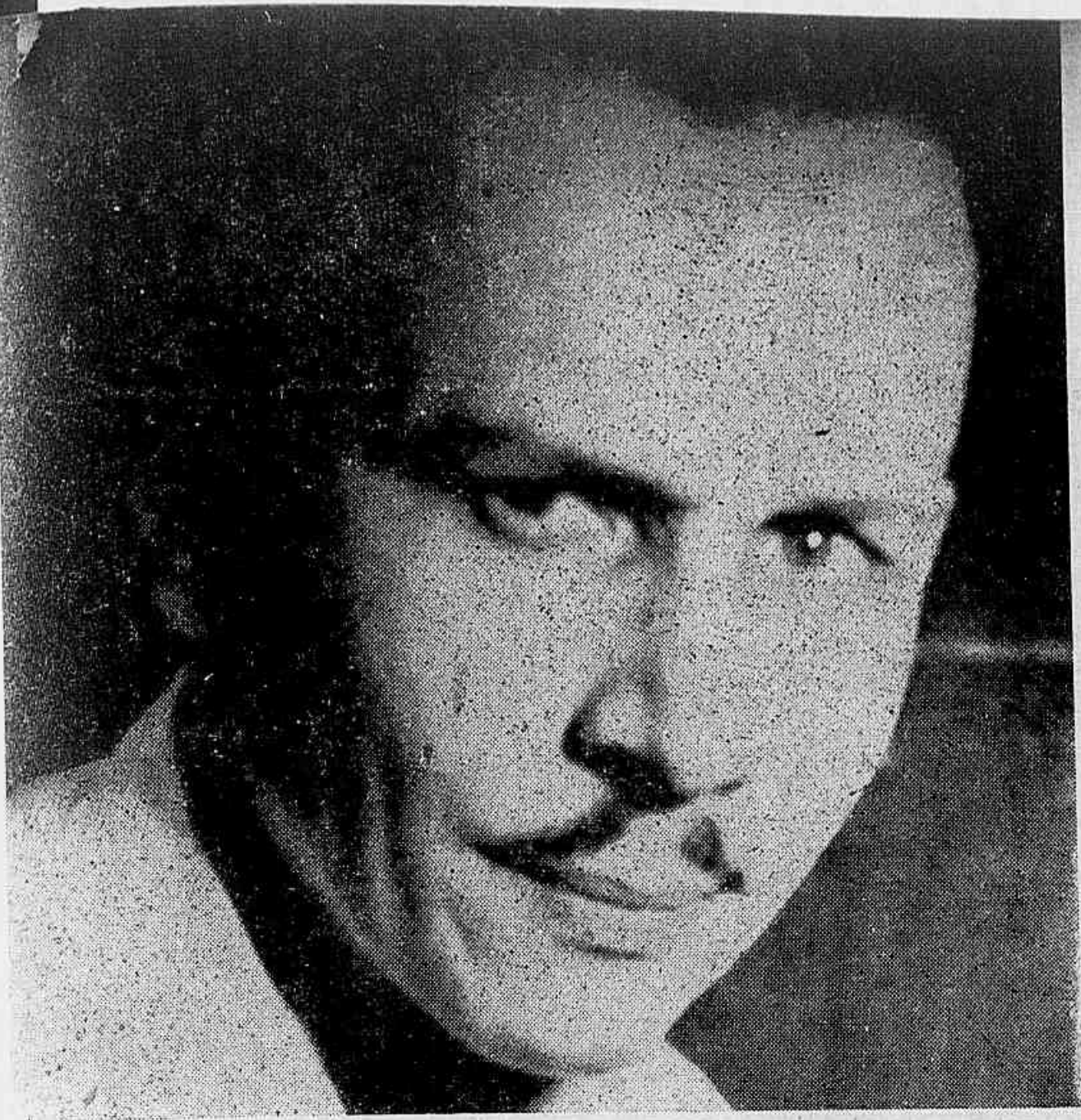
Sentiu que tornava-se pálido, e uma espécie de timidez tomara-lhe a respiração enquanto ele se consolava com estes pensamentos. Sentado em uma cadeira perto da janela (o novo convidado apossara-se da poltrona) ele voltou a cabeça.

— Domingo! Disse ele, do alto do seu colarinho, no tom de quem fez uma advertência. Hoje é domingo. O tom de sua voz não era nada agradável.

Jennie continuou a tocar e a senhora Coombes, que estava folheando as músicas empilhadas sobre o piano, olhou para ele com espanto.

(Cont. na pág. 55)

Ilustração de O. MATTOS

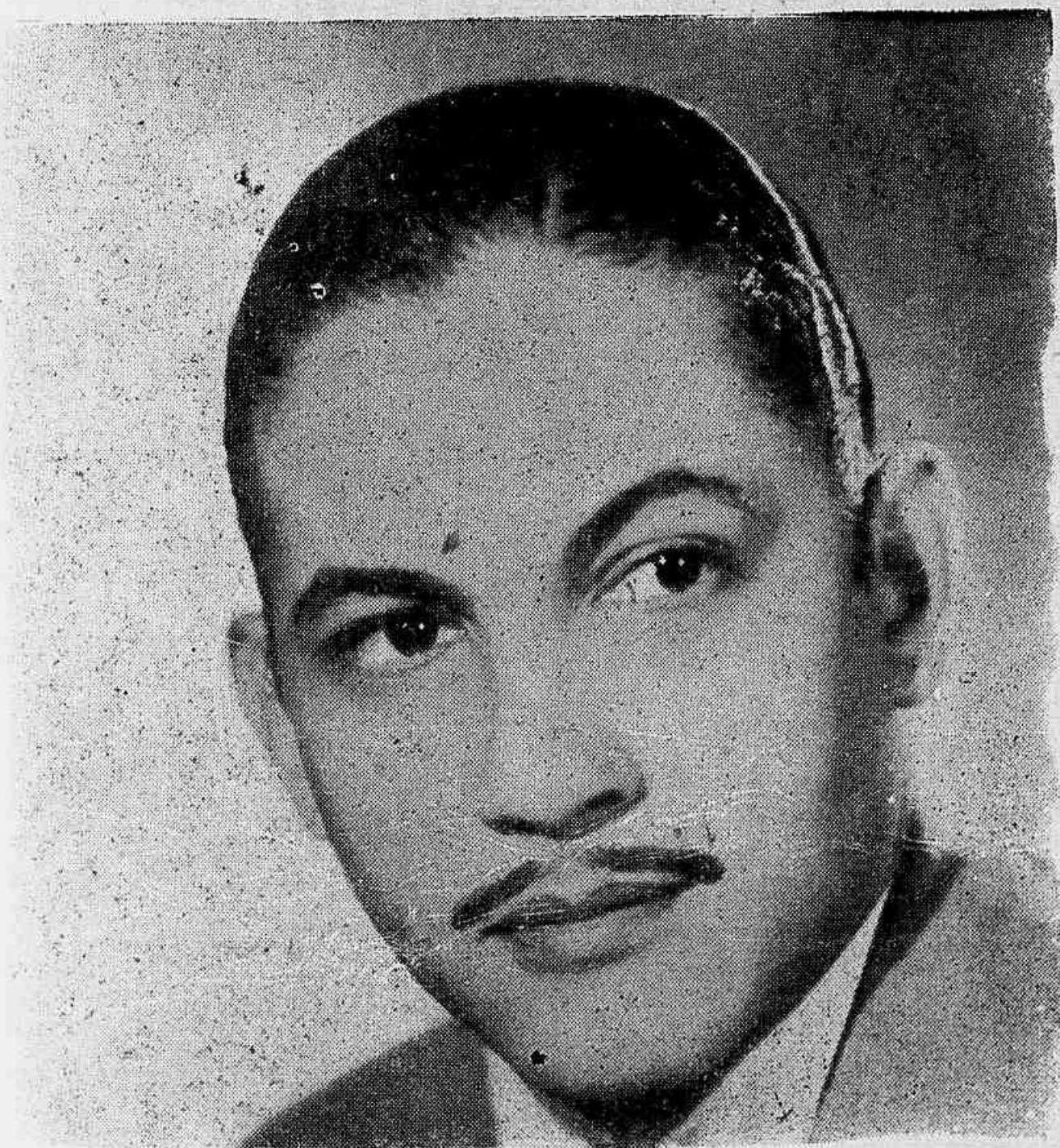


A novela tem revelado valores e garantido a popularidade de muita gente. Raimundo Lopes, por exemplo, apareceu como um dos mais vitoriosos novelistas, produzindo histórias em capítulos que, dificilmente, serão esquecidas. "O mundo dá tantas voltas", é uma produção até hoje citada pelos sintonizadores da PRE-8, dado o desenrolar de seu argumento. Aliás, com esse trabalho, o autor revelou-nos uma nova faceta: compositor. Baseando-se no próprio tema de "O mundo dá tantas voltas", compôs a linda valsa que tem esse nome, e que Ronaldo Lupo acaba de gravar para a fábrica Continental. Também "O poder do destino", "Deslumbramento", "A mulher que não tinha coração", servem para se comprovar o talento desse vitorioso "rádio writer", surgido no "broadcasting" paulista, ao lado de Oduvaldo Viana, no decorrer de 1942, como exclusivo da Rádio São Paulo. Quatro meses após seu ingresso na PRB-4, transferiu-se para Santos, onde foi assumir a direção artística da Rádio Club local. Ali o foi buscar a Standard Propaganda, onde permaneceu até receber o convite de Vitor Costa para ser exclusivo da Rádio Nacional. Na PRE-8 estreou com programas de sucesso, entre os quais destacamos "Atire a primeira pedra". Raimundo Lopes conta trinta e quatro anos, pois nasceu a treze de novembro de 1913. Até dezembro de 1947 produziu trinta e seis novelas. Prepara uma peça para o teatro. Não acredita em superstições. Nas horas vagas é fotógrafo amador.

MARIA Celeste, cujos recitais ao microfone da Rádio Roquete Pinto constituiram momentos da mais pura arte, iniciou seus estudos com o maestro Santiago Guerra, no decorrer de 1940. Três anos depois, empresada pelo "manager" Camillo Guerra, inaugurava a Rádio Guarani e realizava sua primeira temporada artística com a Grande Sinfônica de Belo Horizonte. Desde aí, não mais sofreu interrupção a carreira desse vitorioso soprano que, diga-se de passagem, é uma das vozes mais bonitas que a música de classe conta. Realizando "tournées" pelas grandes cidades brasileiras, sua arte tornou-se conhecida de quantos admiram as páginas dos gênios da composição. Maria Celeste possui repertório dos mais seletos, em que se destacam páginas famosas. Seu gênero predileto é o dramático, razão de preferir a ópera. Bastante jovem, com esmeradíssima educação, a vitoriosa cantora lírica excursionará, dentre em breve, pelas capitais européias, a fim de dar expansão à carreira que tão promissora-mente iniciou com o maestro Santiago Guerra. Além do estudo, Maria Celeste dedica-se à leitura de obras célebres, conhecendo a biografia dos músicos famosos e os trabalhos literários dos renomados escritores. Fina no trato, grangeia simpatia logo à primeira vista, fazendo amigos. No "broadcasting" nacional o futuro soprano já levou à efeito diversos recitais, sendo que o último foi na PRD-5.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



JOSÉ Ramos vivia entregue ao ofício de sapateiro, batendo sola diariamente, quando um companheiro descobriu-lhe vocação para a música popular. Dado o sinal de alarme, os demais colegas induziram-no a ingressar no rádio, porquanto lhe sobrava voz. Assim, no decorrer de 1940, apresentou-se ao microfone da Tabajara, recebendo os aplausos de que se tornara credor. A seguir, levado pelo desejo de triunfar, assinou contrato com a Rádio Clube de Pernambuco, aí permanecendo por largo tempo. Ao desligar-se desse prefixo, foi para a Rádio Excelsior da Bahia, onde travou contato com diversos elementos do "broadcasting" carioca, os quais o animaram a tentar a carreira no Rio, pois não lhe seria difícil conseguir contrato. Seguindo o conselho, José Ramos transferiu-se para esta cidade assinando exclusividade com a Rádio Tamóio. Nessa estação permaneceu até os últimos meses de 1947, tomando parte nos principais programas de estúdio, como intérprete da música popular. Depois ingressou no "cast" da Globo, sua presente emissora. Vencendo como cantor, José Ramos abandonou a profissão de sapateiro, porquanto os contratos assinados lhe asseguram absoluta independência. Contando trinta anos de idade, pois nasceu a vinte e oito de janeiro de 1918, é ele natural da Paraíba. Como cantor popular viajou por todo o país em companhia de Ciro Monteiro e Odete Amaral. Satisfeito com a carreira, não pretende abandoná-la tão cedo.

CARMELITÁ Perêda, cantora doublée de jornalista, é bastante conhecida no ambiente radiofônico da cidade, onde tem desenvolvido intensa atividade artística, através de atuação destacada nos principais programas de estúdio das grandes estações cariocas. Sua passagem pela Cruzeiro do Sul, Transmissora, Guanabara, Jornal do Brasil, garantiu-lhe vantajosa situação artística, figurando seu nome entre os daqueles que honram a radiofonia brasileira. Também no programa "Artistas Novos do Brasil", orientado pela professora Magdala da Gama Oliveira e irradiado pela Globo, a vitoriosa artista teve oportunidade de realizar um recital, merecendo o aplauso unânime de quantos a ouviram. Carmelita Perêda unindo o útil ao agradável, encontra tempo para redigir a seção radiofônica de conhecida revista, e fazendo com o mesmo brilhantismo com que se dedica à música. E' também apreciadora da natureza, admirando os pássaros, amando as plantas e cultivando-as, a ponto de garantir que as árvores são boas amigas e que a avenca dá muita sorte... Fora da atividade artística dedica-se ao lar, cuidando da filha que, por sinal, deseja seguir-lhe a carreira. A aplaudida artista já realizou diversas excursões, sendo bastante apreciada pelas diferentes platéias nacionais. E' apreciadora de bons filmes, admira os passeios campestres e ama as crianças, a ponto de auxiliá-las no que lhe é possível. Recentemente, Carmelita Perêda recebeu ótima proposta. Estuda-a.



Este detalhe mostra um trecho da estrada de Itapira ao Sítio onde reside o fazendeiro Luis Melo, que ganhou 4 milhões de cruzeiros, na Loteria de Natal.

Viagem de 1.800 quilômetros para falar com os felizardos da Loteria de Natal

O jornalista, para escrever a história dos cinco grandes prêmios da Loteria de Natal, num total de 15 milhões de cruzeiros, viajou mais de 1.800 quilômetros, inclusive 10 em carro de boi, cujo percurso foi feito em mais tempo do que os 1.790 km vendidos por via aérea.

Em São Paulo reside o sr. Mário Antônio Minniti, que comprou o bilhete nº 30.057 e ganhou o primeiro prêmio, correspondente a 5 milhões de cruzeiros. O referido industrial, que tem uma fábrica de papelão e reside à rua Luis Gama, 183, na Mooca, já teve o seu caso narrado numa ampla reportagem divulgada pelos principais jornais do País.

ESPEROU 30 ANOS PELA SORTE GRANDE

O segundo prêmio foi conferido ao bilhete nº 39.479, vendido na longínqua cidade paulista de Itapira, nos limítrofes com Minas Gerais, e dado à cobrança do Banco Moreira Sales. O felizardo foi o sr. Luis Melo, proprietário da fazenda "São Luis dos Fidélis", um lugar onde nunca passou um automóvel. O caminho de Itapira ao sítio é feito através de trilhas de carros de bois, condução que nos dias de chuva não consegue vencer o lamaçal.

Depois de cinco horas de viagem, para

percurso de 10 quilômetros, o repórter chegou a "São Luis", uma fazenda com 29 mil pés de café, com bastante gado e onde o sr. Luis Melo, um homem com 63 anos de idade, dos quais 40 passou agarrado à enxada, vive cercado de seus nove filhos e netos. A fazenda é desprovida do mais rudimentar conforto. À porteira, debaixo de um forte temporal, o velho fazendeiro veio ao encontro do repórter, enquanto os seus empregados cuidavam da parelha de bois. Agora, sentado numa cadeira austríaca, diz o sexagenário que ganhou os 4.000.000 de cruzeiros:

— Nasci em Portugal, de onde saí com a idade de 3 anos. Vivo em Itapira há 60 anos e só fui uma vez a São Paulo. Aqui trabalhei como colono durante quase meio século e só em 1937 comprei a fazenda.

O sertanejo é simples e fala pelos cotovelos.

— Desde 1917 que compro bilhetes de loteria, certo de que um dia ganharia uma sorte grande. Ganhei muitos prêmios pequenos, num total aproximado de 100 contos. Agora, com os quatro milhões de cruzeiros, posso traçar o futuro dos meus filhos, para os quais já comprei, com o dinheiro da Loteria Federal, duas fazendas, com as porteiras fechadas, no valor de 300 contos.

O sr. Luis Melo abriu um baú e mostrou

uma série de fotografias amareladas pelo tempo e falou com orgulho:

— São os meus filhos José, Otávio, Custódio, Bilac, Ermelinda, Leontina, Janira, Leonila...

O fazendeiro contou os filhos pelos dedos e deu falta de um. E gritou:

— Esqueci da Durvalina.

O sr. Luis Melo prosseguiu:

— Comprei o bilhete e deixei no "chalet" do representante da Loteria Federal em Itapira, o João Moro.

Interrompeu por alguns instantes a conversa e fez uma revelação:

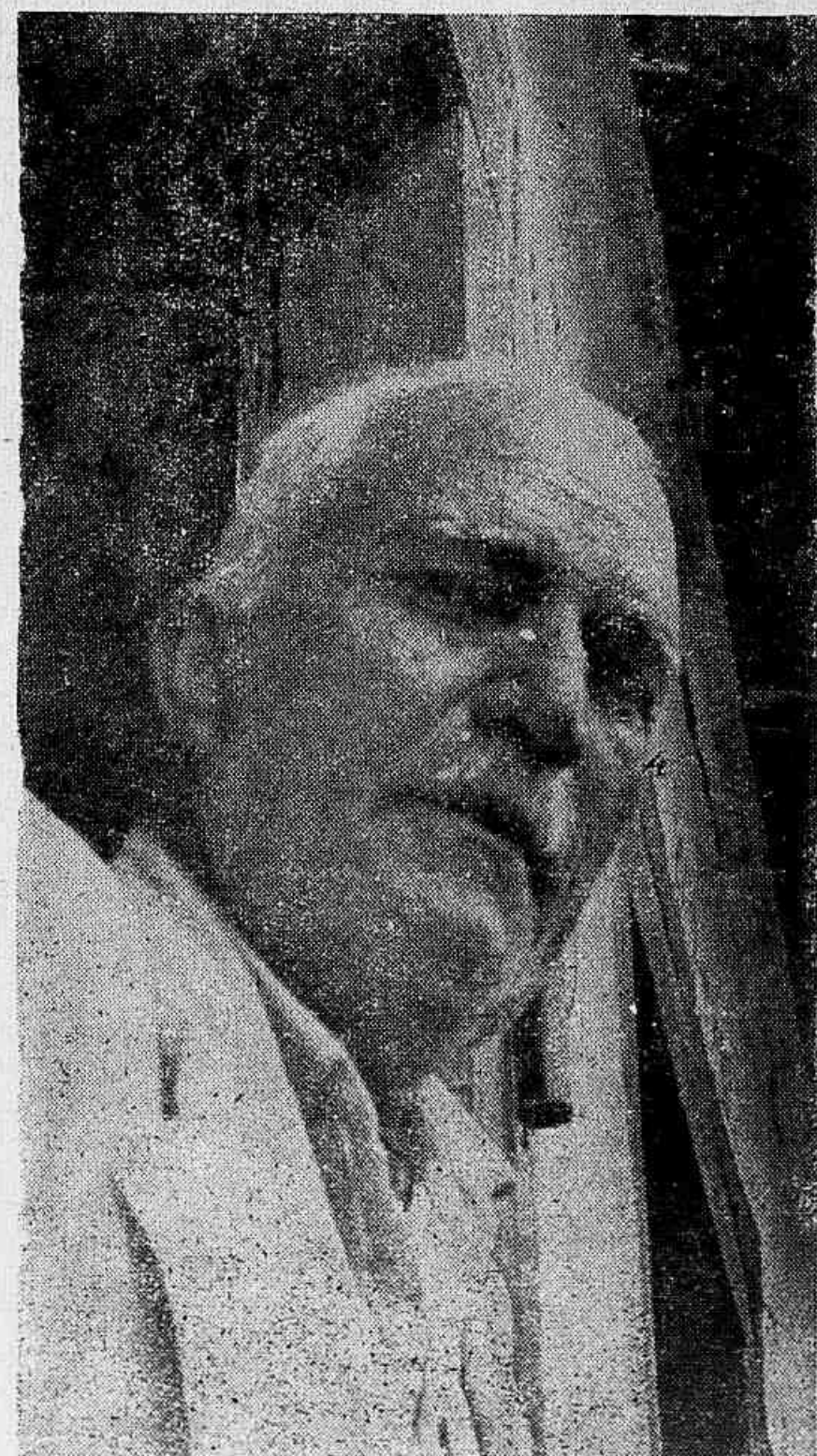
— O João Moro é meu correligionário político. Foi eleito vereador e vai pleitear uma estrada de Itapira para "São Luis". No dia em que recebi a notícia de que fôra contemplado com o segundo grande prêmio da Loteria de Natal fiz doações a inúmeras instituições de caridade de Itapira, como a Santa Casa, Asilos São Vicente e dos Alienados, Igreja Nossa Senhora da Penha, Casa das Crianças e Colégio Santo Antônio. Também não esqueci de comprar uma camionete para um amigo que fez uma promessa pedindo a sorte grande para mim.

E demonstrando profundo orgulho, depois de mostrar as suas mãos calejadas pelo cabo da enxada, disse:

— Comprei um automóvel para os meninos por 100 contos!

O leitor que tenha uma idéia de um carro de luxo passando pelas ruas de barro batido de Itapira, com os nove filhos do milionário refestelados nos assentos de veludo...

Às 18 horas bateu o sino da fazenda. A



O fazendeiro Luis Melo, fotografado no seu sítio, em Itapira. Ganhou o 2.º prêmio da Loteria de Natal, no valor de 4 milhões de cruzeiros.

parelha de bois foi novamente atrelada ao carro e o jornalista ouviu esta confidência, em murmúrio:

— Não diga nada aos meninos. Comprei 10 bilhetes para sábado...

OS MILIONÁRIOS DE CURITIBA

O bilhete nº 39.909, que ganhou o terceiro prêmio da Loteria de Natal, sendo contemplado com 3 milhões de cruzeiros, foi vendido em São Paulo e remetido para o sr. Juachine Camilo, corretor em Curitiba, onde reside, à rua Candido Lopes, 214.

O felizardo, ao contrario do sr. Luis Melo, é um homem carrancudo e foi logo dizendo:

— Não quero falar com nenhum repórter, não quero ser fotografado. Para evitar estes aborrecimentos, dei o bilhete à cobrança do Banco Nacional do Comércio.

O portador do 39.909 reside há muitos anos no Paraná, onde fez fortuna, perdendo-a, entretanto, no decorrer da última guerra.

Pretende ampliar os seus negócios de corretagem e ainda este mês embarcará para o Rio, em tratamento de saúde.

Sabe-se, ainda, que o bilhete foi mandado comprar dez dias antes da extração. O pagamento foi feito nos "studios" da P.R.B-2, em Curitiba, com a presença dos srs. Cândido Rodrigues e Ademir Lisboa Sprenger, que, na qualidade de representantes do Banco Nacional do Comércio, receberam o prêmio das mãos do sr. Paulo de Oliveira Monteiro, agente da Loteria Federal do Brasil.

OS MILIONÁRIOS CARIOCAS

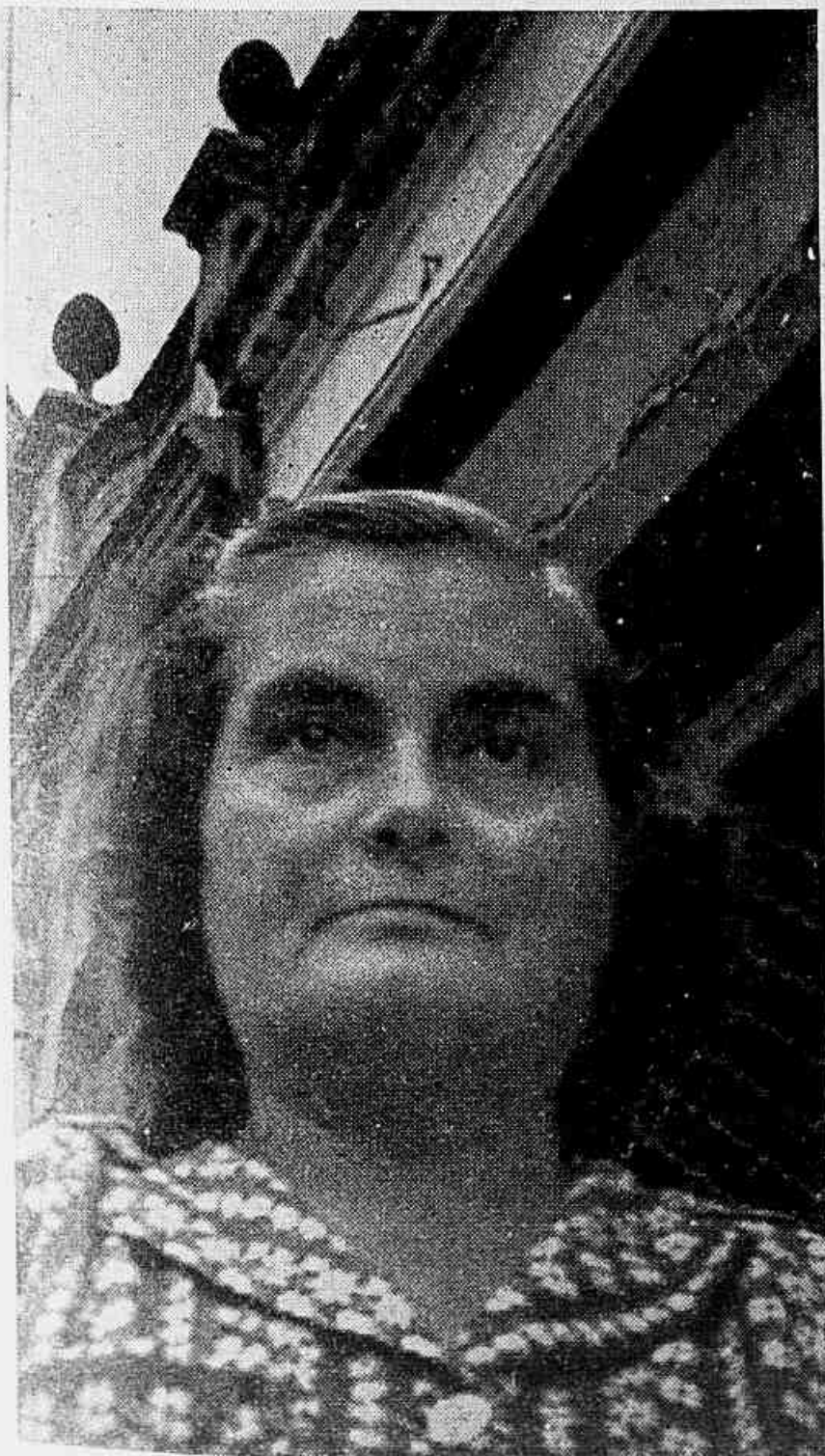
Dos cinco grandes prêmios da Loteria de Natal, apenas o quarto foi vendido na Ca-



Ao centro, fugindo à objetiva do fotógrafo, vê-se o sr. Juachine Camilo, que ganhou o 3.º prêmio, da Loteria de Natal, no valor de 3 milhões de cruzeiros. Fotografia feita em Curitiba.

29 FAMÍLIAS FORAM CONTEMPLADAS COM OS 15 MILHÕES DE CRUZEIROS DOS CINCO GRANDES PRÊMIOS

O FAZENDEIRO QUE ESPEROU 30 ANOS PELA SORTE GRANDE DE NATAL — UM MILIONÁRIO QUE NÃO GOSTA DE PUBLICIDADE — A ALEGRIA DA COSTUREIRA SANTISTA — E, FINALMENTE, DOIS MILHÕES PARA OS CARIOCAS



D. Aurora Leite de Souza, da cidade de Santos, uma das contempladas com o bilhete que ganhou o 5.º prêmio da Loteria de Natal — 1 milhão de cruzeiros.

pital Federal. Trata-se do bilhete 35.360, premiado com 2 milhões de cruzeiros e vendido em frações às seguintes pessoas:

José Gomes da Silva, rua Barão de Guaratiba nº 98; José Batista Fernandes Linhares, rua Presidente Barroso nº 126; João Gomes Tôrres, rua José Higino nº 11; Paulo Ribeiro da Cruz, ladeira João Homem nº 14, apto. 202; César de Lacerda Rocha, travessa Belas Artes nº 5; Augusto de Oliveira, rua da Conceição nº 16, 2º andar; Bernardino Duarte Meira, rua 24 de Maio nº 422, casa 1; Orlando Cardoso Mendes, praça Marajá nº 43, em Cascadura; Osvaldo Gonçalves Servos, rua Sousa Franco nº 425; Antônio da Costa Abreu, ladeira Pedro Antônio nº 16; Alvaro Silva Rodrigues, rua Francisco Bicalho nº 373, casa 3; Silviano Gomes da Silva, rua Barão de São Félix nº 133; João Oliveira de Abreu Câmara, rua Raul Barroso nº 18; Américo Alves Moreira, rua Acre nº 92; José Geraldo de Souza, rua Haddock Lobo nº 6; Júlio da Silva Santos, rua Antônio Vargas nº 140-A.

OS MILIONÁRIOS SANTISTAS

Finalmente, depois de quatro dias de viagem, na qual foram utilizados os mais diversos meios de transportes, desde o avião ao carro de boi, o jornalista chegou a Santos, cidade onde foi vendido, em frações, o bilhete nº 834, ganhando o quinto prêmio da

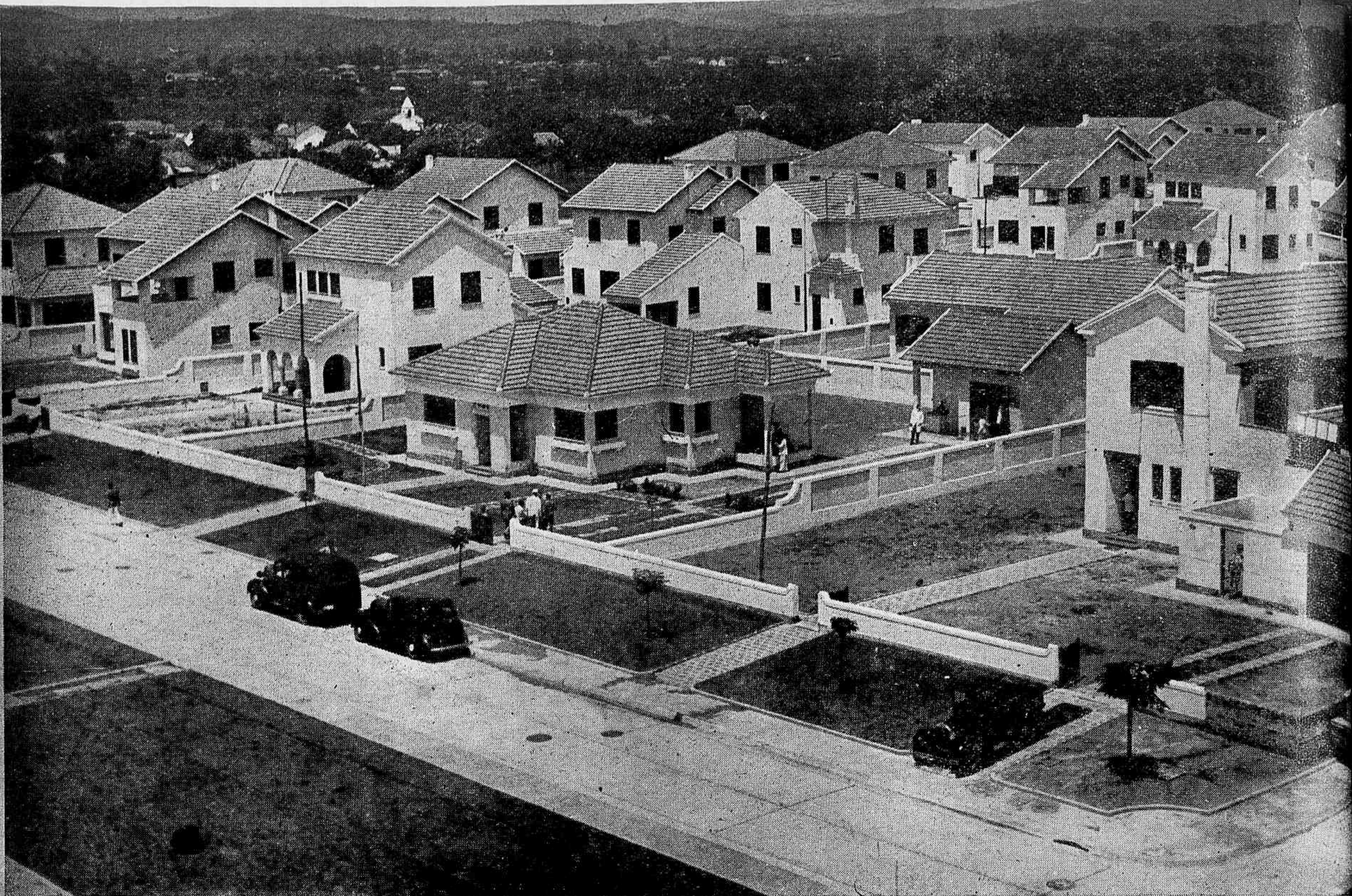
Loteria de Natal, no valor de um milhão de cruzeiros. Os felizardos são pessoas de condições sociais humildes, inclusive uma costureira, que no caso é d. Aurora Leite de Sousa, com quem o repórter falou:

— A primeira coisa que fiz com o dinheiro foi arranjar um canto melhor para morar. Deixei a casa da praia, que era um barraco, e estou residindo à rua Senador Feijó nº 159. Vou comprar quatro máquinas de costura e abrir um atelier.

Outro felizardo foi o sr. Aldemiro Casal, juntamente com a sua esposa, d. Maria Casal da Rocha. O casal deixou Santos para fixar residência na Capital Federal. Os outros contemplados são:

Isaura Pontes e Rubens Silveira da Rocha, residentes à avenida Almirante Saldanha da Gama nº 75; Hilda Correia, à rua Osvaldo Cruz nº 80; Alvaro dos Santos e Maria Píñheiro, à rua Carvalho de Mendonça nº 450; Manuel Dias Junior, rua D. Pedro II nº 79; Manuel Pedro Fineza, rua do Matadouro nº 365; Luis Antônio Saraiva, rua Azevedo Sodré nº 114.

E, assim, o leitor, comodamente sentado numa poltrona, leu a história dos cinco grandes prêmios da Loteria de Natal, num total de 15 milhões de cruzeiros, e que beneficiaram 29 proles numerosas, famílias de industriais, sertanejos, comerciantes e operários, residindo em São Paulo, em Curitiba, em Itapira, Santos e na Capital Federal.



Conjunto residencial moderno, anexo à Escola Militar.

DO REALENGO ÀS AGULHAS NEGRAS

A idealização da Escola Militar das Agulhas Negras surgiu aí por volta de 1931. Os cadetes daquele tempo frequentavam uma Escola em plena transformação, mas ainda estavam longe do que deviam ser. E sorriram...

— Muito grandiosa, muito bonita. Para que? Não sei nunca.

Era a voz da nossa incompreensão, da nossa inconsciência do próprio valor e das próprias necessidades. No íntimo achávamos que Realengo já nos bastava. E descreíamos, conquanto aceitássemos. Será preciso, porém, considerar que, em 30, se nos acenassem com as reformas de 31 e 32, nossa atitude seria de repulsa. Sorrindo, descrendo, mas admitindo a promessa das Agulhas Negras nós depúnhamos amplamente em testemunho da nossa evolução.

Hoje constituiu-se em realidade aquilo

QUANDO SURTIU A IDÉIA — “MAS PARA QUE? NÃO SAI NUNCA!” — A REALIDADE DE HOJE — A OBRA MAIS SIGNIFICATIVA DO MODERNO EXÉRCITO NACIONAL

Por UMBERTO PEREGRINO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

que foi, há 16 anos atrás, uma visão deslumbradora dos nossos olhos de cadetes.

Na verdade, para realizar um empreendimento desse teor era preciso uma grande fé no destino histórico do Exército, além da mais aguda compreensão dos seus problemas.

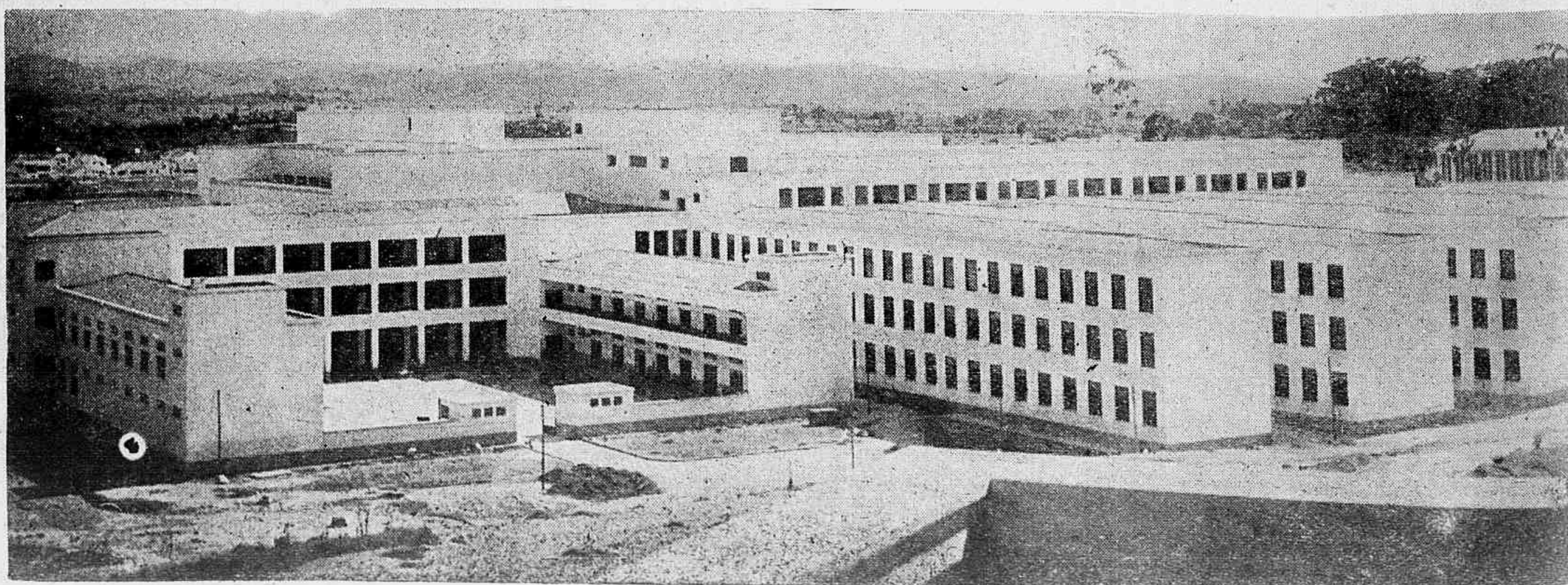
Poucos avaiarão, em toda a medida, o que significa para um Exército a sua Escola Militar. Tê-la é tudo, porque é

ter oficiais bem formados, sem o que não há Exército verdadeiramente eficiente, inda que ocorram todas as outras condições: número, equipamento, bravura. Podemos dizer, sem exagero: primeiro a Escola Militar, depois o resto. Mesmo porque o resto — Estado Maior, organização, equipamento, reservas, evolução técnica — tudo isso virá infalivelmente do oficial bem formado, será por assim

dizer, um desdobramento. Sustar-se-á tudo num Exército, adiar-se-ão todas as exigências, menos quanto à Escola Militar. Pelo contrário, a cada sacrifício, a cada restrição em qualquer setor, deve corresponder um acréscimo no aprendizado dos cadetes, como garantia de recuperação futura, no instante oportuno ou crítico.

Eis por que considero a evolução da nossa Escola Militar, desde as reformas encetadas em 1931, até a construção das Agulhas Negras, como a obra mais significativa do moderno Exército Nacional. A criação de outras escolas, a instalação de várias fábricas de material bélico, a aquisição de armamento, especialmente artilharia, a retomada do problema da moto-mecanização, abandonado há 20 e tantos anos, a disseminação das Vilas Militares, decisivamente ligadas à eficiên-

Vista da monumental Escola Militar de Agulhas Negras.



cia das guarnições desterradas, a construção de milhares de quilômetros de estradas de ferro e de rodagem pela Engenharia Militar, são realizações também altamente significativas. Em todo caso, representam, de certa forma, aspectos de uma evolução irresistível, ao passo que a Escola das Agulhas Negras se destaca pelo sentido puramente criador. Não veio de uma imposição material, não nasceu da tirania de nenhuma técnica despótica. É produto de uma compreensão ampla e profunda.

O que ela é materialmente já todos sabem. Contudo, sempre lembrarei que a nova Escola encerra uma miniatura do Exército. Não consiste apenas nas instalações do comando, no salão nobre monumental, nas salas de aula, laboratórios, auditório, biblioteca, cassino, refeitório, apartamentos para grupos de cadetes, cozinha, lavanderia, almoxarifado. Não, tudo isso constitui um simples conjunto, em torno do qual gravitam numerosos outros: o conjunto de parques e baías, garagens apropriadas às viaturas moto-mecanizadas e depósitos do material de instrução das diversas armas, desde o equipamento do infante, o arrelamento da Cavalaria, até as peças do artilheiro e a variada aparelhagem da Engenharia; o conjunto de picadeiros, para atender à instrução equestre, com três grandes picadeiros cobertos, sendo um de 175 metros por 55; o conjunto esportivo com estádio, ginásio, piscina, campo de polo, pista de «cross», enfim, instalações para todos os jogos e provas atléticas comuns; conjunto hospitalar formado por um hospital completo, isolamento, lavanderia e necrotério; o conjunto do quartel do contingente e oficinas, de que se pode ter a medida, refletindo no número de soldados que a Escola utiliza nos seus serviços internos, bem como no volume das suas necessidades no tocante a oficinas; o conjunto residencial, com casas de diversos tipos, distribuídas segundo um harmonioso traçado, estudado para integrar-se ao plano de remodelação urbanística da cidade de Rezende.

Muitos problemas complementares decorrem, naturalmente, de uma obra complexa, como essa. Assim, por exemplo, no conjunto residencial houve-se que considerar diferentes preocupações e conveniências: na residência do comando a função representativa; nas casas dos professores as condições de estabilidade e de conforto inerentes ao homem de estudo; nas casas dos oficiais instrutores, além das condições de transitoriedade, pois que eles se renovam continuamente, a variedade de padrões, para servir ao tenente de família escassa, ao capitão sempre mais sobrecarregado, ao major no apogeu do desenvolvimento familiar.

Foram desenhados jardins, plantados parques. Estradas sarjam, em todos os sentidos, a imensa área escolar, assegurando a circulação interna. O abastecimento d'água é próprio, para o que foram construídas uma represa e uma usina de tratamento da água.

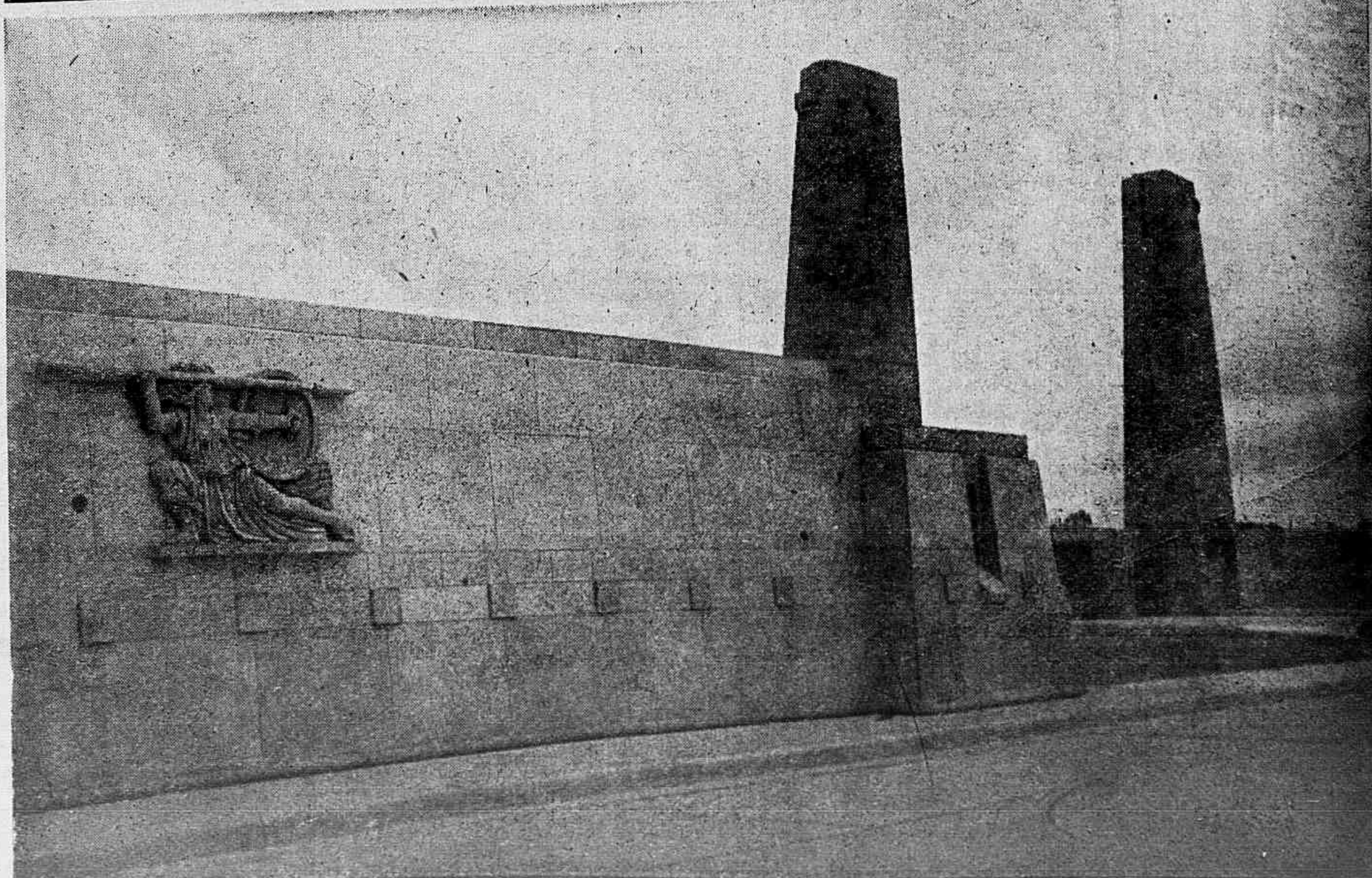
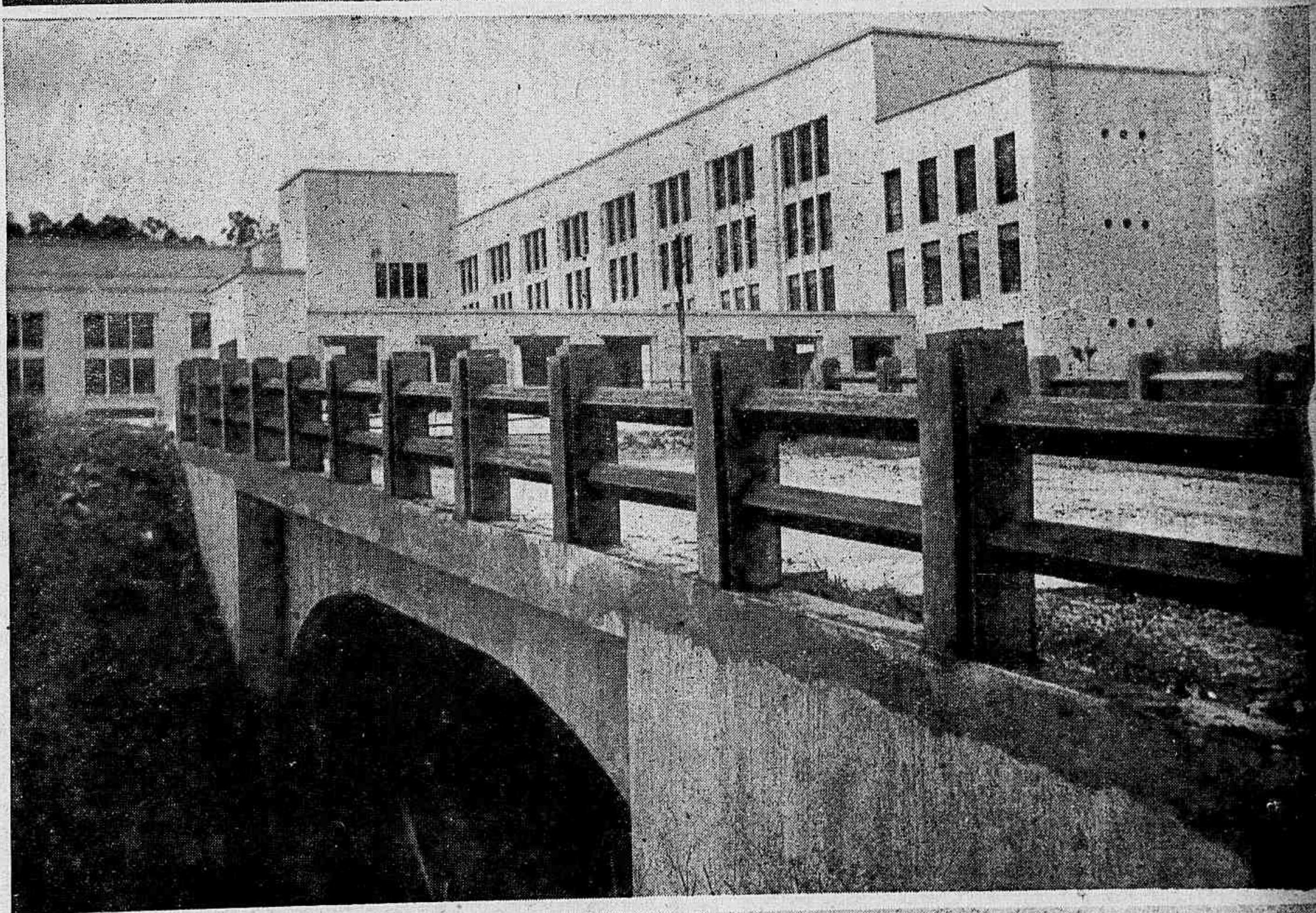
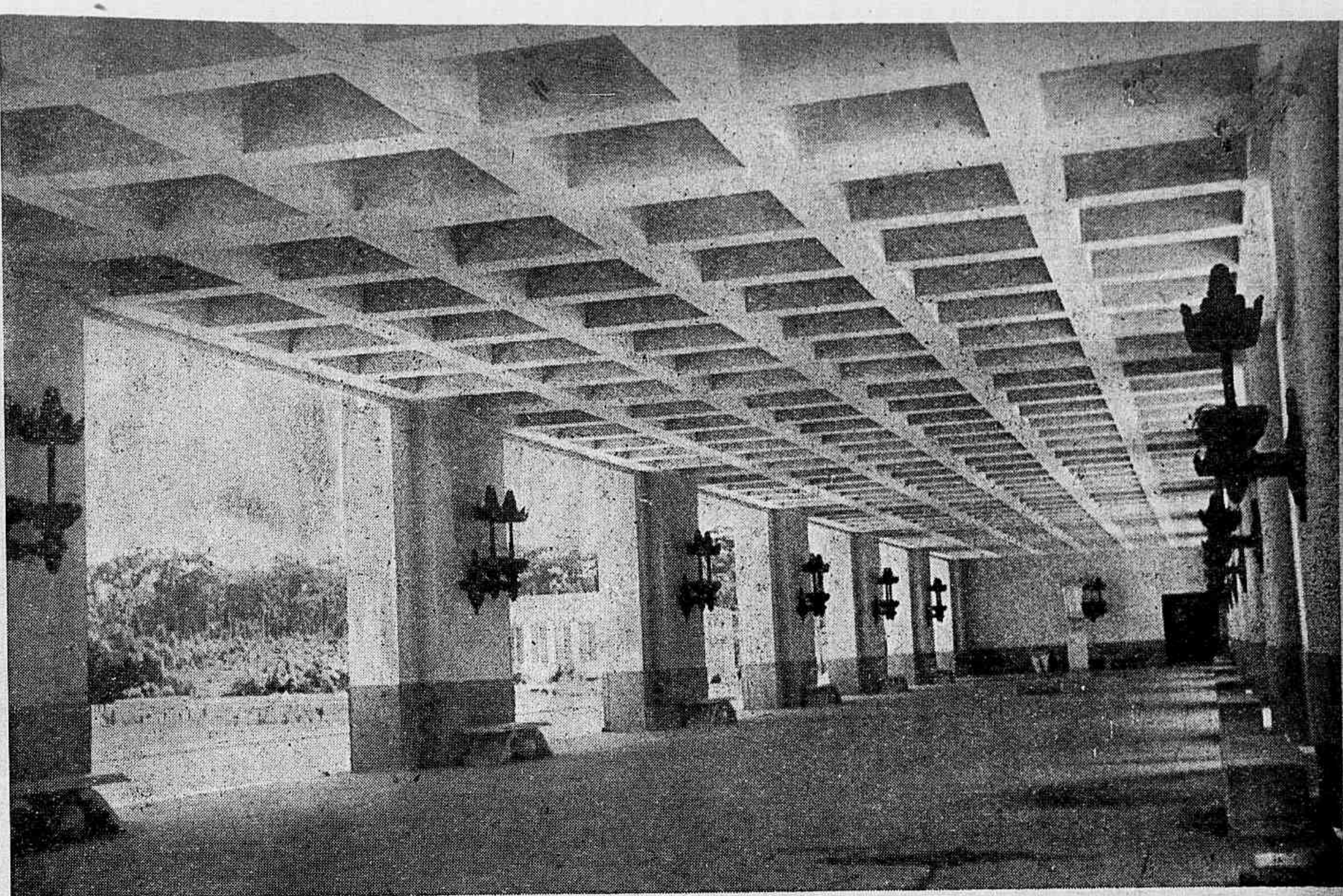
Entre o portão monumental e o edifício central, estende-se o tabuleiro de um vasto campo de paradas, onde a Escola desfila nos seus grandes dias, exibindo tanto o prodigioso compasso de pernas da sua Infantaria, como o frote largo da Artilharia, o rolar pesado dos lagartas ou o sutil avanço dos pneus das unidades mecânicas, até a carga da sua Cavalaria orgulhosa.

Há, por fim, um território da nova Escola que, por sua natureza, deve ser mencionado destacadamente: é o conjunto Panteon de Caxias, e Museu Escolar. É a parte nobre da grande Escola. Um refeitório das tradições militares do Brasil. Receberá os restos daqueles que com a espada construíram ou defenderam a nossa grandeza de hoje. E como foi no passado, Caxias será, no Panteon, a imagem soberana.

O Panteon, na sua riqueza, na severidade das suas linhas, nos macios tons de luz filtrada pelos vitrais, no silêncio

(Cont. na pág. 51)

De cima para baixo: Detalhe arquitetônico da nova Escola Militar. Um aspecto sugestivo da monumental obra realizada nas Agulhas Negras. A entrada da West Point brasileira.



ALGUNS dias antes de morrer, a marquesa Borghi tinha querido consultar, por desenganço de consciência, o dr. Giunio Falci, a respeito de seu filho Silvio, que cegara um ano antes. Já o havia mostrado aos oculistas mais famosos da Itália e do estrangeiro e todos haviam declarado que o rapaz estava atacado de um glaucoma incurável.

O dr. Giunio Falci tinha sido nomeado, por concurso, diretor da clínica oftalmológica, mas, fosse por causa de seu ar cansado e sempre distraído, fosse por causa de sua silhueta desgraciosa, não conseguia atrair nem as simpatias nem a confiança. Ele sabia disso e parecia gostar que assim fosse.

Tendo, portanto, sido convidado pela marquesa Borghi, examinara longa e atentamente os olhos do doente, sem prestar nenhuma atenção, pelo menos na aparência, ao que a marquesa lhe contava, relativamente à doença do filho, à opinião dos outros médicos, aos tratamentos já seguidos. Glaucoma? Não. Tinha-lhe parecido antes que se tratava duma rara e bizarra manifestação do que se chama geralmente catarata. Mas se abstera de pôr aquela mulher ao corrente das suas dúvidas, para não fazer nascer nela a menor esperança. Dissimulando seu interesse muito vivo por aquele caso curioso, exprimira, todavia, o desejo de rever o doente alguns meses mais tarde. Com efeito, havia voltado; mas, coisa extraordinária, naquela avenida nova, habitualmente pouco frequentada, dera com uma multidão de curiosos parados diante da grade aberta da vila.

A marquesa Borghi tinha morrido de repente, naquela noite. Que deveria fazer? Se não lhe era dado consolar ainda aquela mãe com a esperança, não poderia, agora, procurar levar um consolo à pobre criatura tão terrivelmente atingida por aquela nova desgraça inesperada?

Dirigira-se à vila.

Depois duma longa espera, no meio da agitação que ali reinava, uma jovem vestida de preto se apresentara a ele, loura, de ar rígido, quase severo: a dama de companhia da defunta. O dr. Falci lhe dera logo a conhecer os motivos de sua visita que, noutro caso, seria fora de propósito. De repente, com um ligeiro espanto que escondia mal a desconfiança, a moça perguntara:

— Mas, então, os jovens são também sujeitos à catarata?

O dr. Falci tinha-a olhado nos olhos, com um sorriso irônico, mais perceptível no olhar do que nos lábios, e lhe havia respondido:

— E por que não? Moralmente, sempre, quando eles ficam apaixonados. Mas, aí, fisicamente, também.

Ela havia então interrompido a conversa, dizendo que nas condições em que o jovem marquês se encontrava era impossível falar-lhe do que quer que fosse, porém mais tarde o faria ciente daquela visita e ele com certeza o mandaria chamar.

Três meses haviam decorrido e o dr. Falci ainda não fôra chamado.

A falar verdade, por ocasião da sua primeira visita a falecida marquesa tivera uma deplorável impressão do médico. Mlle. Lidia Venturi, que havia ficado com o rapaz, na qualidade de governante e leitora, lembrava-se disso muito bem. Mas aquela impressão não teria sido diferente, se o dr. Falci não tivesse logo feito a marquesa confiar numa cura provável? Essa pergunta, Mlle. Lidia Venturi não queria formular, e achou, por sua conta, que havia alguma coisa de charlatanesco e mesmo de pior, na segunda visita do doutor, naquela maneira de vir, justamente no dia da morte da marquesa, para dar parte de suas dúvidas e fazer nascer uma luz de esperança.

O rapaz parecia doravante resignado. Privado tão violentamente da mãe, além das trevas da cegueira, sentia condensarem-se na sua alma outras trevas, bem mais terríveis ainda, a respeito das quais todas as criaturas são cegas. Mas dessas trevas o que possui olhos normais pode ao menos se distrair com a vista das coisas circundantes; ele, não: cego para a vida, cego agora também para a morte. E nas trevas mais nuas, mais frias, mais sombrias, a mãe lhe havia desaparecido, silenciosamente, deixando-o sozinho, num terrível vazio.

Conto de Luigi Pirandello

De repente, uma voz de doçura infinita viera até ele, não sabia de onde, tal como uma suave claridade na sua dupla escuridão.

Para ele não era mais do que uma voz, Mlle. Lidia Venturi! Ela era igualmente aquela que, naquele último mês, se aproximara mais do que qualquer outra pessoa de sua mãe. E sua mãe — ele se lembrava muito bem, falando-lhe dela fizera-lhe elogios. Sabia, portanto, que ela era boa, atenciosa, de maneiras finas, culta, inteligente, e a imaginava assim nos cuidados que ela lhe prodigalizava, no conforto que lhe dava.

Lidia, desde os primeiros dias, tinha suscitado de que a marquesa de Borghi, tomando-a a seu serviço, não via com maus olhos, no seu egoísmo materno, que o filho desventurado, de algum modo, achasse consolo perto da moça: ofendera-se cruelmente e forçara sua soberba natural a enrijar-se numa atitude ainda mais que severa. Mas, logo depois dos funerais, quando, chorando desesperadamente, o rapaz lhe havia tomado a mão sobre a qual ele pousara a bonita cabeça tão pálida, gemendo: «Não me abandone!... Não me abandone!...» — sentira-se tomada de piedade e de ternura e se consagrara toda a ele.

Bela de rosto não era; mas de corpo era muito elegante, esbelta e ao mesmo tempo robusta. Belas, verdadeiramente belas, eram suas mãos e sua voz.

A voz sobretudo; duma suavidade indefinível, em oposição ao ar sombrio, altaneiro e entristecido do rosto.

Ela sabia como, graças à magia daquela voz, e por meio de tímidas respostas às perguntas insistentes, ansiosas, ele a via. Esforçava-se, diante do espelho, em parecer com sua imagem fictícia, esforçava-se por se ver como ele a via, nas suas trevas. E a voz, para ela mesma, não saía mais de seus lábios, mas dos lábios que ela imaginava.

Tudo isso lhe causava um tormento surdo que a transtornava: parecia-lhe que não era mais ela própria, que se estava frustrando a si mesma, por causa da piedade que aquele rapaz lhe inspirava. Piedade somente? Não; era também amor agora. Não sabia mais retirar a mão da mão dele, afastar o rosto do rosto dele, quando ele a atraía demasiadamente.

— Não, assim não... não, assim não...

— Em pouco, foi preciso tomar uma decisão que para Lidia foi o resultado duma luta longa e penosa. O jovem marquês não tinha parentes, nem próximos nem remotos, não dependia de ninguém e podia fazer o que bem lhe parecesse. Mas não se diria que ela se aproveitava da desgraça dele, para se fazer desposar por ele, para se tornar rica e mar-

Uma voz

Ilustração de A. Pacheco

quesa? Oh! certamente diriam isso e muitas outras coisas mais. Entretanto, como poderia continuar a morar naquela casa, senão nessas condições? E não teria sido cruel abandonar aquele cego, privá-lo de seus ternos cuidados, só por causa das más línguas? De fato, sem dúvida alguma, era para ela uma grande oportunidade; mas no fundo de sua alma e de sua consciência pensava merecê-la, porque o amava; e mesmo, para ela, a maior oportunidade consistia em poder amá-lo abertamente, em poder dizer que era dele, toda, dele, em poder consagrar-se unicamente a ele, em corpo e alma.

Ele não se via, não via em si senão sua desgraça; porém era belo, tão belo e tão delicado quanto uma rapariga; e ela, olhando-o com viva alegria interior, sem que ele percebesse, podia pensar: aí está, és meu porque não te vês, porque não te conheces, porque tua alma é a prisioneira de tua dor e porque ela necessita de mim para ver e para sentir. Mas não era preciso, antes de mais nada, apaziguando-lhe, assim, o desejo, confessar-lhe que não era tal como ele a imaginava? Não seria uma impostura calar-se? Sim, uma impostura. Mas ele era cego, e um coração podia sofrer, um coração semelhante ao seu, ardente e devotado, a ilusão da beleza. Feia, aliás, não era. E, depois, uma mulher bela, verdadeiramente bela, teria podido, talvez, quem sabe, enganá-lo doutra maneira, aproveitando-se de sua desgraça, se, na verdade, mais do que dum belo rosto que ele não veria jamais, ele tivesse necessidade dum coração amoroso.

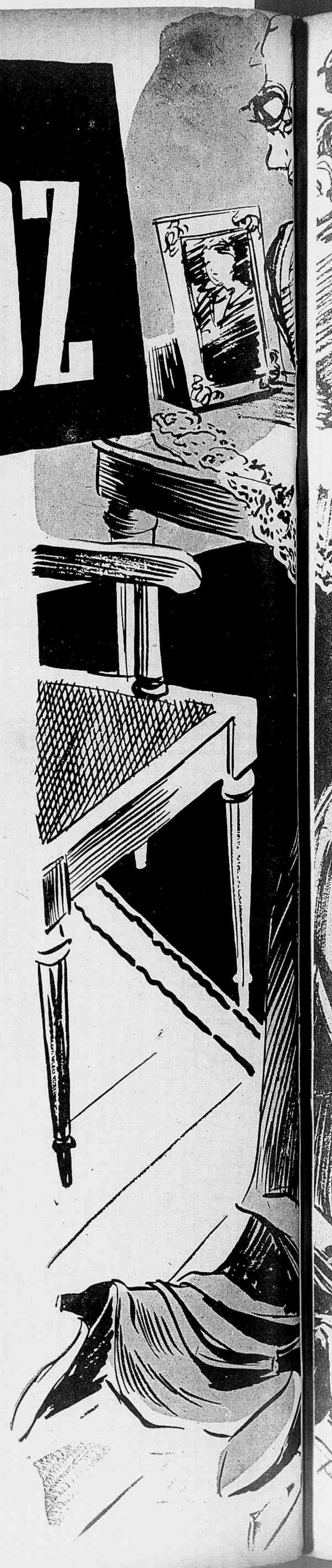
Depois de algumas semanas duma perplexidade angustiosa, resolveu-se o casamento. A cerimônia deveria realizar-se sem nenhuma pompa, muito rápida, logo que terminasse o sexto mês de luto pela marquesa de Borghi.

Faltava apenas uma semana, quando Lidia foi avisada repentinamente da visita do dr. Giunio Falci.

— Esta visita é talvez, como a precedente, inoportuna — disse o dr. Falci com um leve sorriso irônico. — Mas a senhorita me desculpará.

— Não... por que? Ao contrário... — fez Lidia, corando.

— A senhora não sabe — replicou Falci — o interesse que podem ter, para um pobre homem que se ocupa de ciência, como eu, certas moléstias... Mas devo dizer-lhe toda a verdade, mademoiselle: eu não me havia lembrado mais do caso, embora, na minha opinião, muito raro e muito estranho, do marquês Borghi. Entretanto, conversando ontem com alguns amigos, soube da notícia do ca-





samento de ambos. E' exato, não é, mademoiselle?

Lidia empalideceu e fez com arrogância um sinal afirmativo com a cabeça.

— Deixe-me felicitá-la — acrescentou o médico. — Mas, veja, de repente eu me lembrei. Eu me lembrei do diagnóstico de glaucoma que tinha sido feito por alguns colegas meus, se não me engano. Lembrei-me igualmente de minha segunda visita tão desastrosa e pensei que a senhora, mademoiselle, primeiro por causa do abalo produzido pelo súbito falecimento da marquesa, depois por causa da alegria do próximo acontecimento, houvesse com certeza esquecido, não é? esquecido...

— Não — contestou duramente Lidia, revoltando-se sob a tortura que o longo discurso venenoso do médico lhe infligia. — Eu me lembrei, antes, da pouca, para não dizer da absoluta falta de esperança, desculpe-me, que a marquesa tivera depois de sua visita, quanto à cura do filho.

— Mas eu nunca disse à marquesa — apressou-se a declarar Falci — que a doença do filho dela, na minha opinião...

— E' verdade, foi a mim que o senhor disse — interrompeu Lidia de novo. — Mas eu, tanto quanto a marquesa...

— Da pouca, não da absoluta, falta de esperança, não é verdade? Isto não tem importância — interrompeu, por sua vez, o dr. Falci. — Entretanto, a senhora não pôs o marquês a par de minha visita e do motivo...

O dr. Falci levantou a mão.

— Compreendo. Uma vez que o amor nasceu... Mas, mademoiselle, perdão: dizem, não é verdade? que o amor é cego. A senhora quer que seja cego a esse ponto o amor do marquês? Cego também fisicamente?

Lidia compreendeu que contra a frieza mordente e tão segura de si mesmo daquele homem não bastava adotar uma atitude arrogante, na qual, para defender sua dignidade duma suspeita odiosa, ela se enterrava cada vez mais. Todavia, esforçou-se para se conter e perguntou com uma calma aparente:

— O senhor persiste na sua opinião de que o marquês poderia, graças a seus cuidados, adquirir de novo a vista?

— Devagar, mademoiselle — respondeu Falci, e levantou ainda uma vez a mão.

— Não sou, como o Padre Eterno, todo poderoso. Só examinei uma vez os olhos do jovem marquês e me pareceu poder excluir em absoluto a hipótese dum glaucoma. Ai está: isto, que pode ser uma dúvida e pode ser também uma esperança, deveria, parece-me, bastar-lhe, se de fato, como acredito, o bem de seu noivo lhe interessa sinceramente.

— E se a dúvida — apressou-se a replicar Lidia com um ar de desafio — subsistisse para sempre depois de sua visita, se fosse preciso perder toda a esperança? Não teria o senhor inutilmente perturbado uma alma já resignada?

— Não, mademoiselle — respondeu o doutor com uma tranquilidade séria e dura. — A tal ponto que achei que o meu dever de médico era vir sem ter sido convidado. Porque aqui acredito achar-me não somente diante dum caso clínico, mas igualmente diante dum caso de consciência, o que é mais grave ainda.

— O senhor desconfia... — tentou consciência, o que é mais grave ainda, deu tempo de continuar.

— A senhora escondeu do marquês minha visita. Escute-me, mademoiselle: isto será um ponto de honra de minha parte. Digo-lhe mesmo que não pedirei nada ao marquês se ele consentir em ir à minha clínica onde receberá todos os cuidados e toda a ajuda que a ciência pode oferecer, e isto de u'a maneira inteiramente desinteressada. Depois desta declaração, é pedir muito rogar-lhe que me anuncie ao marquês?

Lidia levantou-se subitamente.

— Um instante — disse então o dr. Falci, levantando-se também e retomando sua expressão habitual. — Não direi ao marquês que vim outro dia. Direi, ao contrário, se a senhora quiser, que foi a senhora que me pediu para vir aqui, solicitamente, antes do casamento.

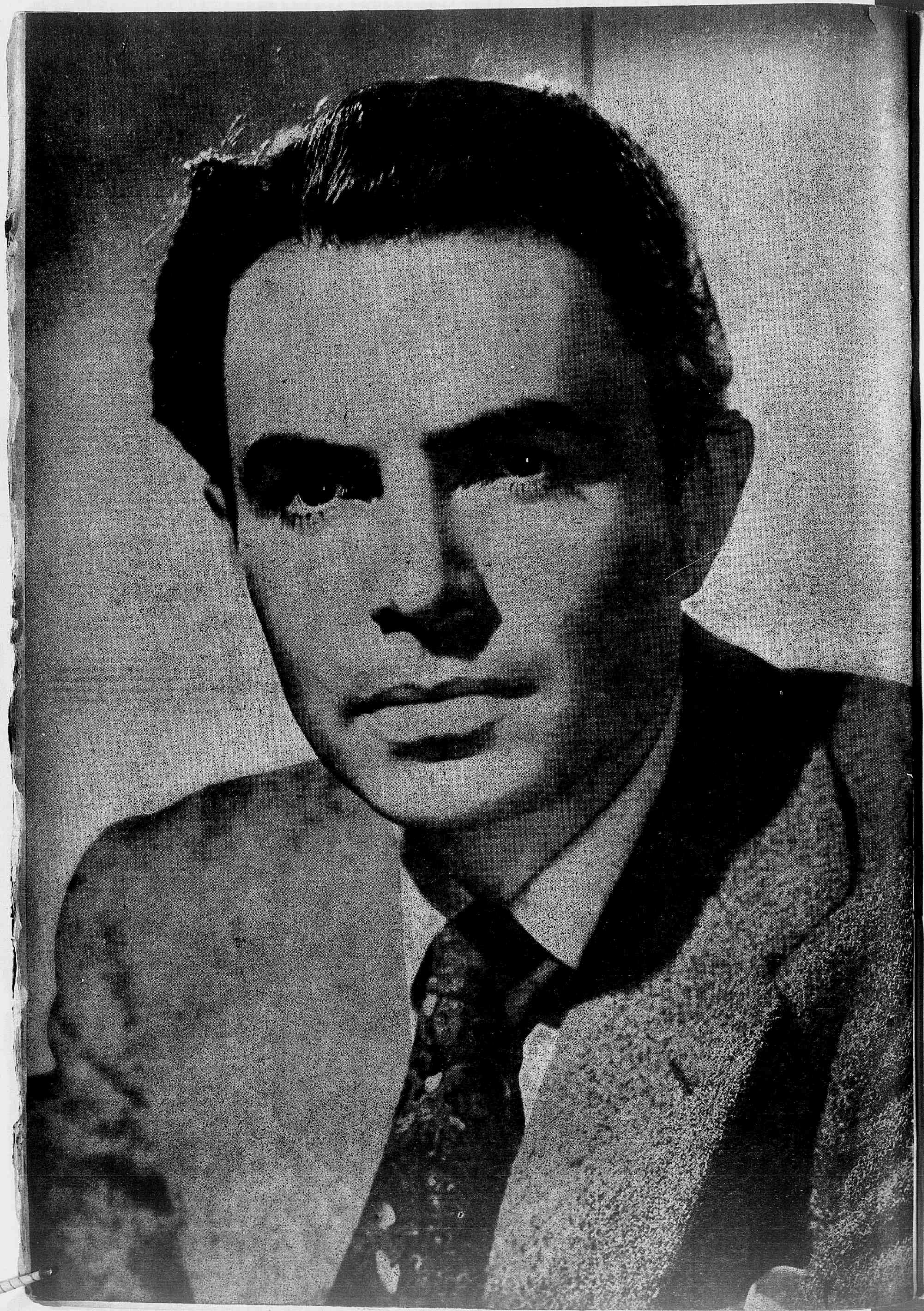
Lidia olhou-o altivamente no fundo dos olhos.

— O senhor lhe dirá a verdade. Não, serei eu mesma que a direi.

— De não ter acreditado em mim?

— Justamente.

PACHECO





Na página ao lado: James Mason, a figura mais popular da cinematografia na Inglaterra. Em cima, à esquerda: James Mason e sua esposa e colaboradora, a atriz e romancista Pamela. À direita: James Mason e Pamela Kellino, no jardim de sua residência campestre, nos arredores de Londres.

JAMES MASON, O GRANDE ASTRO BRITÂNICO DA TELA

POUCO se pode dizer sobre James Mason como ator, que o público ainda não conhece. Todas as revistas cinematográficas se ocupam da personalidade do «astro» supremo da tela britânica, levando até os mais remotos recantos a história de seus triunfos.

Mas o James Mason da intimidade sempre ficou no segundo plano, devido talvez a que um de seus característicos é a reserva e um certo escrúpulo de falar de si mesmo. No entanto, acreditamos que suas peculiaridades como ser humano comum sejam as que mais incitam a curiosidade de seus admiradores, e, sobretudo, de suas admiradoras.

Vamos, pois, divulgar dados que lhes permitam ver seu ídolo, não fora do pedestal, mas sim de mais perto, como um ser de carne e osso, com todas suas virtudes e fraquezas. Isto, longe de lhe diminuir o prestígio, permitirá melhor apreciarmos o mérito de seus triunfos e seus esforços para atingir a perfeição.

Em primeiro lugar, James Mason é um homem de uma só palavra. Quando toma uma resolução não há ninguém que o faça recuar. Cumpre tudo o que promete. Em seus compromissos é exato como um relógio e exige dos demais a mesma pontualidade. São poucas as pessoas a quem concede sua amizade, mas sabe ser amigo no mais elevado sentido da palavra. E, assim, como é difícil vencer sua reserva, quando se expande fá-lo sem restrições. Por isso tem o máximo cuidado em escolher as pessoas com as que pode ser franco. Ele mesmo diz que não quer se expor demasiadamente aos desenganos. Tem o pudor de seus sentimentos e isso faz com que, em público, seja um tanto frio, ainda que sem deixar de ser amável.

É homem de gostos muito definidos e firmes convicções. Sustenta seus pontos de vista com valor e decisão. Com toda a clareza diz o que pensa de um argumento, critica a direção ou produção de obras teatrais e cinematográficas, se acredita que deve fazê-lo e, em vez de uma oportunidade, negou-se a representar papéis que considerava inadequados à sua personalidade. Nem sempre está de acordo com os procedimentos seguidos pelos magnatas do cinema, o que por diversas vezes ocasionou desentendimentos entre eles. Uma prova dessa atitude é o cabograma que dirigiu aos produtores de Londres, quando lhe foi concedido o Prêmio Nacional Cinematográfico, depois de sua atuação em «O sétimo véu».

«Obrigado a todos os que votaram em mim... mas não participo desse critério.»

COMO VIVEM O ATOR DE «O SÉTIMO VÉU» E SUA ESPÔSA, A ATRIZ E ROMANCISTA PAMELA KELLINO — UM PRÊMIO QUE CONTRARIA O PREMIADO...

Sempre se interessou pela produção de películas. Fez sua primeira tentativa como produtor associado, junto de Sidney Box, em «Como um cálice de cristal», onde também representou. Porque para James Mason é tão indis-

Pamela Kellino, que aqui aparece em um retrato a óleo e em uma fotografia, preside o lar feliz de James Mason.



pensável representar como respirar. É artista por vocação, temperamento e gosto. Para ele não existe maior distração que estar ante a câmera ou sobre um palco.

Intelectualmente é muito cultivado. Possui um espírito inquieto, aberto a todas as idéias, ávido de conhecimentos. Sua conversação é muito agradável, e seu interesse é pelo cinema, livros, peças de teatro, política e mulheres: exatamente na ordem indicada. Lê muito e seus autores favoritos são Somerset Maugham e Robert F. Sherwood. É grande admirador do pintor francês Manet.

Em seu lar procura distração, não nas ocupações habituais de jardinagem, conversas com amigos ou leitura de jornais perto da lareira, mas escrevendo enredos para a tela, ou discutindo com sua esposa, a famosa romancista e atriz Pamela Kellino, as obras desta.

James Mason confessa, sem nenhuma vacilação, que o verdadeiro progresso de sua carreira começou depois de seu casamento com Pamela Kellino, em 1941. Desde 1939, conheciam-se e trabalhavam juntos, não só em peças de teatro e no cinema, como produzindo em colaboração enredos cinematográficos e teatrais. Além de suas afinidades literárias, ela e seu esposo estão ligados por outras muitas afinidades espirituais. Por isso foi tão feliz seu matrimônio. São dois verdadeiros companheiros e nunca surgiu entre eles a menor sombra de rivalidade profissional.

James Mason gosta do campo. Possui uma lindíssima e extensa propriedade nas imediações de Londres, com vastos jardins floridos e um pomar. Na disposição de sua casa, combinam-se o gosto mais apurado e o maior conforto. O amor de Mason pelos gatos é proverbial. Ele sempre consegue que em seus filmes apareça um. Em seu lar tem vários desses animais muito finos. Talvez o motivo de sua predileção por eles se ache na seguinte frase: «Os gatos são tão carinhosos como uma mulher enamorada, com a diferença de que nunca se queixam».

Veste com muita simplicidade, preferindo as gravatas coloridas. Admirava a Gandhi, e Maquiavel é sua personagem histórica favorita. Dotado de grande espírito crítico, aplica-o não só à sua carreira como a todos os atos de sua vida. Gosta das refeições simples. Em sua mesa deve haver sempre uma boa salada. E encanta-o a lagosta.

Nasceu a 15 de maio de 1909, em Huddersfield, Inglaterra. Mede 1m.80 e pesa 77 quilos, de rosto pálido e cabelos escuros, tem um olhar muito intenso e um sorriso um tanto irônico. (Copyright do British News Service.)

A morte tem a sua lógica, cujas razões se perdem na bruma anônima da fatalidade. A **angina pectoris**, que matou Oscar Clark, constringiu-lhe o órgão que lhe simboliza a carreira e resume a vida: o coração. Esse mestre de medicina era, sobretudo, um professor da arte de ser bom. O sorriso acolhedor que lhe plasmava a face — não se desfez nem à vista melancólica do túmulo. Vi-o vestido singelamente, para a eternidade, com a mesma roupa com que visitava os doentes e acudia aos amigos. Avesse às pompas do mundo (êle, que nascera em tronco aristocrático de família anglo-brasileira), conservou, no último capítulo da vida, a singeleza de um missionário e a dignidade de um asceta. Lembrei-me de quantas vezes lera, em seus olhos, a esperança da cura de uns, da salvação de outros. Recordei as aulas magistrais que dava na 2ª Enfermaria da Santa Casa e que reunia, como ouvintes, médicos e professores de vária estirpe e valia. A **angina pectoris**, que sabia descrever tão miudamente, seguiu, nele, a marcha rápida da sua inflexível letalidade. Dola-lhe o coração — que estivera quieto 40 anos, perdido, já, no trânsito dos decênios, o receio que lhe adviera da insuficiência mitral da juventude. Oscar Clark morria, da dor fulgurante, sem uma palavra de queixa contra o destino ou contra Deus. E, nas últimas horas da tragédia patológica, disfarçava o sofrimento para não ver sofrer os a quem tanto amava — e que tanto lhe custava deixar no mundo...

Duas mil aulas, mais de 300 monografias de assuntos médicos, meia dúzia de livros escritos em prol da salvação das crianças pobres do Brasil, a primeira Clínica-Escolar do Distrito Federal, a primeira Escola-Hospital, o primeiro Centro de Exames Periódicos de Saúde do Brasil, milhares de doentes salvos da morte ou da inutilização para a vida, o exemplo de uma vida honrada, posta, inteira, a serviço da Pátria — eis a herança deixada por Oscar Clark aos pósteros, eis o acervo dessa existência de sábio, cidadão e apóstolo. O exercício da Medicina, que, para muitos, é simples instrumento da arte de enriquecer — para Oscar Clark era um apostolado contínuo, em cuja prática despendeu mais de 30 anos de estudo, trabalho e canseira. Vi-o muita vez retificar diagnósticos estúpidos, que teriam levado à morte os infelizes que lhes seguissem as consequências terapêuticas. Vi-o desfazer sentenças fatais, passadas pela imbecilidade humana, disfarçada, por vezes, sob o manto augusto de Esculápio. Os triunfos da Clínica Médica teriam feito dele um fabricante de milagres — se um pudor quase infantil não lhe vedasse o trom-

OSCAR CLARK, UM WILLIAM OSLER BRASILEIRO

Por BERILO NEVES (Especial para REVISTA DA SEMANA)

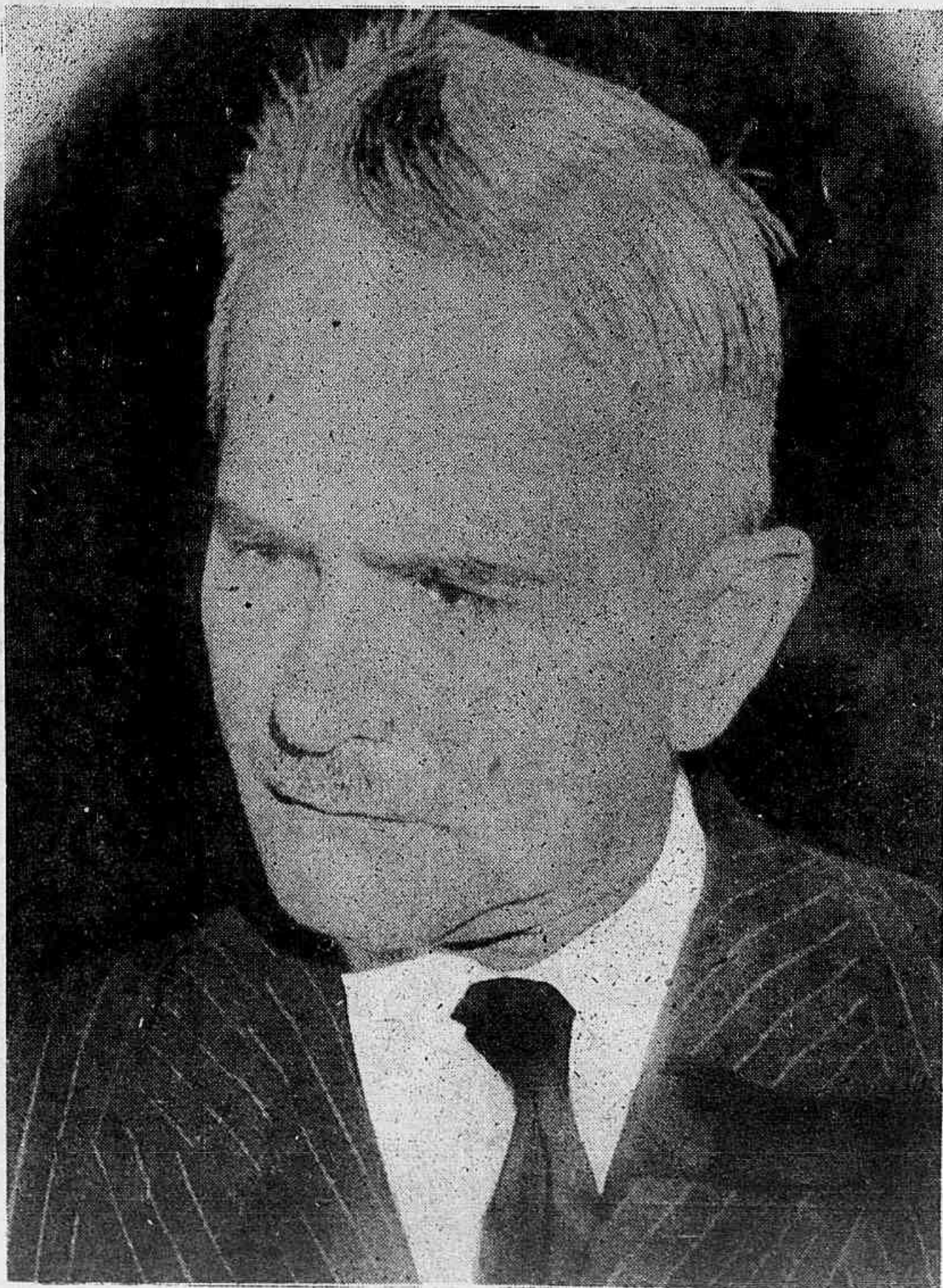
betear das proezas próprias e dos malogros alheios.

Educado na escola profissional de Rocha Faria, Clark tinha todos os elementos para suceder, na vida clínica, aos Fajardo e Francisco de Castro, que pontificaram na arte hipocrática, nos últimos cinquenta ou sessenta anos, no Brasil. Ao prazer de curar adultos, preferiu, porém, a alegria (extremamente social e humanitária) de prevenir males futuros, cuidando do problema da criança enferma, no nosso País. E' preciso deter a morte nos seus primeiros passos — dizia êle — diagnosticando, em tempo, as lesões que a ela conduzem, irremediavelmente. A medicina preventiva teve, nele, seu maior servidor entre nós, nesta metade do século. As Escolas-Hospitais — em cujo âmbito se dão as mãos o médico e o professor — foram sua preocupação absorvente, nos últimos quinze ou vinte anos. Graças a êle, dezenas de crianças do Estado do Rio foram tratadas e alfabetizadas em Araruama. Mais que isso: ensinava-as a trabalhar, pois que o ideal era, a

seu ver, o provê-las de um ofício que as tornasse úteis à família e ao Estado. A significação social da "Escola-Hospital José de Mendonça" é um patrimônio que a Pátria não deve deixar perder-se nesta bruma de tristeza que cerca, como uma atmosfera de lágrimas impalpáveis, a morte do William Osler brasileiro.

Sim! Sir William Osler, príncipe da medicina inglesa, era um dos modelos de Oscar Clark no exercício da arte hipocrática. O médico do século XX não pode ser simples diagnosticador de estados mórbidos. "Durante cinco mil anos — escreveu Clark, em "O Século da Criança" — os médicos limitaram sua atividade profissional a prestar serviços a pessoas doentes". Não cuidavam de estudar as causas das enfermidades, a influência do meio externo, da profissão, etc., sobre o organismo humano. A revolução industrial que se operou no mundo, modificando profundamente as condições da vida dos grandes centros urbanos, tornou imperiosa a existência da me-

PROFESSOR OSCAR CLARK



dicina social, isto é, da medicina preventiva, com todas as suas ciências auxiliares. "Foi somente no século XVIII — acrescenta o sábio brasileiro — que se iniciou o movimento favorável à socialização da arte de Hipócrates: só então os discípulos de Esculápio começaram a compreender que a finalidade da sua profissão era bem mais ampla do que simplesmente cuidar de doentes". Não ficou aí a evolução da Medicina, como fator social de primeira ordem: enquanto, no século XIX, se cuidava principalmente do meio externo (engenharia sanitária), hoje, graças à **higiene escolar**, tratamos sobretudo do indivíduo. A idade escolar é a idade em que se esboça o destino do homem moderno. E' na Escola que os governos devem salvar da morte precoce as novas gerações, fazendo diagnosticar em tempo os males das crianças e tornando-as robustas, sadias e felizes. Nessa obra gigantesca, a Clínica-Escolar e a Escola-Hospital completam-se e fundem-se. A primeira é um **centro de diagnóstico precoce e tratamento médico-preventivo**; a segunda visa dar às crianças débeis **educação integral e saúde física**, longe do ambiente em que estavam depauperadas. O mestre dá um exemplo da importância desses dois aspectos da medicina social, na vida prática. Em cada mil escolares, entre nós, cerca de trezentos apresentam provas sociológicas positivas (reação de Wassermann). Se essas crianças não forem tratadas convenientemente, "muitas delas morrerão precocemente, vítimas de lesões cardíacas, e outras causadas pelo germe da sífilis". Quanto à tuberculose, ninguém ignora que o Rio de Janeiro é um dos maiores focos da "peste branca" no mundo. As praias e as montanhas constituem os dois grandes recursos naturais com que a Medicina conta para erradicação progressiva dessa calamidade nacional. Se a lagoa de Araruama (escrevia, ainda, o autor de "O Século da Criança") estivesse situada na Inglaterra ou na Alemanha, ou em qualquer país intensamente civilizado, seria frequentada, anualmente, por **centenas de milhares de crianças**.

Eis aí algumas das idéias básicas que Oscar Clark defendeu durante mais de trinta anos, chamando para elas a atenção dos governos e dos médicos do País. Clínico genial, êle abandonou, progressivamente, seus interesses pessoais, para se dedicar ao tratamento e salvação da criança brasileira. A saúde da Pátria era sua preocupação suprema. Seus livros, opúsculos, artigos nos jornais, entrevistas, etc., clamam por uma assistência médico-escolar à altura da civilização moderna e dos interesses da nacionalidade. Por êsse ideal, êle deu a vida. A excessiva atividade

(Continua na pág. 51)

HISTÓRIA DO BRASIL A MANEIRA AMERICANA

HONRA-NOS e vexa-nos bastante encontrarmos-nos em parelha com o grande escritor de nossa língua quando, ao receber o livro de uma solta bas bleu francesa, preferira poder anunciar o nascimento de um formoso e sólido menino antes que um tomo de inánuas e motejos, que não lhe ia ao gosto. Tratando de impressões de leitura feita com o folheto de **TRONO DO AMAZONAS**, ao mesmo tempo lembramo-nos que esse produto não parece recomendar-se à entrada no círculo das letras nacionais, trazido como foi nesse encurro de um verdadeiro Niagara com que ultimamente a confraternização brasileiro-americana tem sortido de subprodutos a edição nacional, com o desprezo pelos livros inéditos, que enchem as gavetas de nossos autores, preteridos na invasão de livros estrangeiros preferencialmente levados à impressão de nossos prelos. E isso sem que haja uma lei ou instituição de proteção que, forçando à certa porcentagem a publicação das obras nacionais, como se faz atualmente com a música por exemplo, garantisse e favorecesse a produção de nossos escritores. Se temos estabelecido órgãos de toda ordem para beneficiar a solfa, o laticínio, o café, o cacau, um Conselho ou Comissão Executiva da Edição poriam talvez certa rerra ao que em matéria de intelectualidade anda por ali tão abusado, desnordeado e malsinado.

Mas não nos desviemos nesse sentido, abandonando a apreciação desse **TRONO DO AMAZONAS**, que está pedindo uma crítica não subsidiada, para que não se acredite lá fora que nós brasileiros nos achamos sempre prontos a aceitar como coisa apreciável o que nos é imposto por condições industriais, onde tudo é permitido, desde a perversão da verdade histórica até os desrespeitos aos mais comensais preceitos da própria polidez entre gente de certa cultura e educação.

A começar pelo título, o **TRONO DO AMAZONAS** parecendo tratar-se do romance estafurdo de algum pretendente ao reino da Borracha, mostra esquecer que o Império do Brasil abrangia não somente a região do Rio-Mar como também englobava as bacias do São Francisco e do Paraná. Essa limitação geográfico-política obriga-se talvez a exigências de publicidade, que pede a redução de termos, capando dessa forma a grandeza territorial abarcada no regime, que por perto de setenta anos sustentou o crédito e a grandeza do Brasil. A menos que se pretenda diminuir-nos do que nos coube adquirir e defender por tantos séculos atrás...

Para consignar o que existe de menos probo e correto no **TRONO DO AMAZONAS** e acha-se recomendado estranhamente pelo auxílio oficial e pela simpatia e ajuda de tantos indivíduos particulares da sociedade brasileira, não chegariam certamente nem todas as páginas do *Jornal do Comércio*, tanto abundam os erros históricos, a atrapalhada de referências, os contos sem pés nem cabeça, os juízos absurdos com que a pena da autora pretendeu realizar a menção do real ou do provável, projetando-a no círculo da história imperial do Brasil.

Antes de mais nada, será preciso notar como é que Bertita Harding, arrastando pela rua da amargura, sobretudo as memórias de D. Carlota Joaquina e de D. Pedro I, arranhou-se a oferecer esse punhado de erros e ofensas ao jovem e desprevenido neto desses monarcas. Curioso desembaraço, talvez alinhavado nas regras da convivência norte-americana, o de insultar a

A PROPÓSITO DO "TRONO DO AMAZONAS", DE BERTITA HARDING

Por ALBERTO RANGEL

ascendência daquele a quem se dava ao mesmo tempo tirar a larga barretada. Que a autora desfizesse e mesmo ultrajasse os avós do seu amigo, ainda se entende, mas não expuzesse o nome do herdeiro consagrado à frente do rol de injúrias e mentiragens com que fulminasse os seus antepassados, e isso a propósito da apanha bucólica de violetas, cujo aroma de suave hospitalidade ficou dessa forma misturado ao bodum de tão aleivosas demonstrações de uma opinião mal referida e mal parada.

Realmente na lista de todos os plumitivos, que formaram agressivamente em torno dos babados das salas de D. Carlota Joaquina, nenhum aparece mais afrontoso que Bertita Harding. Sem um só documento, que prove a legitimidade de suas afirmações, essa senhora subscrive e sublinha o que o famigerado sujeito que foi D. José Presas, secretário particular de D. Carlota Joaquina, disse da patroa, cuspidor por indecente especulação no prato que a soberana lhe estendera à mesa de mal agradecido. A verdade histórica é que não há em torno da figura curiosíssima da Princesa do Brasil senão suposições; boatos de maledicência, açoutados nesses infames dizeres do espanhol, seu antigo protegido. Da correspondência particular encontrada, mesmo a que teve lugar na sua quinta do Ramalhão, nada há que justifique o mau juízo com que a impiedosa americana de hoje a põe à par da própria Messalina! Sem falar no linguarudo Santos Marrocos, que a achou de uma caridade notável, o plenipotenciário Marquês de Casa Irujo não trepida em atribuir a essa Rainha "prejuízos mui distintos", reconhecendo a "elevação de seu espírito". Dir-se-á que esse era seu patricio e precisaria rasgar-lhe as sedas de algum alto conceito. Mas, o próprio Visconde de Strasford, embaixador britânico, que foi chicoteado pelos palafrenheiros da castelhana, fazendo de Prezas o pior dos juízos, assim se refere a D. Carlota Joaquina: "Cet homme si patri d'atrocités, a eu le talent de masquer ses crimes aux yeux de la VERTUEUSE ET DIGNE Princesse qui daigne l'honneur de sa protection." Esse parecer do diplomata britânico, que não era da roda nem da simpatia da Princesa, arrasa todo o conjunto de acusações e aleivosas com que a escritora yankee inconscientemente renova a massa imponente de improperios com que os imitadores e repetidores do salafrário Presas tem procurado sujar a reputação de D. Carlota Joaquina. E quão penoso é, que essa infeliz soberana nem de uma criatura de seu sexo haja recebido nenhum favor de sua condescendência às fraquezas que se lhe atribuem! Pelo contrário. Dir-se-lhe não haver loba mais cruel para a outra do que aquela que se lhe avizinha na alcatéla.

D. Pedro por sua vez é qualificado com certa facilidade de estilo "sátiro imperial". Não há hipótese maliciosa que não lhe atribua a escritora, gozoza de exagerar as fragilidades e defeitos tão naturais em um homem a que a educação não desbastara de suas inferioridades, mas que foi suficientemente o campeão da in-

dependência e da liberdade de dois povos. Dir-se-lhe que Bertita Harding veio dizer-nos essas coisas como novidade ao povo brasileiro, sedento de tais revelações. A bem compreendê-la, nunca ninguém no Brasil esmiuçara esses incidentes e vicissitudes, para que ela tão corajosamente viesse agora a contar por ponto as misérias da intriga por ela descobertas e registradas.

E no entanto, desde 1916, com a vinda à luz do nosso livro *Dom Pedro Primeiro e a Marquesa de Santos e de Textos e Pretextos*, em 1926, tudo isso tinha sido escabichado nos seus elementos propriamente históricos. E com essas páginas modestas de um simples estudo do passado, nenhuma linha tendenciosa com que pudéssemos achincalhar a Monarquia, como ora acontece com o tomo da estrangeira, que arquitetando seus mentirosos enredos e hipotéticos diálogos parece não ter tido outro fim senão tornar a vida no Império e no Reino uma só intriga de prostitutas e insignes malandrões. Não há ridículo, que suas invenções não suscitem, não há opróbrio ou suposição de pouca delicadeza que o seu senso de mulher repugne. E isso talhado com o favênio de suas melhores relações no meio brasileiro, inclusive a Família Imperial, seladas com a estamplilha dos irmãos Vargas, Gilberto Freyre, Carolina Nabuco, etc.!!!

Se a escritora fez tanta ostentação dessas referências, por nossa vez não sabemos como classificar a pena de tanto desentelo que, sem escrúpulo algum, se aproveitou do auxílio que lhe deram, abrindo os corações e destampando-lhe os arquivos, para esticar a figura do Brasil com tanta arrogância, revelando a tendência ao malévolo, verdadeiramente estranhável numa pessoa alfabetizada nas primícias de uma grande civilização. Vá que entre nós, ainda mais bárbaros e mal educados, haja quem tenha cozinhado tudo o que a Bertita Harding acaba de recozinhar. Lavamos em casa a roupa suja doméstica. Que fora de nossas fronteiras digam os nossos adversários o que lhes apraza, mas não se acolha para o vernáculo pretendidas inanias de uma literatura de importação, coberta de bostelas dos males, que vindos de nós mesmos, quanto mais dos outros, já se nos tornam insuportáveis.

O **TRONO DO AMAZONAS**, já o dissemos, se perdessemos nosso tempo em catar-lhe os enganos e disparates teríamos panos para mangas. Aqui afirma a americana, que o pai da Marquesa de Santos foi promovido a coronel por D. Pedro para amaciar-lhe o conhecimento das patifarias da filha, o que é inteiramente falso, pois João de Castro já era coronel e por sinal reformado desde antes de ter feito conhecimento com o seu protetor. Ali: "Sempre que podia o Imperador escapava para São Paulo a fim de ver a Marquesa", o que é outra inverdade, porque depois de 9 de Setembro de 1822 nunca mais o Imperador esteve naquela cidade. Acolá, que Sir Charles Stuart era cônsul geral de Inglaterra, coisa que nunca o foi. Mais além, que D. Pedro "sem um gesto de oposição deixou a rebelde Província Cisplatina escapulir-lhe das mãos, aceitando resignado sua transformação na independente República do Uruguai", quando é sabido quantos esforços diplomáticos e sobretudo de guerra sustentou o Imperador para conservar no âmbito do Império a terra que levava ao Brasil às águas do Prata, arrebatado no grande sonho que

(Continua na pág. 55)

A esquerda: D. Carlota Joaquina, a primeira soberana do Brasil, segundo uma velha estampa. A direita: D. João VI, segundo o admirável retrato que dele nos deu o ator Jayme Costa, na comédia histórica "Carlota Joaquina".



ALBERTO Rangel, ilustre escritor, grande pesquisador dos nossos assuntos históricos, autor de "D. Pedro I e a Marquesa de Santos", "Textos e Pretextos", etc., escreveu, há anos, um interessante trabalho sobre as deturpações históricas de Bertita Harding sobre o nosso país, no livro que teve curso, em nosso idioma, sob o título de "O trono do Amazonas". Esse trabalho, por circunstâncias fortuitas, permaneceu inédito até hoje, tendo vindo às nossas mãos através de um amigo do autor de "Furamundo" e de "Papéis Pintados". Temos, assim, graças a esse gesto, a primazia de poder divulgar, em nossas páginas, esse trabalho inédito de Alberto Rangel, no qual o biógrafo minucioso e exato do Conde D'Eu fulmina a ignorância audaciosa de Bertita Harding.



A VIDA DE LUTERO

MARTINHO LUTERO (1483 — 1546)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

NAQUELE tempo os camponeses tinham brasões, como os reis. Brasões de família, as flores-de-lis dos pobres. O velho Lutero, mineiro da Turingia, tinha a sua heráldica plebéia. Era um martelo sobre um bloco de granito, o símbolo de um Thor medieval da floresta alemã. O deus do relâmpago e do trovão sobreparava à cabana de Pai Lutero. E lá nasceu um novo Siegfried.

Seu nome era Martinho. Quando o martelo desferiu no granito o golpe mais potente, o menino viu a luz do dia. Era uma luz fria, fantástica, que não dava calor. E logo a floresta do mundo, tornando a obscurecer-se e anuviar-se, esperou que o temporal a varresse.

Martinho Lutero passou uma infância "sem alegria, beleza ou amor". Seu pai não tinha vagas para as afeições ternas. Lidava, à roda do dia arrancando metais da terra. A mãe quase não via a luz do sol, sempre com os olhos nos armários e panelas. Quando Martinho roubava alguma aveia, ela lhe batia até correr sangue.

O rapaz não encontrava caminho que o levasse para fora da floresta. Ninguém o encontrara, desde mil e quinhentos anos atrás. Uma floresta cheia de travas, superstições e medos. Martinho trazia os seus temores como fardos atravessados no dorso. Não podia lutar contra eles, pois ninguém lhe mostrava nada de tangível que golpear. Havia apenas a luz suficiente para lembrar as sombras das coisas; e Martinho olhava as sombras como se fossem as próprias coisas. Quando pedia esclarecimentos, as velhas, debruçadas sobre as marmotas, respondiam falando do diabo com guinchos horríveis. "Cada árvore é um diabo", pronto a agadnar a primeira alma desgraçada que se aventurava muito longe da sua cabana. As narrativas supersticiosas da mãe o aterravam, faziam-lhe pular o coração. Depois ela o mandava sair a cantar pela vizinhança para ganhar o "antar".

Vida rude, penosa! Todo o mundo medieval está a aprisionado numa cabana da floresta, à espera de alguém que se levantasse para e corraçar os demônios acaçados nas sombras das árvores.

Martinho ganhava a cantaria, algum dinheiro para a família. Adquiriu umas tinturas de latim no seminário local, e depois entrou na Universidade de Eisenach. Estudou leis, e parecia um pouco mais feliz. Estava agora recebendo resposta a algumas de suas perguntas. Estava alcançando um justo equilíbrio nas relações entre homem e homem.

E quanto às relações entre o homem e Deus! Um dia, ele caminhava pela floresta com um amigo. De repente um raio prestou morto a seus pés o companheiro — no meio de uma frase! Era o destino arrebanhando os dentes numa feroz e atroz gargalhada ante a chistosa pilhéria da justiça. Martinho Lutero ficou aterrado. Voltaram-lhe em tropel à memória as lendas que as velhas lhe tinham contado na infância. Acolheu-se instintivamente aos estudos. Havia novas lições que aprender. Novos segredos por investigar. Tomou ordens sacras e entrou no convento agostinho de Erfurt.

II

Durante vinte anos o seu semblante honesto e rubicundo foi como a luz de um farol nas sombras do mosteiro. Era um homem de todo trabalho. Variava as celas, abria as portas da igreja para as preces matutinas e vespertinas, dava ajuda ao reitor, lavava as feridas

nas e pedia esmolas para a Ordem. No entanto, foi infeliz todo esse período. Pois seu espírito não encontrara paz.

Certa manhã, não o viram emergir da sua cela. Os frades vieram bater-lhe à porta e não ouviram nem um som do interior. Arrombaram a cela e deram com Frei Martinho estendido no chão. Parecia quase morto. Um dos irmãos viu, caída perto dele, a flauta que Martinho sempre gostara de tocar. Com lágrimas nos olhos o frade apanhou o instrumento e executou uma das melodias favoritas de Lutero. E gradualmente Frei Martinho foi voltando à vida.

Mas não à felicidade. Uma vez, durante as silenciosas vigílias noturnas, foi ter com o bondoso dr. Staupitz, Vigário-Geral do mosteiro, e confessou-lhe que era um monge sem fé no amor divino. Somente conhecia um Deus colérico e vingativo. "O Senhor procede conosco de maneira aterradora! Quem poderá servi-lo se Ele semeia o terror em torno de Si?"

E o Vigário-Geral respondeu, paciente: "Meu filho, aprende a formar melhor juízo de Deus." Um juízo cristão. "Se Ele não procedesse assim, como dominaria os obstinados e rebeldes? Ele tem de guardar-se das árvores muito altas, para que não perfurem o céu."

Martinho temia não ser um cristão. Pois não depositava nenhuma fé nas palavras do seu superior. O mistério não era tão simples assim.

No ano de 1510, foi a Roma em missão da Ordem. Lá o iconoclasta se achou frente a frente com os ídolos da Igreja. Roma — declarou — era uma rameira pintada que vendia os seus encantos ao que mais pagasse. A Santa Sé era "o centro dos jejuns, mas não o centro da fé." A revelação atordoou Martinho Lutero. Ele tinha vindo a baluarte do cristianismo, e não encontrara cristãos ali.

Voltou à Alemanha e recebeu a nomeação para uma cadeira na Universidade de Wittenberg. Agora, libertado dos rigores extremos da vida monástica, dispunha de mais tempo para pensar. O conteúdo dos seus pensamentos, confessou, era puramente egoísta. Não cogitava de reformar o mundo. Tinha, apenas, certas inquietações interiores, e queria salvar a alma. Era um inteligente e honesto observador da vida, que chegara à interferência de que um homem não era cristão por nascimento, mas por conversão. E desejava converter-se ao cristianismo — literalmente converter-se à religião de Cristo. E' do gênio dos profetas o ser assim literal e pessoal na sua religião. Por isso é que são eles tão devastadores. Lá estava em Wittenberg um profeta firme sobre os seus pés. Veio um mercador desafiá-lo, e o mundo inteiro tremeu.

Eis como se deu o fato: Andava certo número de agentes percorrendo a cristandade em nome do Papa, a fim de reunir fundos para reparações na Igreja de S. Pedro. Por meio de contribuições ao "sacro erário", explicavam esses agentes, os fiéis podiam comprar "indulgências" — isto é, notas promissórias sobre a misericórdia divina. Uma indulgência, diziam os agentes papais, tinha o poder de redimir uma alma do purgatório.

Ora, um desses mercadores de indulgências entrou no gabinete do professor de Wittenberg e procurou explicar-lhe os "princípios" daquele comércio terrenal de salvação humana. Lutero achou de seu dever prevenir os fiéis contra semelhante "pretensão". Come-

cel por adverti-los brandamente que todas as indulgências do mundo não salvariam uma alma impenitente... Declarei que a alma verdadeiramente contrita é salva sem necessidade de indulgências. Disse-lhes que não há no mundo poder episcopal capaz de assegurar a salvação de um homem."

Pregou então à porta da igreja de Wittenberg — local de função análoga à de uma sala de reuniões públicas na América — noventa e cinco teses em que expunha suas conclusões sobre o assunto. Pois conhecia agora a resposta às suas dúvidas. O cristianismo devia ser justificado por nova espécie de fé — uma fé inspirada pelo coração, e não pelas prescrições da Igreja.

Com a proclamação desse credo o professor da cidadezinha de Wittenberg iniciara uma revolução mundial.

III

O mundo cristão ficou assombrado. Com que direito esse agostinho obscuro pretendia ensinar uma instituição de quinze séculos a partir os seus negócios? Que deslante savante! O excesso de certeza devia ter-lhe dado volta ao miolo!

As autoridades, em cartas ao Imperador Carlos, pediram-lhe que investigasse aquele caso de insubordinação eclesiástica. O veredicto foi incisivo. Um jovem e perigoso radical, de índole intratável. Em ocasiões ordinárias, a Inquisição poderia reduzi-lo discretamente ao silêncio, ou castigá-lo publicamente e dar o assunto por liquidado. Mas havia muitos "toleirões" que o apolavam. Parecia ter sido sacada à luz uma idéia que medrava com uma hidra de mil cabeças. "Mal destruímos uma tese, e duas outras surgem em seu lugar". Que fazer com aquele "saxão gerado pelo diabo?"

Avisaram-no que não estava sendo bem visto em Roma. Se se sentia em desacordo com o mundo, que ao menos guardasse silêncio. Tinha ele o direito de obrigar o mundo a afinar pelo seu doido diapásio? Certamente havia práticas corruptas no seu meio. Mas em

que organização social já houvera absoluta honestidade? Porque alguns eclesiásticos eram imperfeitos, isso era motivo para subverter uma instituição que salvara a Europa e a vinha mantendo unida havia quinze séculos? "Há tolos convencidos que só eles sabem o que convém à Humanidade. Propõem-se a arcar sozinho com a responsabilidade da raça humana inteira — até que passam dos cinquenta anos. Depois se dão por muito satisfeitos quando logram resolver com êxito os seus próprios assuntos."

Tais os argumentos com que tentaram conciliá-lo. Apontaram-lhe a loucura, e a inanidade, da sua idéia. "Vamos, vamos, Martinho, pensa que algum príncipe vai reunir um exército para te defender? Se persistes em provocar agitação, onde ficarás à salvo?"

"Sob o Céu", respondeu Lutero, e continuou a publicar teses e panfletos.

E os homens de toda a Alemanha, convulsionados pela excitação, liam com avidez os panfletos que lhe escorriam desafiadoramente da pena. Sofriam por tabela os perigos do proscrito. Estremeciam ante as suas palavras proibidas. Ali estava um homem que arriscava a vida num jogo tremendo. Mais ainda: ali estava um alemão que arrastava o poder de Roma. Príncipes, nobres, burgueses — todos eram igualmente arrastados por uma onda de sentimento nacional. "Era Nuremberg, em Petachburg, em Maríndia, a gente se disputa constantemente os seus menores panfletos." E embora as obras de Lutero estejam proibidas, "as folhas ainda molhadas são tiradas da prensa e levadas debaixo da capa de alguém, passando de loja em loja."

Lutero é muito solicitado como conferencista nas províncias alemãs. Estudantes armados guardam-lhe a carruagem quando vai de cidade em cidade.

Então o Papa decreta contra ele a sentença fatal. "Martinho Lutero — excomungado da Igreja."

Lutero não sente ódio contra ninguém — apenas um grande vazão. O

(Cont. na pág. 53)



MARTINHO LUTERO

VOLUPTUOSAS como róis as mãos
das de Titine mergulharam nas
jóias:

— «Regardez-moi ça». Ponito, hein?

Um raio de sol incidia sobre as jóias,
fazendo-as cintilar como um tesouro fa-
buloso. Havia uma ametista triste engas-
tada em ouro, safiras translúcidas e rubis
de fogo, pérolas pálidas e brilhantes frias.
Colares, pulseiras, anéis...

— Que maravilha! Tonha pra eu ver.

A velha gorda, rosada, cheia de pe-
quenos caracóis louros, começou lenta-
mente a pôr as jóias. Célia lembrou-se
de que Alvaro dissera:

— Titine parece um querubim enve-
hecido. Não pode haver nada mais triste
que Titine!

Contemplou com um sorriso a face
gorda da amiga ocupada no trabalho
de se adornar. Sim... era isto mesmo
— um velho querubim querido que guar-
dasse um pouco de frescura ainda no
lóbulo da orelha, nos dentes pequenos e
intactos como dentes de leite. E ela fôra
bonita! De virar as cabeças, de enton-
tecer. As admirações sem conta lá esta-
vam, provadas naquelas jóias esplêndidas.

Titine agora falscava nos seus adere-
ços. Sacudia-se com vaidade para que
os enormes brilhantes dos brinços fais-
cassem como lágrimas azuladas. Parecia
mesmo uma criança, tal a infantilidade
da sua alegria naquela paramentação.

— Titine tem muita cabeça, porrisso
Titine fez a América dirreitinho!

— Você, quer dizer que não é como
eu, não? Nunca se enamorou de um pé-
rapado?

— Naturalmente, precisa deixar este
Alvaro, minha filha. O rapaz não tem
dinheiro, pois não?

— Não tem, Titine, mas eu não deixo.
Gosto muito dele, de mais mesmo. Você
que é só cabeça não pode compreender.
Quando estou perto dele, sabe? não me
importa que traga o vestido do ano pas-
sado, não me importa que os meus sapa-
tos tenham meia-sola e que não haja
um único vidro de perfume na minha
penteadeira antes tão sortida. Eu gosto
dele, acabou-se!

A velha esvaziara a caixa de bronze,
e agora no fundo, sobre a seda pálida
brilhava um pequeno aro de ouro. Célia
tomou-o nas mãos:

— O que é isto? Uma aliança? Nunca
soube que você fosse casada.

— Nunca fui, filhinha. Nunca fui! Isto
(e apontava a aliança) foi... um velho

amigo. O amigo que trouxe Titine parra
o Brasil. Dizia que erra a mesma coisa
que a gente fosse casada, coitado!

Titine parou um instante olhando
longe. Parecia um velho idolo grotesca-
mente dourado. Ouro das jóias, ouro
falso dos cabelos pintados num hené gri-
tante, ouro adamascado do roupão. Ficou
um tempo distraída, quase que entorpe-
cida mesmo. Efeito do vinho do Fôrto,
sem dúvida. Sobre o aparador havia uma
garrafa com uma barra de três dedos
de líquido apenas, e ao chegar, Célia no-
tara que o hálito da amiga rescendia
fortemente.

— Nunca vi jóias tão lindas nem tão
numerosas!

Célia já se desinteressara da aliança
e voltara o olhar fascinado para as pe-

(Continua na pág. 54)

Conto de
Helena
Silveira

Ilustração de
Orlando
Mattos





A PINTURA ESPANHOLA CONTEMPORÂNEA

À MARGEM DA GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE INAUGURADA NO COPACABANA PALACE HOTEL

Por MICHEL B. KAMENKA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

PENSANDO em arte espanhola, sempre surge na mente a inesquecível imagem das grandes salas do Museu do Prado, em Madrid, um dos mais extraordinários do mundo.

Da multidão dos mestres ali representados destacam-se alguns vultos preferidos.

Diego Velázquez, pintor-cortezão, artista-fidalgo, cintilante na altivez distante de suas tonali-

Ao alto: R. Llirmona (escola catalã) — O chá. Em baixo: Joaquim Simier (escola catalã) — Duas meninas. A direita: Salvador Dalí, — Retrato do embaixador João Cardenas. — No fundo se vê o Escorial e uma magnífica estilização do típico céu da Serra Guadarama.



ORGANIZADA pelo governo espanhol, foi inaugurada no Rio uma exposição de pintura espanhola contemporânea, que, decerto, estaria tendo outra repercussão, se não fossem as justas reservas com que é olhada a ditadura franquista, último reduto totalitário da Europa ocidental. O diretor da exposição tem feito declarações afirmando que Franco não interfere com as artes, — com a literatura sabemos muito bem que ele interfere, mantendo ferocíssima censura clerical e política. Os diplomatas espanhóis afirmam que, da exposição, participam um ex-membro da Brigada Internacional e o exilado voluntário, Salvador Dalí, que prefere o exílio norte-americano a viver na Espanha franquista. Considerando acontecimentos como a inauguração da exposição espanhola puramente sob o aspecto cultural, — e de resto a coletividade dos pintores espanhóis não poderia ser responsabilizada pelo franquismo, — incumbimos Michel B. Kamenka de fixar, em nossas páginas algumas impressões sobre o referido certame, — impressões que aqui oferecemos aos nossos leitores.





dares prateadas. Alguns dos seus quadros são verdadeiras "sonatas ao luar".

El Greco, que arde em uma paixão mística e perturbadora. Os seus trabalhos são labaredas que sobem para o céu, oferenda apaixonada de um coração dilacerado.

Se El Greco representa a paixão celeste, Francisco Goya é a paixão terrestre.

Gueras, revoluções, corridas de touros — tudo o que é movimento, luta, paixão e sangue encontra nele um eco vibrante. E quando se põe a pintar a corte do rei faz os retratos com um sarcasmo tão apaixonado, tão natural, que os seus retratados reais nem percebem a presença do veneno.

Os "três grandes" representam para mim a essência da arte e da alma espanhola: altivez e nobreza, paixão celeste, paixão humana.

São mesmo tão grandes que a sua sombra parece encobrir tudo que vem depois — ao menos aos olhos superficiais do mundo.

Como no último ato de "Hamlet": "O resto é silêncio".

Foi uma idéia ótima e cheia de ensinamentos a que teve o embaixador de Casa Rojas de comprovar que na arte espanhola, depois de ter morrido Goya, nem tudo é sombra e silêncio. A Espanha não é um museu,

mas um corpo vivo e ainda ardente.

Com a sua palavra apaixonadamente convincente, conseguiu obter o embaixador, do seu governo, a entrega de toneladas de bronze e de mármore dos trabalhos de escultura e uma grande quantidade de quadros contemporâneos tirados dos museus — o de Arte Moderna e o do Prado (seção contemporânea), alguns dos quais de altíssima qualidade.

Depois de permanecer em Buenos Aires, a exposição está sendo magnificamente apresentada nos antigos salões de jogo do Copacabana Palace Hotel.

E' a terceira exposição, deste vulto que nos vem visitar desde há uns dez anos. A primeira foi a francesa de 1939 — "Cem anos de pintura francesa" — que foi e ficará sendo a exposição nº 1. Depois veio a interessantíssima e completa exposição de arte canadense, e agora a de arte espanhola.

Algumas das maiores figuras desta notável mostra são para mim: Daniel Vasquez Diaz, Ignacio Zuloaga e José Gutierrez Solanà, o trágico Solanà, que representa na sua criação o espírito místico, algo de angustioso, uma expectativa constante do fim do mundo.

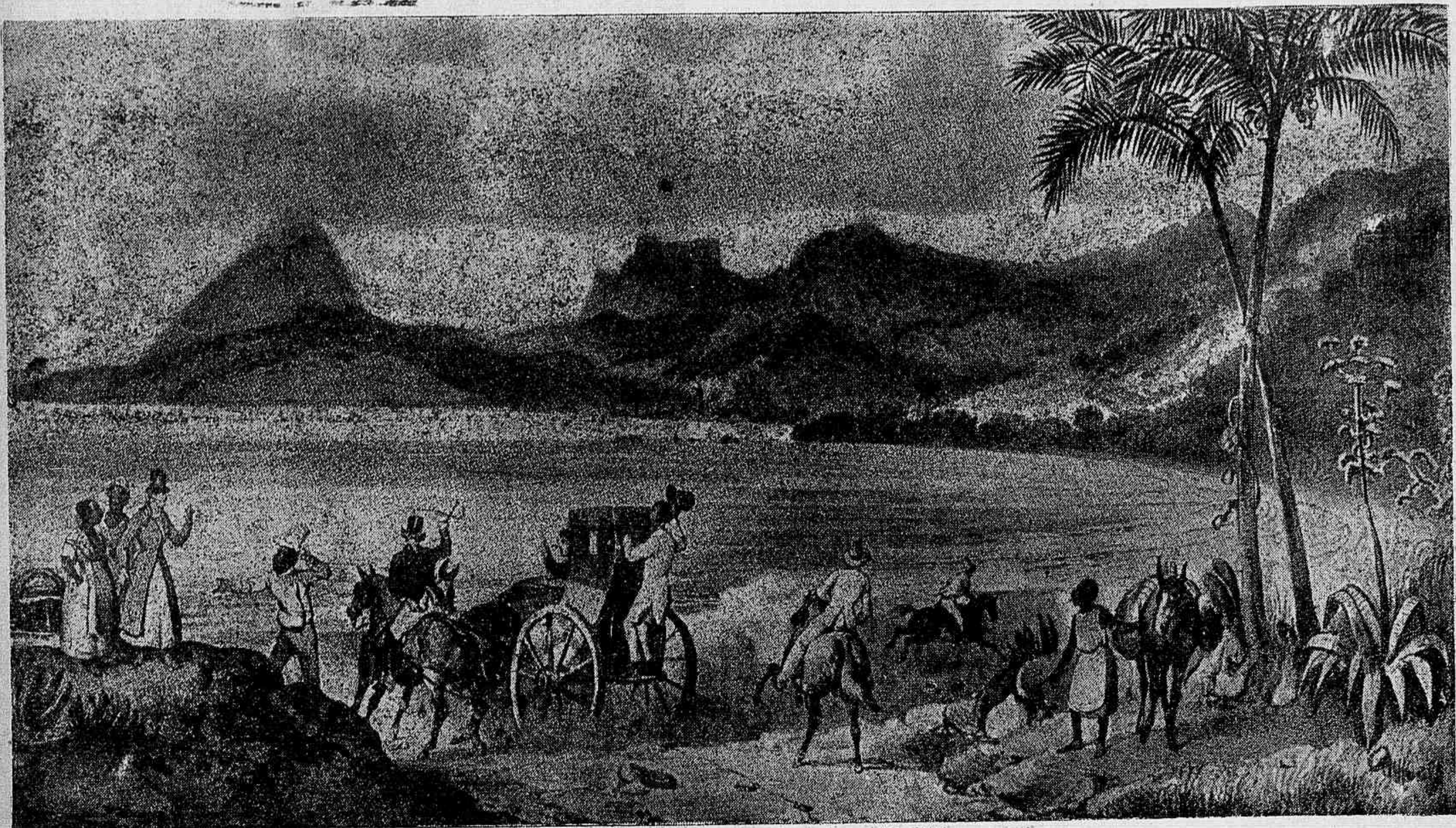
Vasquez Diaz é mais humano, mais pintor e colorista, mais ma-

(Continua na pág. 52)



A esquerda: Pedro Bueno, — Retrato. A direita: Alvaro Delgado, — Musicista com violão. O jovem e talentoso artista é nitidamente influenciado pela obra de Picasso.





O Rio antigo — A Lagoa Rodrigo de Freitas, como a viu Rugendas.

1 — Vila Velha

QUANDO Estácio de Sá fundou, mais como um acampamento de guerra do que como um núcleo urbano, a Vila Velha a sudeste da enseada de Botafogo, a vegetação existente à beira-mar era abundante e constituída, não só por arbustos de pequeno porte, mirtáceas amigas dos ventos marinhos e das fortes incidências da luz, mas também por árvores de sombra, de que dá exemplo elegante a amendoeira, cujo chapéu-de-sol ainda ornamenta as avenidas do nosso tempo, ligando por esse modo a cidade colonial portuguesa à metrópole brasileira da era dos aviões e dos arranha-céus.

E se nas praias desertas, os cajueiros e pitangueiras dominavam, já pelas encostas dos outeiros e no seio dos vales se erguiam merendibas e jacarandás, vinháticos e óleos pardos, pequilás e anda-açús, vestindo de um veludo verde-negro o corpo selvagem de Vila Velha, cuja cabeça despontara na várzea do Cara de Cão, para ser no futuro — consoante o voto de Estácio — “a rainha das províncias e o empório das riquezas do mundo”.

2 — Os brasileiros

Os nativos da terra que ia ser carioca, os brasileiros de 1565, eram os índios, os tamóis — tipo de selvagens “com todos os defeitos e vícios, mas também com todas as qualidades e virtudes de um povo primitivo. Homens de corpo desenvolvido, robustos e valentes guerreiros, não se pareciam com todo o gentio mais, a não ser com os tupinambás, de quem se faziam parentes, falando uns com os outros de um modo irmão” (Gonçalves Dias).

É curioso citar que os indígenas não tinham na pronúncia as consoantes F, L, R, pelo que alguns escritores antigos os incriminavam de não terem fé, nem

DOS TAMOIOS AOS CARIOCAS

Por FLORIÃO DE LEMOS

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

lei, nem rei. A isto, Gonçalves Dias respondeu: “E’ inevitável que não tivessem normas pelas quais, nos casos de maior momento, se regulassem, ou chefes que os dirigissem. Por outro lado, se examinarmos a mitologia dos povos americanos, acharemos uma tal abundância de crenças e tradições, que é difícil combiná-las entre si.”

3 — Agua da Carioca

Esses índios belicosos eram possuidores de muitas léguas de costa; desde Cabo Frio a Ubatuba, segundo uns, ou desde S. Tomé até Angra dos Reis, segundo outros. Mas coplemos Joaquim Norberto de Souza e Silva: “tinham as principais aldeias pela margem conhecida deles pelo nome de Guanabara, na majestosa e pitoresca baía de Niterói, que os portugueses chamaram imprópria

e prosaicamente Rio de Janeiro.” (Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. 1855, pág. 14).

Está em Lery e outros autores do século XVI que eles amavam a dança e se dedicavam à música. A poesia era divinizada e cultivada a seu modo pelos Tamóis. Foram estes — diz Jaboatão — os primeiros que gostaram das celebradas águas da Carioca do Rio de Janeiro e experimentaram melhor os seus efeitos; por isso, eram estimados do mais gentio onde se achavam e também porque ao som da voz compunham suas cantigas, o que Rocha Pitta confirma neste passo: “E’ fama acreditada entre os seus naturais que essa água faz vozes suaves nos músicos e mimosos carões nas damas.”

4 — Aldeamentos

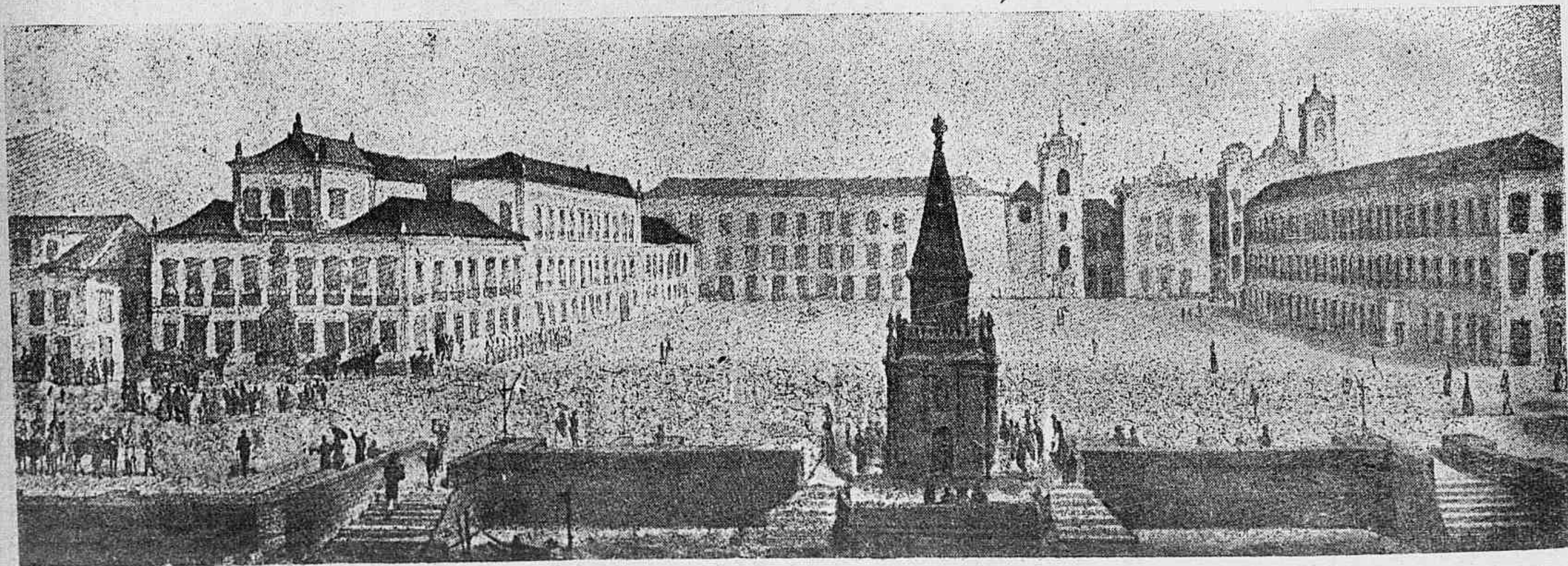
Não havia casas, senão ranchos, na Vila Velha. Os selvagens distribuíam-se naturalmente em vários aldeamentos, dos quais os principais deviam ter sido os seguintes:

- o que havia na área do morro da Viúva ao Pão de Açúcar;
- o que ocupava os morros hoje conhecidos por Santo Antonio e Santa Tereza;
- o que se estendia de Engenho Velho a Iraíá;
- o da lagoa Sacopenapan (Rodrigo de Freitas);
- os das ilhas da baía, com um importante grupo em Paquetá, ainda agora chamada a “ilha dos Tamóis”.

5 — Morros patriarcal

Mem de Sá, concluindo após a morte de Estácio de Sá que convinha escolher outro local para que a cidade

(Cont. na pág. 52)



O Rio antigo: o Paço da Cidade, como o viu Debret.

NOS BASTIDORES FEMININOS

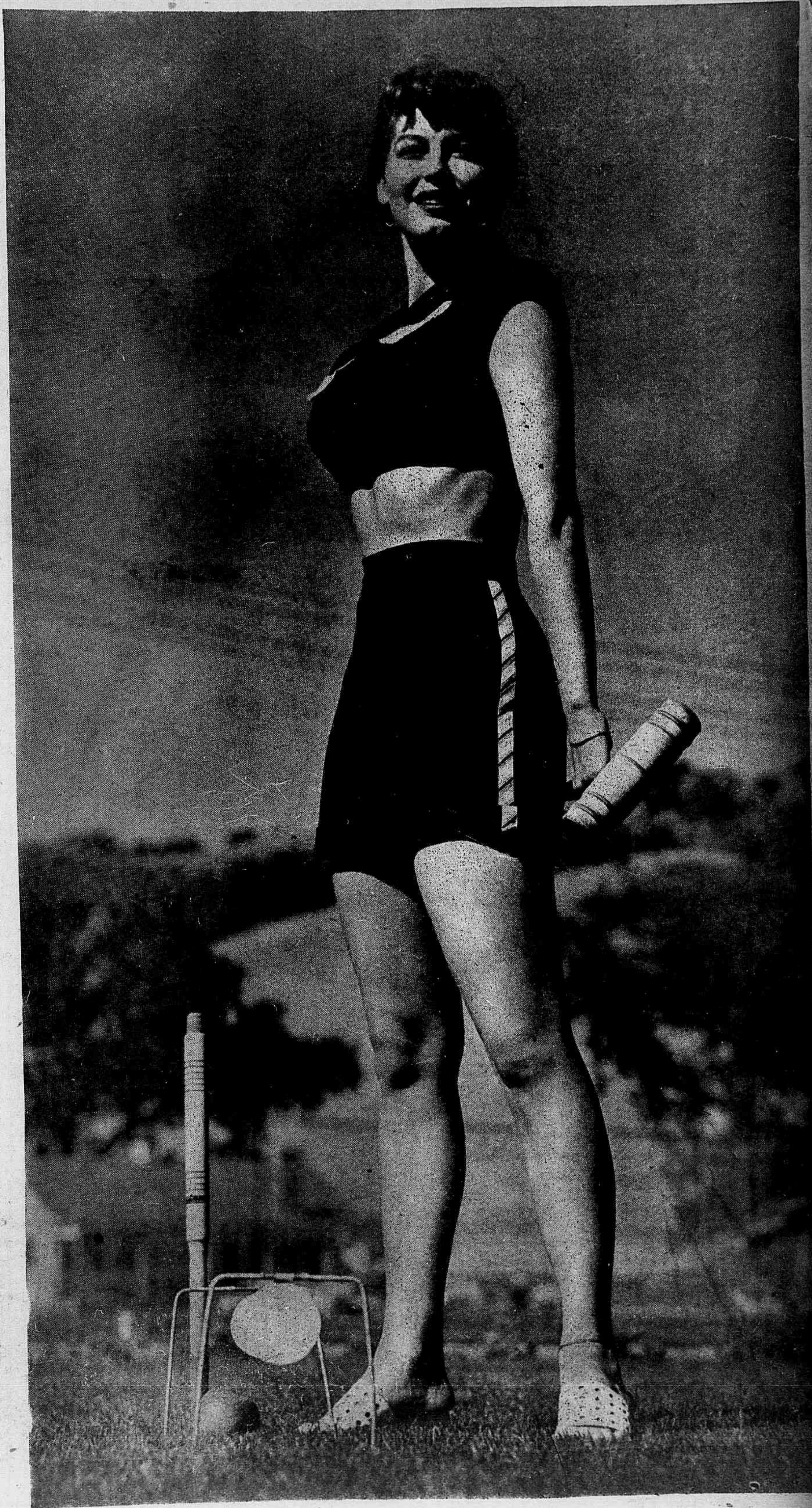
POR QUE é que a maioria das jovens que veste "maillot" para ir à praia acha que com esse traje tudo lhes é permitido?... Observamos diariamente mocinhas que quando vestidas normalmente são graciosas, discretas e recatadas, mas que ao vestir um "maillot" modificam totalmente a sua atitude, a sua maneira de ser. Deixam de ser as jovens elegantes e distintas, para se transformarem em criaturas sem modos e de atitudes vulgares. É claro que o próprio traje de banho dá maior liberdade aos movimentos; é claro também que ninguém vai à praia para ficar sentadinha de braços cruzados, mas, é mais claro ainda que o fato de se usar "maillot" não autoriza a que se adote gestos e atitudes de mau gosto. Há criaturas, por exemplo, que longe de se estirarem graciosamente sobre a areia, se utilizam nela de qualquer maneira, sem se preocuparem com o espetáculo que possam estar fornecendo. Outras ainda, ignorando ou fingindo ignorar os mais rudimentares conhecimentos de estética e distinção, sentam-se ou deitam-se na areia, adotando as posições mais estranhas e anti-femininas. Outras se consideram verdadeiras "sportswomen" e daí entram em verdadeiras lutas de "catch" com os rapazes, sem saberem, certamente, que esta demonstração de força nada tem de feminino e gracioso. Existem jogos adequados para a praia que não tiram à mulher o seu natural encanto, tornando-se, dessa maneira, desnecessário recorrer ao "catch" ou ao "jiu-jitsu", para exercitar os músculos. Muitas ainda são as coisas pouco elegantes e que revelam o mau gosto de quem vai à praia. Há as que enrolam toalhas no pescoço, como se estivessem num antro de apaches; há as que se preparam como se fossem a uma grande reunião social, de "maquillage" impecável, cosmético nos olhos, penteados complicados e ainda lenços ou coisas extravagantes à cabeça, roupas que parecem adequadas a um baile de máscaras, etc. A roupa de praia deve ser simples, como simples deveria também ser o penteado, o "make-up" e as maneiras. Sobretudo estas últimas deveriam merecer atenção maior por parte das nossas jovens. É tão bonito, tão agradável, vermos pessoas de maneiras delicadas, de gestos sóbrios e distintos, quer estejam elas em traje de gala ou em traje comum.

Deixem as lutas e as posições inconvenientes de lado e não esqueçam que, acima de tudo, vocês devem ser femininas.

KITTY

★

Ava Gardner, a linda morena que conquistou Hollywood, exibe este original modelo de "short" em linho azul rei, enfeites brancos com pespontos vermelhos.



O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

DESABAFO

Trechos de uma carta da Princesa Isabel a D. Pedro II, escrita de Petrópolis, a 22 de fevereiro de 1893:

"Meu querido pai: — Gaston chegou há três horas com a notícia de que Papai estava com o desejo vivíssimo de que ele fosse já para a guerra. Pois será possível que papai, que ama tanto a Constituição, queira impor sua vontade aos ministros ou que estes estejam tão fracos de carácter que digam um dia branco e no outro preto? Teriam eles ao mesmo tempo e unanimemente mudado de parecer como papai?! Por que não convidam o seu Caxias para voltar para lá? Ele já está melhor e os médicos lhe recomendaram os ares de Montevideu. Pois será Gaston que sem mais nem menos vá já para a guerra, só porque houve boatos de sublevação no Rio Grande?"

E, no final da carta, — bem uma carta de recém-sasada:

"Meu Deus! Meu Deus! Não sei verdadeiramente como veio essa decisão súbita, quando o que agora só se tem a fazer é o papel de capitão de mato atrás do Lopez!"

Para esclarecer: Gaston era o conde D'Eu, — Gastão D'Orleans, — marido da princesa...

OS CABELOS DOURADOS

A rainha da Espanha, Joana, a Louca, tinha adoração pelo marido e, sabendo que Felipe, o Belo, tinha uma amante em Flandres, mandou prendê-la e raspar-lhe os cabelos. Dizia que era porque esta lhe havia enfeitado o marido com sua linda cabeleira de ouro...

COMPENSAÇÃO

A poetisa norte-americana Josephine Preston Peabody escrevera uma peça, "The Piper", a pedido do famoso ator Otis Skinner. Mas este, obtendo um êxito tremendo com "The honor of the family", não cumpriu o compromisso de encená-la. Concorreu ela, então, a um concurso na Inglaterra, com trezentas libras de prêmio e a segurança de que a peça vencedora seria dada no festival dramático de Stratford-on-Avon, por ocasião das festas em honra de Shakespeare. Obteve o primeiro prêmio e exclamou:

— Bem, isso já é um consolo!

— Partiu, logo, para a Inglaterra com o marido e seus dois filhos, o último dos quais tinha apenas oito semanas de nascido. A peça estava em ensaios. Mas, no dia marcado para a estréia, morreu o rei da Inglaterra, Eduardo VII, sendo canceladas as comemorações shakespearianas, em consequência do luto nacional. A poetisa e dramaturgo limitou-se a batizar o último pimpolho na mesma pia em que se assegurava que Shakespeare foi batizado.

— Bem, isso ainda é um consolo! — comentou, resignada.

Anos mais tarde a peça foi representada, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, recebendo imediata consagração e estando incluída hoje em várias antologias de autores dramáticos modernos. Se não tivesse morrido a 4 de dezembro de 1922, Josephine Preston Peabody teria tido consolações bem maiores ainda, — a da celebridade, por exemplo...

HERESIA PARA USO EXTERNO

Maria Teresa Rodet, madame de Geoffrin, uma das damas elegantes cujos salões eram famosos no século XVIII em Paris, gostava de fingir-se publicamente de cética, embora secretamente fosse religiosíssima. Tanto isso é verdade que, segundo conta Colombey na sua crônica dos salões franceses, veio a morrer em consequência de enfermidade que contraiu por ter acompanhado uma procissão numa manhã geladíssima. As pessoas que a visitavam, ela se justificava, com um sorriso irônico:

— Ora, meus caros... a gente morre por qualquer besteira!

Na ocasião em que ela estava moribunda, sua filha queria escorraçar da casa todos os filósofos que a frequentavam, — e, entre estes, o famoso D'Alembert. Um desses visitantes conseguiu, entretanto, varar a cortina de aço da residência filial e se queixou à enferma.

— Tenha paciência, — respondeu madame de Geoffrin. — Minha filha é como Godofredo de Bouillon... Quer defender o meu sepulcro contra os infiéis!

RECONCILIAÇÃO

Ao entrar o Brasil na primeira grande guerra mundial, a ex-princesa imperial e regente do trono Isabel, signatária da Lei Aurea, que aboliu a escravidão no Brasil, transmitiu ao conselheiro João Alfredo, a 22 de novembro de 1917, este telegrama que é bem um ato de reconciliação com a pátria que a destronara e exilara:

"Veuillez publier en portugais c'est avec satisfaction et emotion que je suis mon cher Brésil dans cette guerre pour le droit et la liberté, priant Dieu de le protéger. Isabelle, comtesse D'Eu."

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)





MODELOS FRANCÊSES PARA O VERÃO

OS costureiros franceses criaram, para este verão, modelos alegres e bem femininos como os que aqui apresentamos: Na página ao lado: Criação de Jean Dessès em shantung branco, vermelho e azul. Observem a originalidade da saia formando gomos. Ao alto: Em seda verde com "pastilhas brancas" é este modelo de Marcelle Chaumont com gola alta e original gravata. Em baixo: "Duas-peças" em tecido estampado. No casaco, do lado direito, bolso drapeado.



A PERSONALIDADE da Semana

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

A primeira pergunta que se faz, instintivamente, a quem esteve recentemente na Europa: "Como achou Paris?"

Dinah Silveira de Queiroz exprimiu certa decepção.

— Trazia em minhas lembranças de Paris que conheci numa época agradável, quando a primeira guerra já estava sendo esquecida e ainda não se falava da segunda. Eu tinha dezesseis anos. Não sei se, desta vez, Paris me pareceu triste porque nunca mais o poderiei julgar com o entusiasmo da adolescência ou porque todos parecem preocupados e mais pobres e porque a vida é, de fato, difícil.

— Mas o movimento espiritual sempre tem a mesma intensidade, não é?

— O que admiro nos franceses é a capacidade de gozar da vida apesar das suas preocupações. As salas de concerto, as exposições, os teatros estão sempre cheios. E o teatro é de primeira ordem.

— Declarou que a melhor peça à qual assistiu foi "O Processo" de Kafka.

— Foi adaptada por André Gide. Conversando sobre a peça com Mauriac, este me disse que duvidava que aguentasse "O Processo" até o fim. Sua observação divertiu-me porque comprova que as grandes celebridades não estão isentas dos pequenos defeitos. Mauriac ressentia-se de certa inveja por Gide, não via com bons olhos o cartaz que ele tem, no momento, em Paris.

— Quando penso em Paris sempre me lembro da sensação de espiritualidade que envolve a gente como se as próprias pedras carregassem inteligência!

— Estou um pouco decepcionada pelo cerebralismo. A inteligência muitas vezes serve para mistificar. Gostaria que fossemos menos cerebrais e mais simples. A inteligência está faltando à sua finalidade, no momento. Há tantos homens inteligentes e, entretanto, não conseguem criar um mundo mais racional.

— Estou de acordo num ponto: o supra-intelectualismo interpõe um bloco entre os sentimentos reais e sua expressão, como se um certo pudor exigisse que empregássemos unicamente o senso crítico em detrimento das sensações espontâneas. Mas a inteligência francesa é tão clara que obriga a uma cristalização do pensamento.

— Quando observei os moços e as moças que frequentam o café Flore, fiquei com pena delas. Em lugar de se aproveitarem da sua bela juventude, bancam os céticos e os desiludidos e estão inteiramente desviados.

— É uma etapa transitória. Acredito que o grupo de Sartre é relativamente pequeno. E o existencialismo nasceu depois desta guerra como a filosofia de Heidegger esteve em moda depois da outra. Não acredito que chegue a ser um problema.

— Realmente, só uma parcela da juventude francesa segue Sartre. A maioria não o leva a sério.

— Acredito que o teatro de Sartre ficará, mas que sua filosofia não terá uma influência profunda.

— As vezes penso que a literatura não passa de um truque e sinto até vontade de abandoná-la! Parece-me que eu poderia exteriorizar minhas energias de muitas maneiras sem considerá-las menos importantes que a literatura. A vida oferece tantos caminhos e gosto de aproveitá-los.

A prova viva desta afirmação do desejo de viver plenamente surgiu repentinamente com a entrada de uma menina de dois anos, meio adorável ainda, à procura da mamãe. Tem cabelos encaracolados e olhos negros que lembram um pequeno São João Batista italiano.

— Adotei este amor e me dá alegrias constantes.

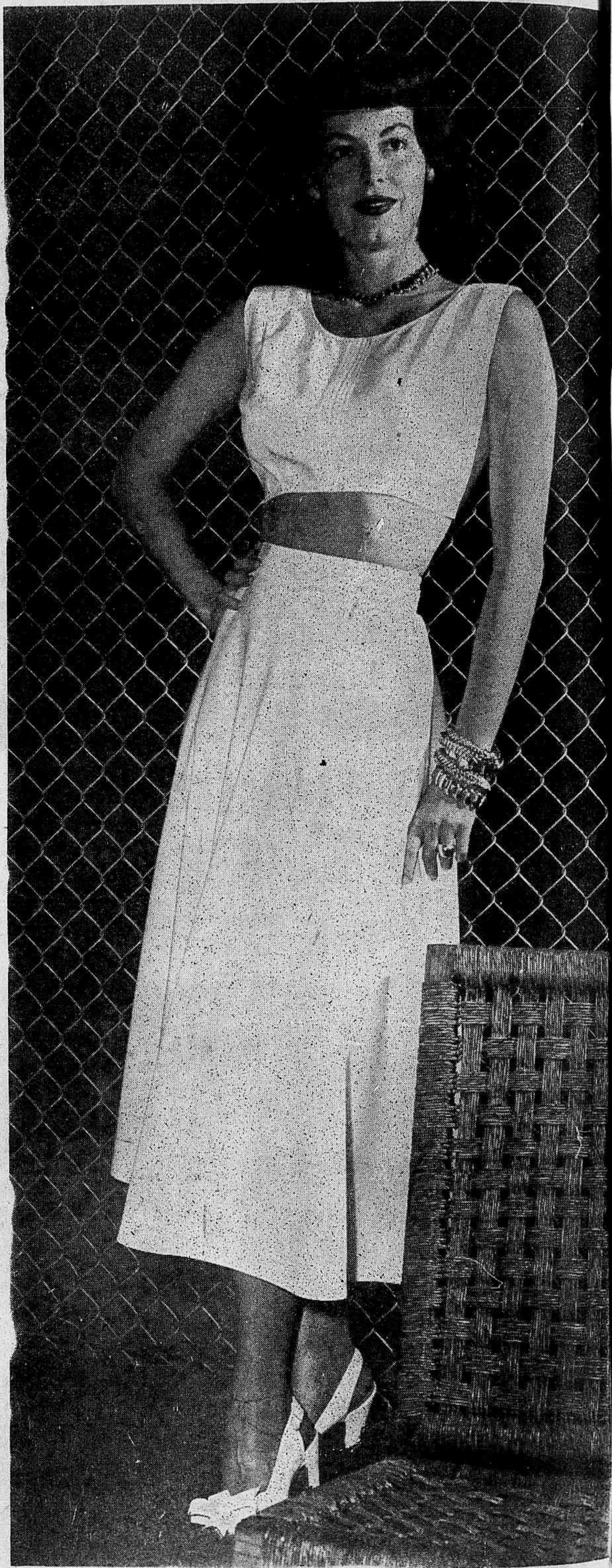
— Mostrou-me um retrato da sua filha e aludiu às suas diversas atividades.

— Está escrevendo um romance?

— Comecei "A Confidente", mas deixei este romance de lado para acabar "Margarida La Roche". Não sei se agradará à crítica porque é muito diferente do que se costuma fazer, mas deu-me um prazer imenso escrevê-lo. É um conto de fadas para gente grande. Esta viagem maravilhosa está baseada num fato real. Aconteceu no tempo das grandes descobertas, no século dezessete, quando o maravilhoso fazia parte da vida porque ainda se acreditava nele e também porque os primeiros exploradores foram grandes mentirosos que sempre embelezavam suas viagens!

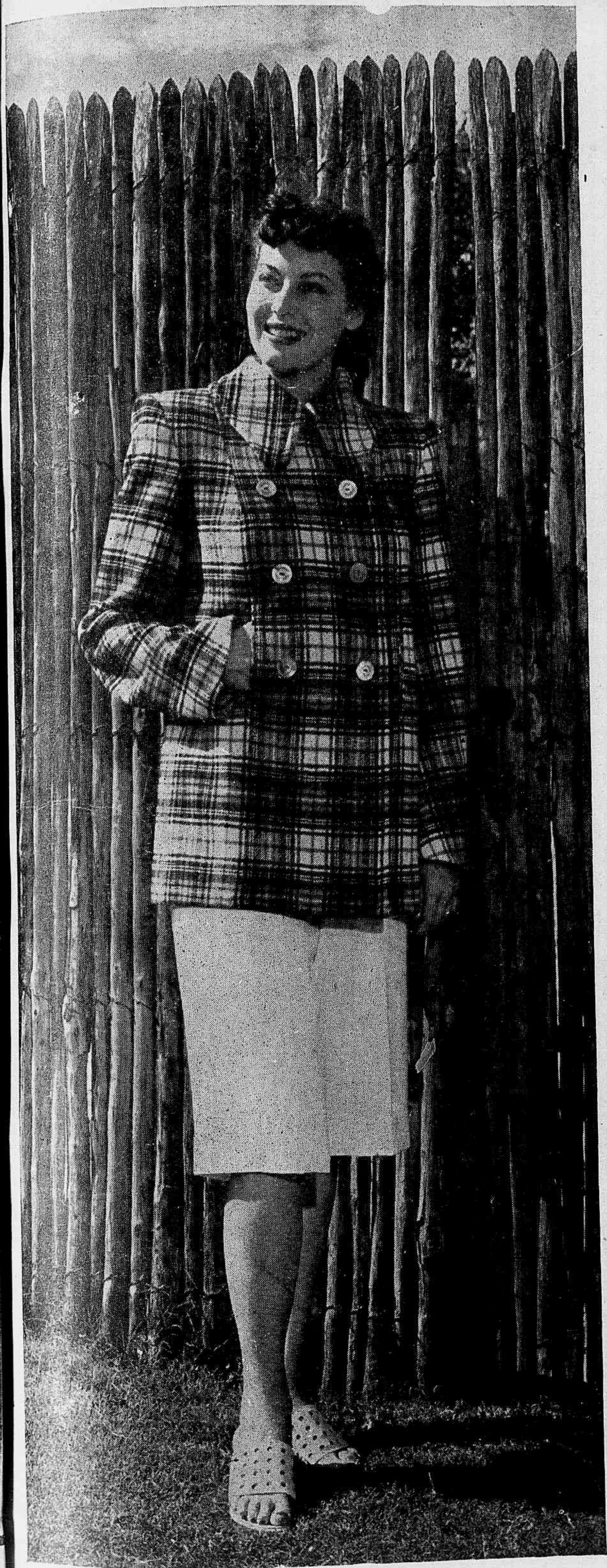
Folhei o manuscrito e li um trecho no qual encontrei este senso do maravilhoso que impede a separação do real e do imaginário. Gostei desta concepção, mas prometi não contar ainda a história de Margarida La Roche.

YVONNE JEAN

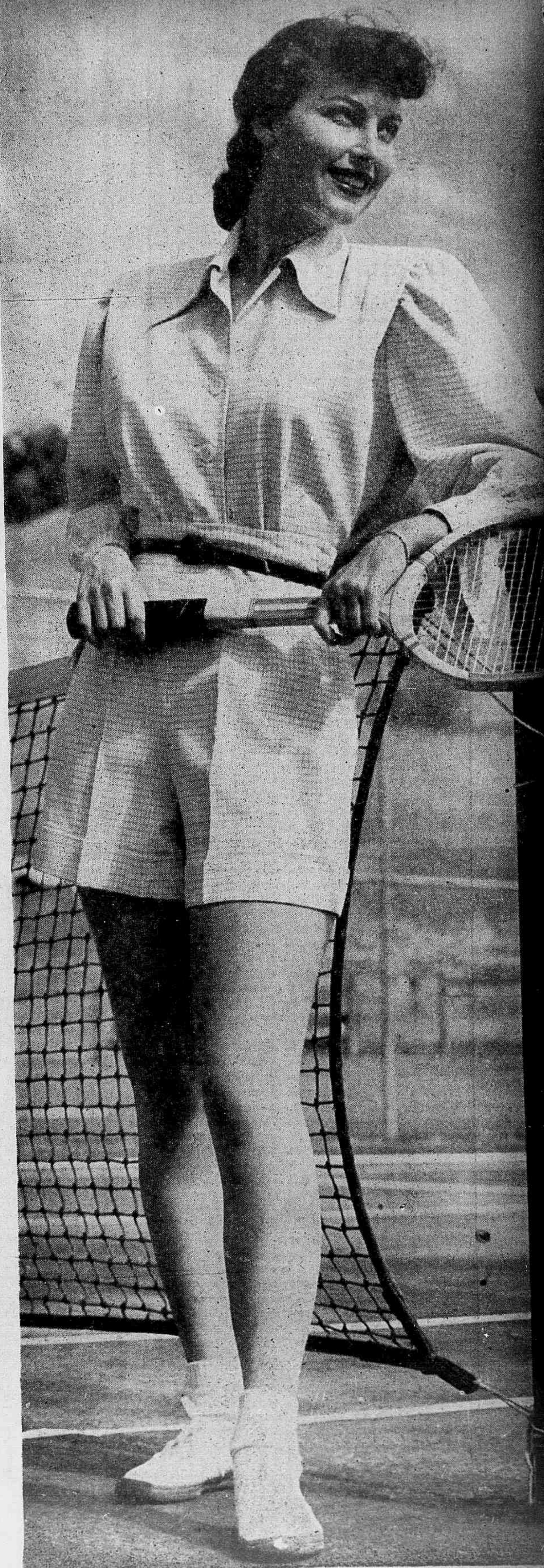


SUGESTÕES DE AVA GARDNER

AVA Gardner, "estrêla" da MGM, é considerada, não sem razão, uma das mais interessantes pequenas de Hollywood... É uma dessas que provocam assovios... Ela em quatro modelos de verão, do seu guarda-roupa particular. Da esquerda para a direita: "Robe" para a praia em panamá branco, de linhas retas. Gola com grande laço e largos punhos de tafetá escocês. "Duas-peças" em linho branco. Bolero



simples decôte redondo, sem mangas. Saia "godet". Observem o seu comprimento. Com uma calça branca, até os joelhos. Ava usa este casaco tecido escocês, abotoado com duas carreiras de botões. Para o tenis, ela usa este conjunto bastante gracioso em panamá branco com estreitas listras azuis formando pequenos quadrados.



Muro das LAMENTAÇÕES

RESPOSTA AOS CONSULENTES

OLIVER TWIST — O suicídio, de fato, é a menos interessante das hipóteses, e precisa ser afastada com energia. Seu temperamento talvez seja um tanto mórbido — ou, pelo menos, bastante exagerado; deve ser isso que o impede de enxergar direito a realidade, e sem enxergá-la direito é muito difícil vencer, pois a primeira regra na luta é observar bem o adversário para saber quais são as suas armas. Você parece deixar-se arrastar pela imaginação, pelo romantismo desenfreado. Segundo suas próprias palavras, você acabava de desfazer um noivado e "anseava por um amor qualquer" quando conheceu a moça que hoje lhe dá aborrecimentos. Quer dizer que você, mal saído de Herodes, já se dispunha a cair nas mãos de Pilatos... Indício de fraqueza, Oliver Twist, essa sua necessidade de estar permanentemente sob o jugo de alguma paixão. E deve provir dessa fraqueza o seu insucesso; a moça com certeza percebeu que o domina facilmente pelo lado do sentimento, e por isso vai fazendo tudo que lhe passa na cabeça, segura de que ao fim do caminho o encontrará sempre à disposição. E ninguém respeita aquilo que domina, meu caro! Ponha isso na sua cabeça. Você está sendo excessivamente delicado, excessivamente generoso e excessivamente cego. Abra os olhos para a realidade, e veja que essa moça não o quer com firmeza; todos os pormenores que nos relata assim o indicam, sendo mesmo bastante provável que tenha outro namorado. A esse namorado ela talvez ainda não domine, mas deseja dominar, e enquanto não o consegue ele terá valor a seus olhos. Com relação a você, ela sabe, pelas exageradas manifestações de afeto que você lhe deve ter dado, que pode estar segura — e daí a diminuição de interesse pela sua pessoa que ela vem demonstrando.

Total: achamos que você deve aceitar o afastamento que ela sugere. Vê-se, pelas várias tentativas feitas, que ela deseja mesmo terminar, e que tem para isso motivos secretos. Já que ela não quer ou não pode contar esses motivos (que podem ser muito mais graves do que você imagina), o melhor é dar-lhe liberdade. Isso trará vantagens. Primeira: ela não se preocupará mais em mentir para você; segunda: você poderá observá-la melhor e mais friamente, tirando conclusões; e terceira: isso o colocará em melhor posição perante ela.

E' uma ilusão pensar que somos apreciados, em amor, pela perfeição dos nossos atos! Não procure ser perfeito; procure ser querido. Uma criatura que está à disposição de outra, sem véus e sem restrições, deixa de ser interessante... Só é possível a sinceridade absoluta, a comunhão total de corpos e de almas após uma longa convivência, na qual as pessoas se tornem imprescindíveis uma à outra por si mesmas, e não pelo interesse do jogo amoroso. Seu caso se inclui nesta última hipótese. Você, apenas distribuídas as cartas, entregou todos os trunfos para a adversária... e assim mesmo ainda esperava ganhar?

Não tenha medo de bancar o "durão". Simule indiferença, uma indiferença cortês, e fique na moita, espreitando. No fim da tocala, temos a certeza de que, ou verificou que a moça não merece o seu amor (e a esse tempo já você terá deixado de amá-la), ou então que ela voltou a gostar de você — momento em que esperamos ser convidados para o alegre "Conjugo vobis"...

CONFIDENTE

★

Se está em dificuldades e não tem com quem desabafar, escreva para "Muro das Lamentações", aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio. Responderemos sua consulta com o máximo de interesse e boa vontade.



PARA O VERÃO!

HOJE, as mulheres não devem mais se queixar do calor. Podem usar trajes reduzidíssimos, não só na praia



como no campo, em casa, em quase toda a parte afinal. Dois exemplos de como deve ser agradável agora o verão para elas e... para eles também, é

claro, aí estão apresentados por Janis Carter, da Columbia, e Vera Ralston, da Republic. Vale ou não a pena fazer calor?



A REPETÊNCIA

NÃO sou, por hábito, muito amiga de definições, mas vou abordar o assunto de hoje definindo-o até exotá-lo.

Que é repetência? Qual o seu significado e consequência? A repetência escolar anões de mais nada quer dizer uma perda; perda de valor material, correspondendo à manutenção do estudante em termos de calçado, indumentária, livros, passagens e etc.; perda espiritual, latente, com a diminuição do interesse, do entusiasmo, da auto-suficiência e a noção indelével de fracasso.

★

A repetência representa um ano, dois, quicá, três, na vida de um indivíduo; períodos idênticos a ouvir o mesmo mestre repetir os mesmos recursos didáticos, que nada lhe valeram no ano anterior. Para que outra vez? se pergunta o estudante descoroçoado. Para que?

A reprovação nem sempre quer dizer que o estudante está completamente inadaptado para aquela matéria; muitas vezes indica, apenas, que houve um erro; mas que erro? Emocional? Mnemônico? Desinteresse? Que espécie de erro? Analisa-se a falha? Pesquisa-se a origem? Não. Mandá-se automaticamente que a criança ou o adolescente repita a série, repita, repita, até atingir o grau estratificado que se estipulou representar o quociente ideal mínimo da sapiência humana.

Thorndyke, um psicólogo, observou certa vez um bebê e um macaco; ambos contavam a mesma idade — oito meses; a ambos foi dado um conjunto de cubos de encaixe; o símio tentou várias vezes com êxitos parciais e, por fim, enfureceu-se e atirou longe os cubos; a criança experimentou e errou, experimentou e errou, e, finalmente, conseguiu acertar; o mais notável da história foi o que o psicólogo percebeu que a criança se valla dos erros para tentar nova experiência e nisto o sábio baseou o seu princípio de ensaio e erro, isto é, que o homem precisa errar para acertar.

★

A indicação é esplêndida e não se diga que não seja conhecida, mas é por acaso aplicada? Não. No caso da repetência, por exemplo, sabe-se que é um terrível desperdício de energia, tempo e dinheiro, mas nada se faz para remediá-lo.

Nas escolas oficiais este problema aparece mais a crú e em números mais gordos que nas particulares e, para sermos justos, vamos dar a razão exata: as escolas oficiais têm mais coragem de reprovar seus alunos, porque não se preocupam em agradar aos pais; no ensino particular o aluno é um fator de lucro e a sua reprovação ocasional, ou repetida, poderia acarretar o seu afastamento; mas se o aluno não paga ao Estado, a sua instrução, no entanto, custa-lhe dinheiro; e de qualquer forma deveria interessar aos fazedores de programas, tanto quanto aos pais, o problema da repetência do estudante.

O estudante repetente sente-se sempre logrado; raramente admite que foi por sua culpa que a reprovação sobreveio; cada qual tem um alibi para o seu caso e todos nós sabemos como nós julgamos benevolmente. Cinquenta por cento deles acusam os professores; outros o momento emocional; uma minoria a vadiagem.

Se as provas de promoção fossem matematicamente equivalentes de ano para ano, se os meses fossem igualmente rigorosos no exame, poderíamos ter uma medida exata das queixas dos alunos, mas isto não acontece, e é por isso, que deixei falar o acusado.

★

Nesta época de vida cara, em que educar o filho, casar uma filha e queimar uma casa são expressões equivalentes, eliminar ao mínimo o problema da repetência, creio, deveria ser a aspiração máxima dos administradores e pais, se quizessem e pudessem trabalhar juntos; para isso seria necessário que se fizesse antes fórmulas precisas de orientação quer para o estudante, quer para os programas.

ZOIA DE LAET

MODELOS PARA

Si você pretende tirar férias e passar alguns dias fora, na serra ou numa estação de águas, você deverá levar também alguns vestidos pouco mais fechados que a agasalhem nos dias mais frios. Estes, por exemplo, são ideais para

esse fim. Da esquerda para a direita: Em albene verde com listras brancas, é este modelo de Martha Vickers, da Warner Bros. Golinha alta, mangas largas presas nos cotovelos. Saia com franzidos e dois grandes bolsos. Também de Mar-



AS SUAS FÉRIAS

tha Vickers é este modelo em tecido escocês com frente em côr unida, abotoando nos ombros com botões dourados. Um modelo que se presta para a viagem é o deste "tailleur" de Eve Arden, em Panamá branco, com capeline e luvas

em tecido azul marinho com "pois" brancas. Chapéu de palha branca com véo marinho. Sãia prequeada em tecido escocês, casaco branco e "echarpe" de tecido idêntico ao da sãia, é a sugestão de Catherine McLeod, da Republic.





O aspecto de um prato tem muito que ver com o apetite de um indivíduo. Si em tudo nos encantamos com aquilo que nos agrada aos olhos, é justo que também a nossa preferência se volte para um prato bem apresentado e enfeitado. Houve época em que, principalmente na França, escreviam-se volumosos tratados sobre o assunto. Estampas em cores demonstravam a maneira de se executarem verdadeiras obras de arte; cada gravura parecia até quadro de pintor célebre... E tinham razão os cozinheiros franceses: a aparência é tudo. Mesmo sem recorrer aos mestres da cozinha francesa, você poderá também enfeitar os seus pratos, apresentando-os de tal maneira que sirvam para estimular o apetite de todos. Tudo o que é preciso, é um pouco de paciência e alguma imaginação. Uma coisa fácil e de muito efeito, é a combinação de cores. O verde em todas as suas tonalidades, o vermelho vivo, o amarelo, o "brique", todas essas cores são encontradas nos alimentos que ingerimos. Porque então não aproveitá-las para dar um aspecto mais agradável e apetecível aos pratos que comemos?

★

COSTELETAS ASSADAS

Ingredientes: 3 quilos de costeletas; 250 grs. de manteiga, sal, salsa.

Preparação: Tratam-se as costeletas, passam-se-lhes sal e manteiga, põem-se braseiras por cima e deixam-se as costeletas cozinhar, sem água e sem molho, durante duas horas. Findo esse tempo, retiram-se e servem-se com o suco das mesmas e salsa frita na manteiga disposta sobre as costeletas.

★

MIOLOS A MILANESA

Ingredientes: 500 grs. de miolos; 250 grs. de banha; 250 grs. de farinha de rosca; 2 ovos; 1 molho de alface ou de agrião; molho de tomates, sal e pimenta.

Preparação: Tomam-se os miolos já temperados e cozidos, cortam-se em fatias que se passam nos ovos ligeiramente batidos com uma pitada de sal e outra de pimenta, e em seguida na farinha de rosca. Fritam-se na banha quente e no momento de servir, dispõem-se numa travessa, guarnecida com folhas de alface, ou galinhos de agrião. Servem-se com molho de tomates.

★

FATIAS ORNAMENTADAS DE VITELA

Ingredientes: 250 grs. de conserva de legumes; 250 grs. de azeitonas pretas; 2 quilos de lagarto assado de vitela; 1 lata de "petit-pois"; 2 molhos de alface.

Preparação: Toma-se o assado, corta-se em fatias e arruma-se numa travessa grande, guarnecida de alface disposta em folhas inteiras. A parte faz-se um picadinho de conserva e arruma-se em porções em cima de cada fatia, colocando-se no centro uma azeitona; enfeita-se com o "petit-pois".

★

CREME COM FRUTAS

Ingredientes: 500 grs. de frutas frescas ou em compota; 75 grs. de gelatina branca; creme de baunilha.

Preparação: Derrete-se a gelatina em meio copo de água quente e junta-se ao creme. Toma-se uma forma lisa e arruma-se o seguinte: uma camada das frutas picadinhas, uma de creme e assim se continua até encher a forma. Leva-se à geladeira.



GRANDES MODELOS

1) Um grande modelo para a noite, em estilo grego. 2) Corpete justo. Mangas formadas por uma capeline. Saia "godet" muito ampla, com babados atrás. 3) Este modelo

Caixa de PERSONALIDADE

GANDHI, O SUPER-HOMEM DO SÉCULO XX



A toleima humana é tão desmedida, que os fabricantes de heróis para o consumo das multidões, de "mocinhos em mass predilection", ou sejam, as desenhistas de histórias de quadrinhos, só procuram impressionar a infância e mesmo os marmanjos de mentalidade embrionária que os lêem com a criação de homens que nada têm de humanos, — os que transcendem dos limites da nossa fraca natureza, por meio de algum dom especial, como o de voar e com a rapidez de uma V-2) ou o de se fazer invisíveis, ou invulneráveis às balas inimigas... Ninguém jamais se lembrou de glorificar um homem que, sendo apenas homem, prescindisse de qualquer espécie de armas, impondo-se aos seus rivais apenas pela força do seu intelecto e pela pureza dos seus ideais, pela severidade de sua conduta e pela determinação de seu espírito... Se o fizessem, seria ainda uma vez para apresentar um mágico, um hipnotizador, uma espécie de Cagliostro ou de José Balsamo, — e não uma criatura simples, desataviada, sem beleza, sem garbo atlético, sem adornos musculares, esquelético, desdentado e semi-nu... E isso prova, apenas, que tal coisa é excessivamente maravilhosa, — tão maravilhosa que está até mesmo fora do alcance da inteligência, da emoção e da sensibilidade dos fabricantes do maravilhoso, a grosso modo... No entanto, essa criatura extraordinária, esse homem excepcional, que de tão grande era quase um Deus, existiu até sexta-feira, 30 do corrente, na velha Índia, para nós tão remota... Esse homem foi o Mahatma Gandhi, o mais extraordinário líder popular que o mundo contemporâneo conheceu.

Dispensamo-nos de citar aqui o que foi essa vida fértil em exemplos fecundos, pois é bem recente a publicação, nesta revista, de longa e minuciosa biografia de Gandhi, na série de trabalhos de Henry Thomas e Dana Lee Thomas, que este semanário há já cerca de dois anos vem oferecendo aos seus leitores, semanas após semanas. Limitar-me-ei a exprimir o pesar que sinto, — e que, como eu, entendo que com certeza sentem todos os amigos da liberdade, — ante o brutal atentado que eliminou o genial capitão da desobediência civil. Gandhi figura à frente da galeria dos modernos paladinos da liberdade, em cujo número não podem deixar de ser citadas igualmente as figuras de Sandino, o nicaraguense; Abd-el-Krim, o marroquino; Quezon, o filipino; e outros lidadores de valor. Entre todos, porém, é Gandhi o que se agiganta e domina e magnifica. Misto de Cristo e Guilherme Tell, de São Francisco de Assis e de Bolívar, de Joana D'Arc e de Juárez, Gandhi tinha a pureza dos santos e a dignidade dos heróis, mas a todos estes sobrepujava, porque não era homem de puxar espadas, de terçar armas, de disparar canhões. Escolheu os meios pacíficos. Seguiu o seu caminho com uma decisão e um espírito de sacrifício que ninguém poderia ou poderá sobrepujar, mas jamais ergueu uma das mãos contra quem quer que fosse, — nem mesmo contra seus inimigos acérrimos, os ingleses. Na luta em prol da grande, nobre e humanitária causa que abraçou, Gandhi escolheu o seu partido e deixou que os ingleses assumissem o papel odioso, antipático, vestindo a pele do vilão no grande drama da Índia... Grande psicólogo, aliando à sabedoria filosófica do Oriente a cultura universitária do Ocidente, bebida na melhor das fontes, — as da Inglaterra liberal do século XIX, — sabia que o ambiente internacional não podia deixar de ser sensível à reencarnação dos acontecimentos da Índia. Sabia que dentro da própria Inglaterra, — onde as boas causas sempre encontram adeptos, — não faltaria quem protestasse contra os desmandos e violências que os delegados ingleses por ventura viessem a praticar. E não se enganou a esse respeito. As violências vieram. Houve repetidas prisões, que Gandhi anulou com seus jejuns, — gestos de heroísmo que comoviam seu povo e o mundo inteiro. Houve violências, — manifestações, passeatas e congressos dissolvidos a "casse-tête" e a sabre. Houve mortos por vezes, quando autoridades mais atrabiliárias se excederam e ordenaram disparos contra a multidão. Não só Gandhi foi preso. Seus discípulos e sua esposa também sofriram. A senhora Gandhi, aos 69 anos de idade, era presa pela sétima vez. Mas Gandhi venceu, — o império inglês, poderoso e cheio de tradições, curvou-se ante o homem doente, pequeno, fraco e desarmado... A batalha da independência da Índia, ele a venceu. Não venceu, entretanto, a batalha da unificação. Morreu sem que tivesse eliminado as fronteiras entre o Paquistão e o Índustão. Morreu às mãos de um fanático, de um homem ignorante e cego de paixão, de ódio, de estupidez, — um homem de sua própria raça. Mas nem mesmo o crime hediondo fará com que desapareça a obra monumental do grande homem, — que é, sem dúvida alguma, a figura máxima que a humanidade produziu nos últimos séculos.

R. MAGALHAES JUNIOR



lembra a elegância das nossas avós. A sáia é ampla sobre os quadris. 4-5) Dois modelos em estilo "Império". 6) Vestido majestoso para um grande baile. Sáia muito ampla. Guarnições de crinoline. 7-8) Também lem-

brando figuras do passado, estes dois modelos têm corpetes longos e muito ajustados. Sáia ampla. 9) Vestido em tafetá com drapeado acentuando a linha dos quadris. 10) Um pouco da idade média. Cintura baixa.

É domingo de Carnaval. Sento-me junto à janela. Faz pouco tempo que anoiteceu. Está muito quente. Desabotô a camisa na esperança de me refrescar. Lembro-me do que me dizia Tio Augusto lá em minha terra, na pequena cidade paulista de S. José do Rio Preto:

— Queres mesmo ir para o Rio de Janeiro? Aguentarás aquele calor? Tenha ouvido dizer que até se pode estrelar ovos na rua!

Eu dava de ombros. Havia rompido com Heleninha. Háviamos combinado de casar, mas houve intransponível mal-entendido entre nós. Então eu disse que viria ao Rio. Mamãe começou a chorar assim que soube de minha resolução, mas nada mais poderia alterar o meu projeto. «Vou, sim», dizia eu, com decisão inabalável.

E agora, já distante da cidadezinha, em pleno Rio, estou eu sofrendo o calor. A dona do quarto que aluguei me disse hoje, quando nos encontramos num lance da escada:

— Mas que calor!

— E' verdade — fiz eu, polidamente.

Ela suspirou fundo, pôs a mão gorda sobre o imenso busto e disse continuando a vencer os degraus:

— Quê se vai fazer? Assim Deus quer! Agora a mocidade vai se meter a beber gelados, suada de pular nos cordões... Depois... pneumonia.

O céu está maravilhosamente estrelado. Acho que até mesmo as estrelas de outros quadrantes mudaram de posição e vieram brilhar nos céus do Brasil só para ver a grande folia do Carnaval.

Olho a lua. E' lua cheia. Vejo nela o São Jorge matando o dragão. Bendito São Jorge que consegue derrubar tão poderoso monstro. E penso em mim próprio que não consigo vencer nem mesmo os mais fracos obstáculos que a vida

me apresenta. Lembro-me daquela vez em que me senti acovardado do Péricles Alves — o Perí. Tivemos uma discussão na sala de aula. Ele me disse coisas. Eu respondi outras tantas.

— Cala a boca, seu fraco! disse ele com superioridade.

O desafio veio-me facilmente; gritei-lhe com valentia:

— Pois vamos ver quem é fraco! Estou te esperando lá fóra!

Todos os meninos ficaram excitados com a luta que se programara para o final das aulas.

Mas, na hora de sair, senti-me acovardado. Senti muito medo de Perí; pareceu-me um monstro — tão grande quanto uma palmeira. E eu, que já brigara antes com o Jeremias, um menino forte da classe dos mais adiantados e o fizera pedir perdão sob os meus joelhos — do Perí tive um medo, um medo que me reduzia, que me arrastava. Então, esperei pela professora, a D. Maria de Lourdes, para sair. Morto de vergonha, vim saindo junto dela, como se procurasse a sua sombra para me proteger. E a meninada gritava:

— Ai, covarde, com medo!

Mais tarde, também, fiquei conhecendo a Lucila Branco. Uma menina loura, de franjinha. A mãe vestia-a com mangas compridas e gola justa ao pescoço. Eu gostava de Lucila. Ela sabia disso. As meninas contavam-lhe a minha afeição por ela. Acho que Lucila também gostava de mim. Ela sabia que eu não conseguia decorar as conjugações dos verbos. E quando D. Maria de Lourdes me arguia verbos, sem esperar que eu lhe pedisse socorro, Lucila me soprava a resposta certa. No exame final, ensinei-lhe a resolução de um intrincado problema de aritmética, no qual entravam tôdas as conversões de pesos e medidas que aprendemos durante todo o ano.

PIERROT NO CARNAVAL

Conto de MOYSÉS DUÉK

Eu sabia que Lucila gostava de mim. Não me tratava como aos outros meninos. Ela me dedicava olhares especiais, preocupava-se com a sua pose quando me via observando-a. Só faltava uma palavra minha. Bastava que eu lhe dissesse: «Lucila, quer ser a minha namorada?»

Mas eu não conseguia dizer nada. Eu me sentia sem ânimo para isso.

Mais tarde ainda, já homem feito, quando eu precisava de um emprego, pois o meu dinheiro se acabava, quantas vezes encontrei-me com o rico negociante que é primo de mamãe e não conseguia pedir-lhe um emprego!

— Seu Roque, preciso ir ao seu escritório para lhe falar de um assunto.

— Mas diz logo, meu rapaz. De quê se trata? A tua mamãe é a minha prima Anunciata. E fica sabendo que é a prima que mais estimo. Se é favor, conta comigo.

Ah, se eu pudesse dizer logo que as minhas cédulas já eram poucas e de pequeno valor! Ah, se eu pudesse dizer-lhe que precisava de emprego!

— Não posso dizer aqui, Seu Roque. E; difícil... O bom homem espalmava as mãos redondas sobre o imenso ventre e alisando a pesada corsete de ouro do relógio que ia de um lado a outro do colete, perguntou:

— Ó rapaz, isto me está cheirando a amor...

— E com voz mais baixa: — Será que gostaste de minha filha, hein, a Estelinha? E' boa menina...

Ah, São Jorge, tenho inveja de ti! Ainda neste momento sentado junto à janela, nesta noite de Carnaval, uma vez mais sinto-me um fraco. Eu amo Estefânia. Eu acho que ela me ama, também. Nós nos conhecemos no baile de ontem em casa de seu Roque. Ninguém nos apresentou. Ela estava fantasiada de cigana. Tinha o pescoço pejado de colares e de medalhas penduradas. Tinha máscara. Eu também estava mascarado. Eu pulava metido em minha fantasia de Pierrot lilás. Ela cantava, eu cantava. Ela se interrompeu e me disse:

— Ai, Pierrot...

— Ai, cigana...

E continuamos a pular.

Depois de rodarmos a sala algumas vezes, ela me perguntou:

— Por quê você está de Pierrot? Você é triste?

— Sou, sim — disse eu sinceramente.

— Então como está brincando no Carnaval?

— Não estou brincando. Estou tentando imitar os outros.

— Para quê?

— Para ver se fico feliz como eles.

Então ela segurou minha mão e levou-me para um lugar tranquilo, dizendo:

— Seria inútil você continuar, Pierrot. Nunca seria feliz.

— Eu também acho.

Fômos beber um refresco de limonada.

Estelinha nos apresentou um ao outro. Fiquei sabendo que seu nome é Estefânia, Estefânia Marques.

Depois fômos para um dos bancos do jardim. Aos nossos ouvidos chegavam vozes cantando a plenos pulmões:

O teu cabelo não nega, mulata,

Que tu és mulata na côr!

Mas como a côr não pega, mulata,

Mulata eu quero o teu amor!

Estefânia olhou para mim e perguntou:

— Eles são felizes?

— Não sei. Se não o são, ao menos parecem ser.

Estefânia não é como eu. E' mais alegre. Soufreu menos em sua vida. Conte-lhe que viera de São José do Rio Preto à procura da felicidade. Ela se riu:

— Não se precisa viajar tanto para encontrar a felicidade. Ela existe em tôda a parte. O importante é conquistá-la.

(Continua na pág. 52)



Ella Raines — Estrela
do filme "Uma Aven-
tura Arriscada" da Uni-
versal - International.

A Beleza Mágica das Estrelas...

COM MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES MAX FACTOR

A beleza mágica das estrelas de Hollywood não é um privilégio!

Você poderá ser tão bela quanto qualquer estrela da tela adotando o sensacional MAKE-UP EM HARMONIA DE CÔRES,

notável criação de Max Factor Hollywood. Usando PÓ, ROUGE, BATON E PAN-CAKE EM HARMONIA DE CÔRES, com

a cor de sua pele, seus olhos, seus cabelos, você terá em seu rosto aquela beleza mágica das estrelas.

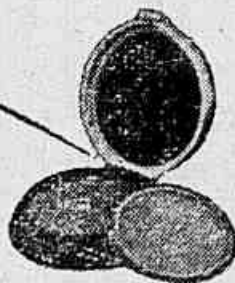
Para conhecer e receber a sua ficha de Análise Fisionômica, acompanhada do mais sensacional

livreto sobre beleza, remeta-nos o coupon

abaixo, devidamente preenchido. Os produtos

Max Factor são apresentados em suas embalagens originais de Hollywood.

Max Factor
Hollywood



PARA CONHECER A SUA HARMONIA DE CÔRES INDIVIDUAL PREENCHA E REMETA O CUPOM

MAX FACTOR MAKE-UP STUDIOS

Caixa Postal 2775 — Rio de Janeiro

Sem compromisso, queiram remeter minha análise de pele e ficha de Make-up em Harmonia de Côres, por Max Factor e o seu folheto ilustrado: "A Nova Arte do Make-up de Sociedade".

Nome

Endereço

Cidade

Estado ou País

Marque o coupon CUIDADOSAMENTE

CABELOS

LOURA

Claros ☐ Escuros ☐

RUBIA

Claros ☐ Escuros ☐

CASTANHA

Claros ☐ Escuros ☐

MORENA

Claros ☐ Escuros ☐

Si o cabelo for branco ou grisalho, marque no tipo acima e assinalar aqui: ☐

PELE: Seca ☐ Oleosa ☐ Normal ☐

PELE: Muito clara ☐ Clara ☐ Média ☐ Morena clara ☐ Morena escura ☐ Palida ☐ Avermelhada ☐ Sardenta ☐

Si estiver queimada de sol, marque no tipo acima e assinalar aqui: ☐

OLHOS

Azuis ☐ Cinzentos ☐ Verdes ☐ Amarelados ☐ Castanhos ☐ Pretos ☐

PESTANHAS (Cilios)

Claros ☐ Escuros ☐

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

SILHUETA "HASTE" E SILHUETA "FLOR"

Por OLGA OBRY

(Modêlos de Lelong, Paquin, Christian Dior)

PARIS, fevereiro (Pela Panair) — O mais original e ousado dos modelistas parisienses, Christian Dior, chamou as duas silhuetas diametralmente opostas que dominam a sua nova coleção "silhouette tige" e "silhouette fleur"; silhueta "haste" e silhueta "flor". Uma é delgada e esbelta, a outra ampla, arredondada, com a saia abrindo graciosamente para baixo, com as ancas sustentadas por uma espécie de crinolina. Ambas, entretanto, têm uma característica comum — o comprimento da saia descendo até, no mínimo, 15 centímetros do chão para os vestidos "habillé" e 20 para os conjuntos de dia.

É evidente que o feitiço do vestido intui nos gestos e no andar da mulher que o usa. Também os "manequins" da casa Christian Dior deslizam suavemente quando apresentam modelos da silhueta "haste" e entram no "salon" quase bailando para pôr em evidência a larcaria graciosa da silhueta "flor"; a saia abre então como uma corola, varrendo cinzeiros, espectadores, tudo, mas a linha dançarina nem presta atenção, guardando intacto seu sorriso triunfante. Os "fashion shows" em Paris sempre foram um tanto parecidos com espetáculos teatrais, e hoje o são mais do que nunca.

A originalidade de Christian Dior exterioriza-se até mesmo nos nomes que ele dá aos seus modelos e as cores novas da temporada: um vestido de noite, em cetim cor de marfim e negro, linha "flor", chama-se "Virgem louca"; outro, de linha "haste", em lã preta com capa "frileuse" — friorenta — debruada de skunks, intitula-se "Diograma". Um vermelho ferrugem não é mais "rouille"; a "barbe de Bébé"; quem saber por que? Porque as barbas proféticas do pintor mais em voga em Paris, Christian Bérard, cuja alcunha é "Bébé", tem exatamente este tom inaudito.

Se a linha de Dior parece hoje muito extravagante, não há dúvida que amanhã será aceita por tôdas, e então Christian Dior terá que inventar outra coisa: é este o segredo dos costureiros parisienses para impedir a moda de parar, de fixar-se, de ficar congelada.

Os modelos que vemos aqui, ao lado, são o "dernier cri", das três casas em que falamos acima. "A figura de prôa" de Lucien Lelong usa um vestido de noite de corpinho muito decotado e modelando o busto num "coup de vent"; a saia, muito ampla e plissada, em tule negro, é pousada sobre um fundo de tafetá cor de rosa. Um largo cinto de tafetá preto fica amarrado com um grande laço nas costas. O modelo chama-se "Légende".

Na segunda fotografia vemos uma "toilette" de coquetel de Paquin, em cetim brochado cor de vinho de Borgonha, com característico movimento drapeado nas ancas, descendo para trás acabando num vistoso laço da mesma fazenda. A largura da saia fica toda agrupada na frente em godets caindo reto e deixando a silhueta muito esbelta e comprida. A grande capeline de crina preta tem a copa inteiramente coberta de flores rosa pálido.

Os quatro desenhos mostram modelos de Christian Dior. O primeiro, silhueta "haste", os três demais silhueta "flor". O conjunto preto de saia esguia, é feito em veludo, com o casaquinho bordado de passamanaria negra. A saia abre para baixo, nas costas, num movimento de leque.

O vestido muito decotado, para o "fim do dia" coquetel ou jantar — é de lã preta, com colar de plumas de avestruz debruando o grande decote arredondado.

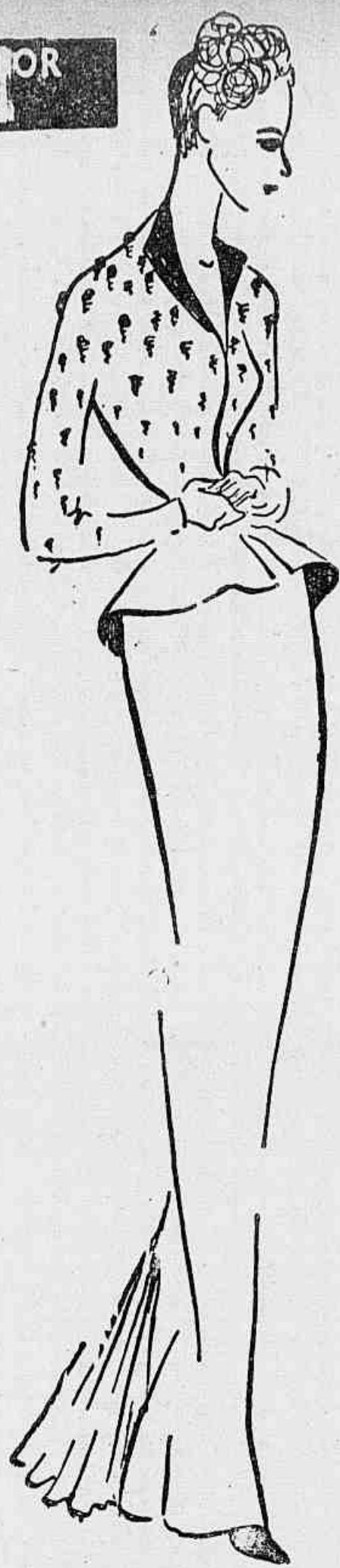
Tôda plissada em crepe musseline, esta outra "toilette" de "fim do dia", tem mangas compridas e decote fundo na frente.

Para a noite, numa sala de baile, este traje de gala de comprimento médio, linha "flor" bem acentuada.

1) Modelo de Paquin. 2) Modelo de Lucien Lelong.

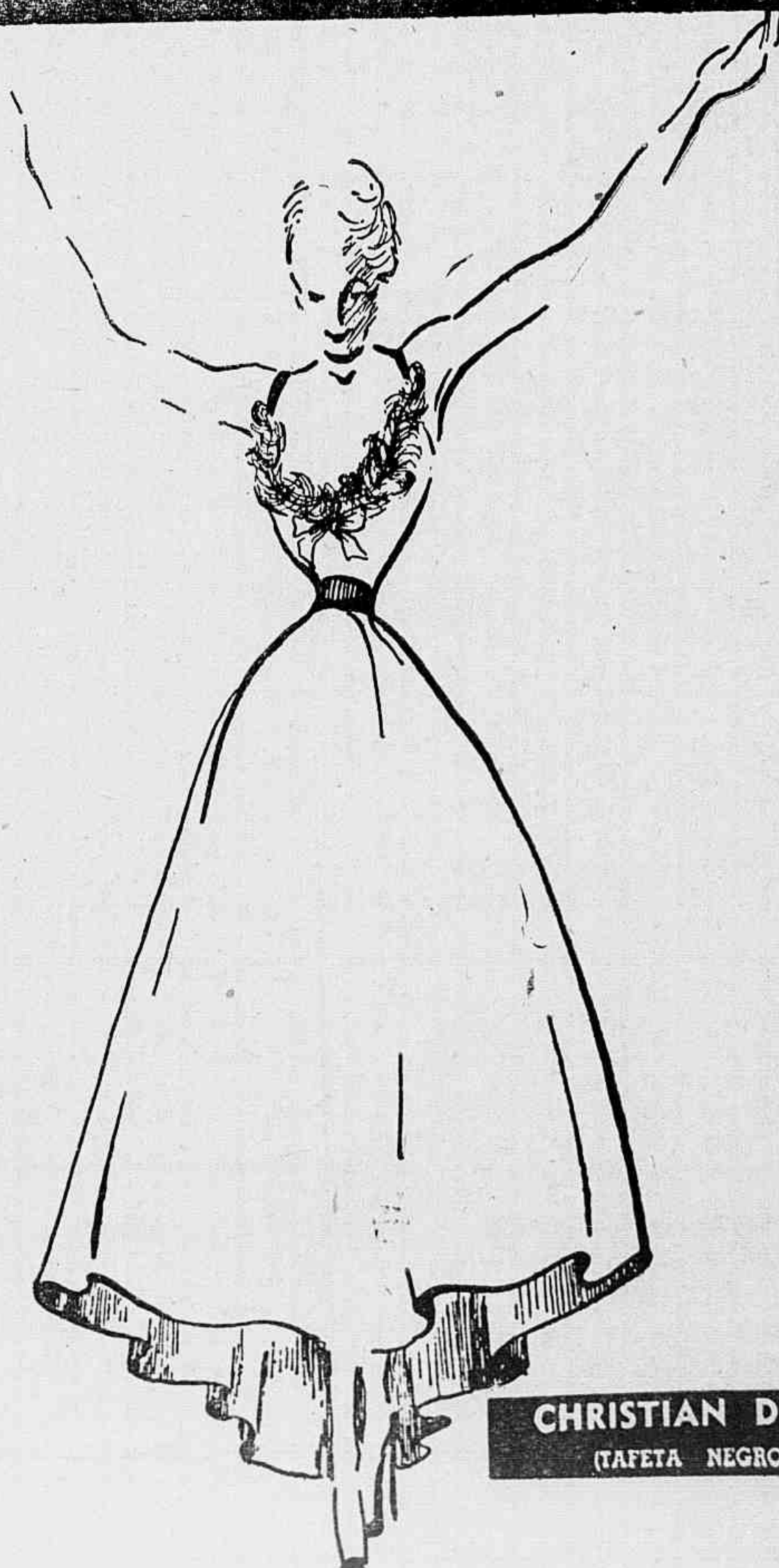


CHRISTIAN DIOR
(MUSSELINE JASPE)



CHRISTIAN DIOR
(VELUDO NEGRO)

CHRISTIAN DIOR
(MUSSELINE JASPE)



CHRISTIAN DIOR
(TAFETA NEGRO)



O MOMENTO MUSICAL

SE o último ano foi, musicalmente, fraco, este princípio de 1948 está sendo de uma pobreza lastimável para o cancionero popular. No período pré-carnavalesco, tivemos um número limitadíssimo de produções que merecessem uma classificação mais lisonjeira. A maioria — diga-se com sinceridade — foi de composições sem a menor beleza melódica, pobres de letra, inexpressivas de motivos. Os autores do Rio quase se limitaram a aproveitar músicas alheias e lançá-las como originais, num flagrante desrespeito às melodias de outros. Assim, tivemos o "Minueto", a "Polonesa", a canção napolitana "Dove sta Zaza?", "Balando la Guaracha", "Cigano", de Marcelo Tupinambá, "Viuva Alegre", o bolero "La ultima noche", e mais algumas composições lançadas em plena folia de Momo.

Ora, o processo se presta muito bem para uma campanha desmoralizadora contra a música brasileira. O simples fato de três moços se juntarem para lançar como original um bolero conhecidíssimo, serviria para demonstrar no estrangeiro que no Brasil não se compõe de verdade — arranjam-se músicas pela maneira mais fácil. E isto seria uma demonstração bem deprimente!...

Os compositores nacionais têm andado envolvidos em grandes casos, lutando pela defesa dos seus interesses financeiros. Não têm tido tempo para pensar em bons motivos, pelo menos diferentes e fora da rotina geralmente explorada pelos sambistas que só sabem compor falando em "desprezo", "ingratidão", "saúde" e "tristeza"...

O momento é, portanto, de deficiência para a música popular brasileira. Editores ocupam-se fervorosamente em lançar novos tangos, boleros, rumbas, "swings" e "boogie-woogies". Fábricas de gravações pretextam falta de matéria prima para as gravações nacionais e regravam constantemente melodias estrangeiras que são importadas em matrizes. Compositores brigam, intérpretes tomam partido e a confusão é geral. Resultado: músicas alheias lançadas com novos donos ou produções de terceira ordem impingidas pelas emissoras, orquestras de bailes e espetáculos de pavilhões suburbanos... Este é o momento musical...

NESTOR DE HOLANDA

APANHEI DE «BOOGIE-WOOGIE»

Samba de Valter Teixeira e Luís Guilherme. Gravação Odeon dos Vocalistas Tropicais.

Você me disse
Que dançava o «boogie-woogie»
De qualquer maneira,
Elogiou a nova dança,
Puladinha,
Lá da «gafieira»,
Cai na asneira de dançar o boogie-woogie»

Com uma cabrocha de lá,
No outro dia estava de perna bamba
Sem poder andar...

E nunca mais
O «boogie-woogie» me apanha
Pra que me casar
Eu apanhei de «boogie-woogie»,
A noite inteira,
Até a coisa melhorar...
Está muito bom
Pra essa mocidade louca,
Sem compromisso,
E, não, pra mim,
Que sou um chefe de família
E que preciso trabalhar...

VOLTARAS AO MEU CAMINHO
Valsa de Paulo Gesta e Antonio Bochner (Antoninho). Gravação Odeon de Alcides Gerardi.

Do nosso amor, perdi toda a esperança,
Nada resta, nem mais uma ilusão...
Juro que risquei teu nome da lembrança
E apaguei a tua imagem do meu coração...

Não consigo, mesmo assim,
Esquecer quanto eu te quis...
Tanto, tanto que tentei
Te ver feliz...

Tu foste para mim, mulher fingida,
Aquele por quem eu daria a própria vida!

Mas, espero que um dia,
Voltarás ao meu caminho,
A pedir arrependida o meu carinho...

E, então, irei te confessar,
Que é tarde, muito tarde, para recomeçar...

UNCLE REMUS SAID

Fox de Johnny Lange, Hy Hearnth e Eliote Daniel

The leopard's pappy got the gout
from eatin, too much speckled trout
His mammy dreamed of polka dots,
And that's how the leopard got
his spots what Uncle Remus said

That's what Uncle Remus said,
From speckled trout and polka dots,
That's how leopard got his spots,
More, more, tell us more,

That's all little children, that's all
little children,
Be good little children, its time to
go to bed.
No more little childre no more lit-
tle children,
Goodnight little children,
That's what Uncle Remus said.

«WHAT AM I GONNA DO ABOUT YOU?»

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne

What am I gonna do about you?
Didn't mind the others I knew,
But what am I gonna do about you?
I thought that love and I were ali-
through
Then your smile came out of the
blue;

Ho! what am I gonna do about you?
My hopes Were growing dimmer,
Each passing day I could have held
out longer;
But love was stronger, you had
your way;
And now all my dreams, and I've
had a few,
Suddenly are all coming true.

So, what are you gonna do about
me?
And what am I gonna do about
you

Estude por Correspondência

desenho

mecânico e arquitetônico

GRÁTIS
CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V. S. e uma nova vida cheia de possibilidades limitadas! M. N. ALIADOS SUA V. S. SIMAS

NÃO PERCA TEMPO E MANDE-NOS IMEDIATAMENTE O LUPON AO LADO:

A indústria mecânica e as obras arquitetônicas precisam de milhares de desenhistas técnicos. V. S. pode tornar-se um destes privilegiados, ocupando um lugar de destaque e ganhando ordenados elevadíssimos. Estude em sua própria casa meia hora diária pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil

DURAÇÃO DO CURSO: 25 SEMANAS
Sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparo especial, tornar-se-á técnico em desenhos de máquinas, motores, aviões, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação, etc.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal 5058 — São Paulo

Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME _____

RUA _____ N. _____

CIDADE _____

ESTADO _____

A vida de Handel

(Conclusão do número anterior)

Atacavam-lhe as óperas porque as escrevia, alegavam os outros, «para agradar os próprios ouvidos, ainda que desagradasse os ouvidos do auditório». Desestimavam-lhe os oratórios, porque estes não eram «nem peixe nem ave, senão uma estranha e indigerível mistura». Nas noites em que ele levava as suas óperas à cena concertavam deliberadamente toda a casta de distrações — assembléias, jogos de cartas, brigas de galo, «baterias de diversões femininas» e assim por diante — para manter afastado o público do seu teatro. E «essas conjuntas tentativas de todas as classes e sexos», afirmaram, satisfeitos, em um dos seus artigos, «foram bem sucedidas». Tornou-se o público de Handel «extremamente escasso», e o compositor deixou-se possuir de «entranhada melancolia». Chegaram a ponto de acusá-lo de imoralidade com as atrizes e de profanação por permitir que se cantassem nos oratórios palavras da Bíblia.

Além de todas essas desventuras experimentou ele mais uma — os assuntos cometidos por toda a gente contra as suas obras, visto que naquela época não havia proteção à propriedade nem musical, nem literária. Walsh, o seu editor de outros tempos, tratava agora de rubar-lhe as canções e enriquecer à sua custa. As suas óperas mais populares eram representadas em toda parte sem sequer um pedido de licença ou uma carta de agradecimento. Não é, pois, de admirar que se lhe debilitasse a saúde e tenha chegado seu espírito quase a ponto de extraviar-se.

Sem embargo, continuou a lutar — não somente em proveito próprio como também no de todos os músicos pobres. Embora amilde precisado de caridade, organizou e dirigiu diversos concertos em benefício de outros compositores necessitados, recusando-se a aceitar um vintém sequer dos lucros desses concertos.

Ao tempo de sua pobreza foi-lhe oferecido o grau honorífico de Doutor em Música pela Universidade de Oxford. Custar-lhe-ia, porém, essa honra quinzentos dólares. Handel recusou-a. «Por que diabo hei de atrair fora o meu dinheiro pelo que os tolos me dão?» — exclamava ele. «Não me interessam essas honrarias».

Neste entretanto haviam a sua saúde

e a sua fortuna atingido o ponto crítico. Paralisara-lhe todo o lado direito do corpo e fôra-se-lhe todo o dinheiro. Os credores sequestraram-lhe o que lhe restava e ameaçaram prendê-lo. Durante algum tempo acudiu-lhe a tentação de desistir da luta — mas tornou a cobrar ânimo para compor a maior de suas inspirações, o épico «Messias». E tão tremendas eram as suas faculdades recuperativas que escreveu a obra toda em três semanas.

Seguiu-se novo e breve período brilhante em sua existência. Foi, porém, como o fuzilar de um relâmpago nas trevas da noite. Novas riquezas, fama, amizades com Fielding, Hogarth, Smollet, Colley, Ciber, Arbuthnot e Gay, reconhecimento por parte do rei Jorge II, uma estátua erigida em sua honra nos jardins de Vauxhall — e, logo, as trevas. Ele trabalhava no segundo ato de sua ópera «A Filha de Jeffa», quando sentiu a vista subitamente nublada. Cortinou, lenta e laboriosamente, a trabalhar durante vários meses. Terminada a obra (30 de agosto de 1751), mal conseguia ver as notas com um vidro de aumento. Submeteu-se a uma operação para curar-se da catarata, mas em vão. Dentro de poucos meses foi-lhe a luz «completamente aniquilada», para usar de sua própria expressão.

Na primavera de 1759 realizou-se uma representação de «Sansão» em Covent Garden. Handel, sentado à beira do órgão, perdeu o alento ao ouvir as palavras do guerreiro cego que lutara durante toda a sua vida contra os filisteus:

Eclipse total, sem sol, sem lua,
Tudo escuro em meio ao resplendor ruidoso.

Quando, ao fim da representação, o conduziram para fazer a costumeira saudação à platéia, foi aclamado com uma gloriosa e patética ovação de aplausos e lágrimas.

Algumas noites depois voltou ao teatro para assistir à representação do seu «Messias». No meio do espetáculo, perdeu os sentidos. Levado para casa e posto na cama, nunca mais se levantou.

Expressou o desejo de morrer numa Sexta-Feira Santa, «na esperança de reunir-me a Deus, meu meigo Senhor e Salvador, no dia da Sua Ressurreição». Foi-lhe o desejo satisfeito, pois na antemanhã de um Sábado de Aleluia (14 de abril de 1759) o cantor e o seu Messias se encontraram fito a fito.

(Do livro «Vidas de grandes compositores»).

OSCAR CLARK

(Continuação da pág. 26)

dos últimos anos cortou-lhe precocemente o fio da existência. Ainda à véspera de ser fulminado pela **angina pectoris**, escrevera um artigo para um grande diário do Rio — ferindo a mesma tecla, exaltando a mesma necessidade fundamental e humana.

A morte encontrou-o de pé, sereno, com o estoicismo de um grego da velha idade, ou de um cristão dos primitivos tempos. Patologista exímio, acompanhou, minuto a minuto, o galope do coração nas arrancadas finais para o aniquilamento. A aritmia cardíaca prenunciava-lhe o termo próximo dos sofrimentos. Pediu ao Senhor que dilatasse o prazo fatal para não morrer no dia em que o netinho mais novo ia fazer anos... O Céu não o ouviu, porém. Oscar Clark baqueou na noite de 18 de janeiro, e em torno do seu corpo de gigante fez-se a treva de um cataclismo para a Medicina e para o Brasil. Sua palavra, porém, não se perderá nas sombras da Eternidade. Ela será ouvida pelos tempos afora, enquanto no Brasil houver consciência nos homens, amor às crianças e justiça para os mortos!

DO REALENGO ÀS AGULHAS NEGRAS

(Cont. da pág. 21)

da nave erma, convidando ao recolhimento e projetando em cada curva, em cada ângulo, em cada coluna, lições heróicas, lições generosas, lições comovidas, trabalhará a alma dos cadetes, transmitirá a eles, na alvorada da vida, ainda verdes e bons, o perpétuo amor do Brasil, e a perpétua fé no seu destino.

E saindo do Panteon o cadete das Agulhas Negras só encontrará motivos de reiteração desses sentimentos, no ambiente de conforto sem luxo, de trabalho sem excessos, de bondade sem relaxamento, de confiança sem inconsciência, e além de tudo na pura e sensível beleza que o cerca. Sim, a estética da nova Escola deve ser realçada. Não foi, não podia ser esquecido esse elemento essencial ao espírito humano. A beleza está em todos nós como uma das grandes forças da vida. Por ela se chega à alegria, que é, ensinava Graça Aranha, «a passagem da alma a uma perfeição maior». Os futuros cadetes impregnam-se continuamente da substância de uma beleza gloriosa, a beleza brasileira da natureza em que se aninha a nova Escola. E serão, fatalmente, tocados pelo simbolismo das Agulhas Negras, na sua poderosa massa, nos seus eternos dedos apontando o infinito, pelo simbolismo do Paraíba, vindo das entranhas da terra até a descarga no mar, em que se diluirá para a comunhão misteriosa com os outros rios, para o contacto voluptuoso com as praias fofas, para o embate espetacular com as rochas telmosas, pelo simbolismo ainda do Paraíba, que é ebulição nos empedrados, placidez nos remansos, mas sempre movimento, sempre em marcha para o seu destino.

Com a nova Escola ficam materializadas as três fases da acelerada evolução da Escola Militar dos nossos dias. Cada instalação exprime fielmente a Escola a que serviu. Em 1930 era o sombrio e mau quartel que descrevi, incrustado nos capinzais do Realengo. A partir de 1931 a transformação, fica outro no

aspecto, no conforto, nas dimensões. É a transição. Agora, com as Agulhas Negras, chega a Escola definitiva. E a sua magnífica realidade deve ser tomada como uma imagem do Exército que dará no futuro.

Uma voz

(Cont. da pág. 23)

Falci sacudiu os ombros e sorriu.

— Isso poderia ser prejudicial à senhora, e eu não gostaria disso. Se a senhora prefere deixar minha visita para depois do seu casamento, estarei disposto a voltar.

— Não — mais com um gesto do que com a voz, disse Lídia, estrangulada pela emoção, vermelha da vergonha que a aparente generosidade do doutor lhe fazia sofrer; e, com a mão, fez sinal para ele passar.

Silvio Borghi esperava no quarto, cheio de impaciência.

— Aqui está o dr. Falci, Silvio — disse Lídia ao entrar, cheia de vibração. — Nós desfizemos um mal-entendido. Tu te lembrás, não é, que por ocasião de sua primeira visita, o doutor mostrara desejo de tornar a ver-te.

— Sim, — respondeu Borghi, — lembro-me perfeitamente, doutor.

— Ainda não sabes — continuou Lídia — que ele voltou na própria manhã em que morreu tua mãe. Fui eu que falei com ele e ele me disse que pensava que teu mal não era o que outros doutores julgavam e que, por conseguinte, tua cura, na opinião dele, não era impossível. Eu não te havia dito nada disso.

— Porque a senhorita Venturi — apresentou-se a acrescentar o dr. Falci — desde que se tratava duma suposição que eu tinha, naquele momento, a falar verdade bastante vaga, considerou-a antes como um consolo que eu quisesse trazer, e não lhe havia dado grande importância.

— E' o que eu digo, de fato, mas não é o que o senhor pensa — respondeu Lídia, pronta e altaneira. — Silvio, o dr. Falci desconfiou do que aliás é verdade, isto é que eu não te havia falado na segunda visita dele e quis vir espontaneamente antes de nosso casamento, para te oferecer tratar de ti, sem nada exigir em pagamento. Agora podes pensar, Silvio, como ele, que eu queria deixar-te cego para casar contigo.

— Que estás dizendo? — exclamou o cego em sobressalto.

— Isto mesmo — replicou ela, com um riso estranho. — E isto pode ser também verdade, pois somente com esta condição eu poderia tornar-me tua...

— Que estás dizendo! — repetiu Borghi interrompendo-a.

— Hás de perceber, Silvio, se algum dia o dr. Falci te restituir a vista. Agora vou deixá-los.

— Lídia! Lídia! — gritou Borghi.

Porém ela já havia saído depois de fechar a porta com violência. Foi se atirar na cama, mordeu com raiva o travesseiro e rompeu em soluços. Entretanto, logo que passou a crise, sentiu-se surpresa e espavorida, achando-se face a face com a sua consciência.

Parecia-lhe que tudo quanto o médico lhe havia dito com seu ar frio e mordente, ela dissera a si mesma há muito tempo, ou, mais exatamente, que alguém lhe havia dito aquilo, dentro dela; e fizera de conta que não tinha ouvido. Sim, sempre, sempre, se lembrava do dr. Falci; e cada vez que a imagem dele lhe atravessava o cérebro, a havia repellido como o fantasma dum remorso, com um insulto: charlatão. Porque — como negá-lo agora? — queria, queria justamente que Silvio continuasse cego. A cegueira daquele que ela amava era a condição inevitável do seu amor. Se, amanhã, ele recuperasse a vista, belo como era, jovem, rico, com um belo nome, por que haveria de desposá-la, a ela? Por gratidão? Por compaixão? Oh! certamente não seria por outra coisa! E então, não, não! Mesmo que ele assim quisesse, ela não aceitaria. Como teria podido aceitar isso, ela que o amava como ele era, ela que na desgraça dele achava a razão do seu amor e quase uma escusa perante a malignidade dos outros? Pode-se transigir assim, sem que se note, com sua própria consciência a

(Continua na pág. 58)

Mais Beleza ÀS PORTAS DO SEU LAR



SWP PROTEGE AO PINTAR AS ESTRUTURAS EXTERNAS DE MADEIRA OU FERRO

O sol escaldante ou as chuvas torrenciais — o calor e a humidade — não afetam as superfícies pintadas com a bela e decorativa SWP — a tinta perfeita para as estruturas externas de madeira ou metal, tais como portas, janelas, basculantes, grades, portões, etc.. SWP, à base de óleo, é lustrosa, forma uma superfície macia, suave, de aspecto profissional.

...E PARA MAIS BELEZA INTERNAMENTE

Kem-Tone

o acabamento mágico para paredes internas



1 galão de Kem-Tone, diluído com água, dá um galão e meio de tinta — o bastante para transformar um aposento de tamanho médio. Kem-Tone seca em 1 hora — cobre com uma demão até papel de parede ou pinturas escuras.

À venda nas boas casas do ramo.

1 galão Cr\$ 98,50 no Rio, e em São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL

RIO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE 23, TEL. 32-2077
S. PAULO: R. BARÃO DE ITAPETININGA 124, 4.º AND.
TELS. 4-6681, 6-1229

MÚSICA

ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

O MOLEQUE FLORENTINO — UMA ESTATUA ORIGINAL — PERDOAI-ME, SENHOR, NÃO COMPUS ISSO PARA VÓS! — PASTELÃO E A PARTITURA QUEIMADA

A princesa de Montpensier estava à procura de alguma distração que lhe animasse as horas de ócio aristocrático. Encomendou, então, um pequeno pagem. E, assim, importado de Florença, apareceu na França um molequinho vivo, inteligente e — dizem os cronistas — tão belo quanto precocemente namorado. Antes de transformar-se no gênio temperamental que conquistou a corte de Luís XIV, esse menino, Lulli, deu expansão aos seus entusiasmos organizando toda a sorte de travessuras que mantinham a sua real patrão entre divertida e sobressaltada. Não se sabia nunca qual seria sua próxima aventura. E vale a pena assinalar que nem todas ficavam dentro dos limites do gracejo protocolar. Assim, certa vez, Lulli ouviu de sua senhora que era, realmente, uma pena faltar alguma estátua digna de figurar num pedestal que havia no jardim. Imaginava ela, para ocupar aquele posto de destaque, a imagem de algum deus grego, atlético e apolíneo. Lulli, pequeno pretencioso, achou-se em condições de suprir a deficiência, excitando o senso estético da Princesa. E, como não ficava já mais na intenção, despiu-se e colocou-se em pose olímpica. A dona da casa e seus convidados, ao voltarem ao jardim, depararam, portanto, com o espetáculo daquele garoto empoleirado, em trajes de Adão, sobre a pedra destinada a sustentar a escultura. Algumas damas ficaram escandalizadas, mas a maioria achou a travessura graciosa e aplaudiu a iniciativa escandalosa...

MEU DEUS, PERDOAI!

Crescido, nem por isso Lulli perdeu aquele espírito irreverente que já havia revelado na infância. Aristocrata por graça de Luís XIV, que o fez cavalheiro, ele poderia facilmente, prescindir dos favores reais. Tinha, como recomendação para a imortalidade, um título mais valioso: sua arte. Os orgulhosos "nobres" de França já passaram ao esquecimento, a Revolução Francesa varreu-lhes os privilégios e a nobreza não é mais qualidade que, por convenção social, dependa do "pedigree"... Assim, não é preciso apresentar, hoje, o nome de Lulli, cujas obras vivem ainda. Entretanto Louvois, altivo fidalgo que desdenhava a glória do compositor, só é lembrado pela resposta que levou para casa, quando resolveu ferir o artista com a arma do sarcasmo.

— O sr. Lulli não passa de um bufão; passa a vida a provocar o riso com gracejos, disse Louvois.

E Lulli, muito sereno, foi retrucando:

— Uma ocupação que não está ao seu alcance, senhor de Louvois, pois falta-lhe espírito e agilidade mental.

Lulli nunca teve dúvidas a respeito de seu talento. Sabia que tinha, além de "espírito e agilidade mental", o dom de exprimir-se musicalmente. Certa vez ameaçou de morte quem lhe contestasse os méritos de compositor. E, quando Armida não obteve o sucesso esperado, ostensivamente mandou executá-la para um público composto de uma única pessoa: ele mesmo! Nem mesmo seu fervor religioso o impediu de dirigir-se a Deus sem maiores cerimônias. Assim, tendo composto uma página para orquestra, viu, com surpresa, que ela era executada nas igrejas, como se se tratasse de música sacra. Não contendo a indignação, pôs-se de joelhos e, em voz bem alta, dirigiu-se diretamente à divindade nestes termos:

— Perdoai-me, senhor! Mas é um absurdo! Não compus isto para vós!

PASTELÃO!

Na carreira de Lulli, não faltaram sequer lances do tipo "comédia de

pastelão" em que os protagonistas atiram tudo que lhes vem às mãos em cima dos coadjuvantes indefesos com que contracenam.

Certa vez, irritado com o primeiro violino da orquestra que regia, tomou-lhe o instrumento, quebrando-o nas costas do infeliz artista. Depois, arrependido do gesto, convidou-o para jantar em sua companhia... E, dias mais tarde, aparecia para o ensaio com um violino debaixo do braço. Dirigindo-se à vítima, disse: "Tome. É para você". E deu o incidente por encerrado.

Esses métodos um tanto drásticos felizmente não estabeleceram tradição. O proverbial mau humor dos regentes só se traduz em agressões... verbais. Von Bulow, por exemplo, costumava fazer ironia à custa dos seus subordinados. Conta-se que, de uma feita, regia um coro dos Huguenotes, quando, interrompendo a orquestra, berrou para os coristas:

— Infame! Pésimo! Insuportável! Os senhores andam para cá e para lá, gesticulam e fazem caretas como canibais! Lembrai-vos que estamos interpretando os Huguenotes e não os Hotentotes!

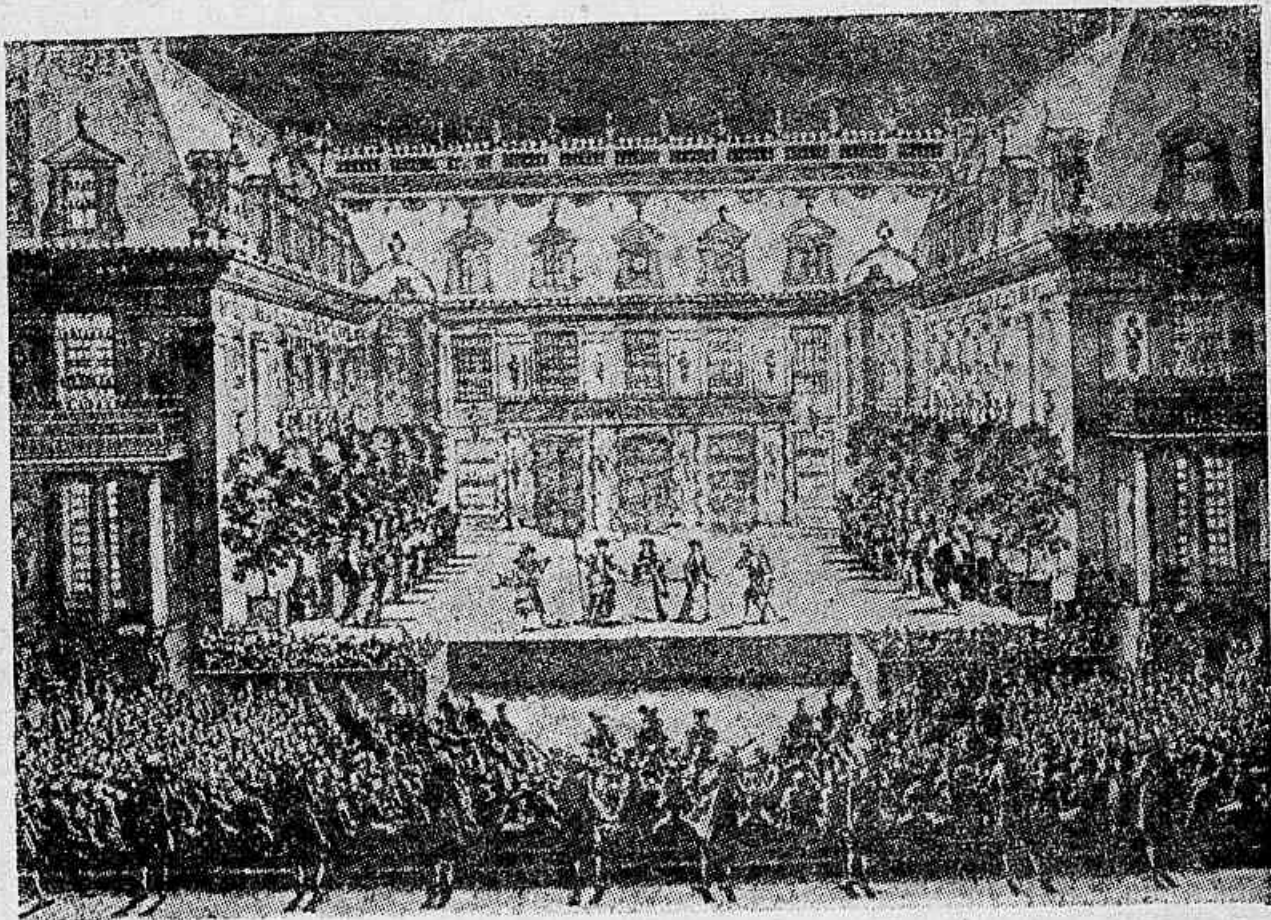
Aliás, os processos dos regentes ao tempo de Lulli, muito anterior a von Bulow, tinham de ser, forçosamente, diferentes. O maestro, então, regia com um imenso bastão que lhe servia para bater o compasso no chão, num "tam-tam" ensurdecedor. E foi por usar o bastão com demasiado vigor que Lulli veio a falecer. Durante um concerto, irritado, ele batia o compasso com todas as suas forças, quando, distraído, em vez de golpear o chão, atingiu o próprio pé.

IMPENITENTE

Até os últimos momentos de sua vida, porém, conservou a lucidez e a irreverência.

Recebendo amigos, no leito de morte, fazia planos para futuros divertimentos. Combinava com o Cavalheiro de Lorena uma grande bebedeira. E, quando o sacerdote, que veio confessá-lo, impôs, para sua absolvição, que ele mandasse queimar a partitura que estava preparando, mandou o filho obedecer à ordem do padre. Depois, como o moço chorasse a perda da obra preciosa do pai, piscou-lhe o olho e disse-lhe ao ouvido:

— Idiota! Então você pensa que eu ia atirar no fogo o meu trabalho? Colasse, meu amigo, tem uma cópia...



Aspecto de uma "performance" de Alceste, de Lulli

A PINTURA ESPANHOLA CONTEMPORÂNEA

(Cont. da pág. 33)

leável, e adapta-se plasticamente a cada novo tema que ataca. O retrato do seu colega Solana, num ambiente do seu atelier, reflete esse espírito "solanesco" — parece uma ilustração para um conto de Hoffmann.

Zuloaga, apesar de sua técnica **demasiadamente** brilhante, permanece pela notável violência e profundez das caracterís-

ticas, ainda que mais físicas que espirituais, o grande retratista que a Europa inteira procurava e o mestre profundamente espanhol, qual idade que lhe reconhecia a crítica internacional.

Salvador Dalí, num pequeno quadro, "Retrato de um embaixador", com o Escorial ao fundo — afirma com uma incrível superioridade a sua "maîtrise" espiritual e técnica, confundindo, assim, mais uma vez os seus detratores impenitentes.

São numerosos os talentos revelados pela exposição do Palace Hotel, tanto na pintura como na escultura. Neste último domínio Juan Adsura, perpetuando as tradições de um Alonso Berrughe, de uma técnica e uma maestria perfeita da modelagem e da fundição, apresenta um Fauno de movimentos elegantíssimos. Gostaria de chamar esta obra, em homenagem à imortal criação do pobre Nijinski, "L'après midi d'un faune".

Mas de todas as descobertas daquela notável exposição, talvez a mais importante é a constatação do altíssimo nível do "métier" e da honestidade profissional que impera entre os artistas espanhóis de hoje e que é o penhor de um "amanhã" ainda mais brilhante.

A exposição em curso nos prova que a sombra dos gigantes da arte antiga não apagou as luzes ardentes das forças vivas na arte nova.

Dos tamoios aos cariocas

(Cont. da pág. 34)

se defendesse melhor dos ataques dos seus inimigos, levou-a para o morro de São Sebastião, instalando-a aí com toda a segurança. Era em 1567. Dentro em pouco, prosperando, a cidade descia o morro, vindo por uma de suas ladeiras ganhar a planície — que não passava de um vasto sistema de brejos e alagadiços.

O morro de São Sebastião teve a seguir o nome de morro do Castelo, que perdurou até o presente e com o qual foi desmontado ao tempo da Prefeitura Carlos Sampaio, obra essa que deu em resultado a Esplanada mais central da cidade.

Entre o morro de São Sebastião e o outeiro do Carmo (hoje morro de Santo Antonio), ficava a lagoa de Santo Antonio, em cujo local há agora a rua Treze de Maio e um pequeno trecho da Avenida Rio Branco, outrora ocupado pela rua da Ajuda e onde existe a Cinelândia.

6 — Ruas veteranas

A rua da Ajuda, delineada na ramada que vai para o

lagoa Grande (lagoa do Boqueirão ou das Mangueiras, que foi aterrada para fazer-se o Passeio Público), é uma das mais antigas do Rio, pois já existia antes de 1600, como o recorda Noronha Santos (Memórias para servir à história do reino do Brasil, tomo I, pág. 161). Ela, as de São José, Direita e Misericórdia, formam os veteranos logradouros públicos da cidade. A rua da Misericórdia possuía as casas onde residia a gente mais nobre daquele tempo. A de São José só recebeu esse nome em 1633, por ocasião da construção da igreja na sua esquina com a da Misericórdia; antes disso, era muito curta, indo da rua do Carmo até o mar, com o nome de um dos seus primeiros moradores — rua Antonio Nabó. (A rua do Carmo, primitivamente rua Detrás do Carmo, foi aberta em 1611). Quanto à rua Direita, estendia-se "ao longo da restinga situada entre os morros do Castelo e São Bento; foi sempre um dos logradouros mais animados da cidade". (Noronha Santos).

7 — Lagoas antigas

Já foram lembradas a lagoa de Santo Antonio e a do Boqueirão, no centro da cidade. Cumpre falar da

(Cont. na pág. 55)

Pierrot no Carnaval

(Cont. da pág. 46)

Segurei suas mãos e perguntei-lhe:

— E você sabe como conquistá-la?

Novamente Estefânia riu-se:

— Sei, sim, Pierrot. Da seguinte forma: querendo.

— Querendo?...

— Sim: quando eu quero eu consigo.

Soltei as suas mãos e olhei-a com atenção. Pude ver o brilho excepcional de seus olhos como duas contas na máscara de cetim vermelho. Cabelos castanhos caíam aneladamente pelos ombros. Tem Estefânia um colo forte que se contrai e se eleva na respiração.

Fiquei os cotovelos nos joelhos e pousei a cabeça sobre as mãos. Ah, eu sempre quis coisas. Mamãe dizia à sua amiga íntima: «Noêmia, este

(Cont. na pág. 55)

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratu, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As pilulas Maratu são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratu é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE

ALEXANDRE

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-os. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos, ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Uma voz

(Continuação da pág. 51)

ponto de cometer um crime, basear sua própria felicidade sobre a desgraça de outrem? Na verdade ela não teria acreditado que seu inimigo pudesse fazer o milagre de dar novamente a vista a seu Silvio; nem agora mesmo acreditava nisso. Mas por que ficara calada? Nesse momento ainda podia acreditar que seu amor bastaria para compensar aquele cego da vista perdida, acreditar que por um milagre ele tivesse recuperado a visão, e que nem esse grande bem, nem os prazeres que a riqueza pudesse conceder-lhe, nada de tudo isso teria podido compensar o amor que ela lhe consagrava. Mas suas razões eram válidas para ela, não para ele. Se ela lhe tivesse dito: «Silvio, deves escolher entre as alegrias da visão e o meu amor». Teria ele certamente respondido: «E por que queres que eu continue cego?». Mas só assim, quer dizer, somente condicionando-a à desgraça dele a felicidade dela era possível.

Levantou-se subitamente como se a tivessem chamado. A visita teria terminado? Que dizia o médico e o que pensava ele?

Ouviu uma porta abrir-se; teve um sobressalto; correu instintivamente para o corredor, por onde Falcí deveria passar. — Achei um remédio, mademoiselle, a despeito de sua excessiva franqueza — disse ele friamente. — Confirmei meu diagnóstico precedente. O marquês entrará amanhã na minha clínica. Vá para junto dele: ele a espera. Adeus, mademoiselle.

Ela ficou como que aniquilada, vazia de tudo; seguiu-o com o olhar até a porta, até o fim do corredor; depois ouviu a voz de Silvio que a chamava.

Ele a esperava, sentado, os braços abertos; cingiu-a fortemente, fortemente, contra si, gritou-lhe todo o seu amor com frases entrecortadas, que, por causa dela, queria recuperar a vista, para contemplar sua querida, sua bela, sua doce esposa; nada mais do que por causa dela!

— Estás chorando? Por que? Mas eu também estou chorando, estás vendo? E' o milagre! Ah! que alegria, minha Lídia, que alegria!... Hei de ver-te! Hei de ver-te!...

Cada palavra para ela era uma morte, a tal ponto que ele compreendeu, apesar de toda a sua alegria, que o choro dela não era igual ao seu, e então se pôs a dizer-lhe que certamente, oh! mas certamente, nem mesmo num dia como aquele, teria podido acreditar nas palavras do médico, e então, vamos, chega por hoje. Para que pensar noutra coisa? Era um dia de festa. Longe daqui todos os desgostos, todos os pensamentos, exceto um só pensamento, o de que a felicidade deles seria doravante completa, que ele ia em pouco contemplar sua mulher. Ela ia ter tempo de preparar seu lar, e era preciso que fosse belo, esse lar, um verdadeiro ninho de amor, e a primeira coisa que ele visse com os seus olhos. Sim, prometia sair da clínica de olhos vendados e que os abrisse lá pela primeira vez diante do seu ninho.

— Fala, agora. Dize-me: como prepararás o nosso ninho?

— Como?

— Sim, até agora eu não te havia perguntado. Mas não quero saber ainda de nada. Serás tu que farás tudo. Será para mim uma surpresa, um encantamento. Mas, antes, não veres nada, só tu, só tu!

Resolutamente, ela abafou os soluços, iluminou o rosto e ali, de joelhos diante dele, e ele apolado contra o braço dela, pôs-se a falar-lhe de seu amor, quase no ouvido, com sua voz mais doce e mais cheia de sortilégio do que nunca. Mas quando, inebriado, ele a apertou contra si e a ameaçou de não deixar que ela partisse, nesse instante, ela se afastou dele, ergueu-se altivamente, como se tivesse ganho uma vitória sobre si mesma. Teria podido, nessa hora mesma, ligá-lo a ela, indissolivelmente. Mas, não! Porque o amava.

Todo esse dia, até tarde da noite, o embriagado com a sua voz, cheia de certeza, porque ele estava ainda na sombra, ali, só dela; na sombra onde flamejava a esperança tão bela quanto a imagem que ele se fizera dela.

Na manhã seguinte, quis acompanhá-lo de carro até a clínica e, ao deixá-lo, lhe disse que ia entregar-se ao trabalho, como uma andorinha apressada.

— Há de ver!

Esperou, durante dois dias, com uma terrível ansiedade, o resultado da operação. Quando soube que dera bom resultado, esperou ainda um pouco, na casa nua; preparou-a amorosamente para ele e lhe mandou dizer, quando, louco de alegria, ele a reclamava, nem que fosse por um segundo, ao seu lado, que deveria ter um pouco de paciência durante alguns dias ainda.

Então juntou tudo o que lhe pertencia e foi embora sem lhe dizer mais nada, para lhe deixar a lembrança duma voz que, uma vez saído da treva, ele iria procurar em vão em muitos lábios.

A vida de Lutero

(Cont. da pág. 28)

arcanjo caído não sentiu mais pungentemente o vazio do espaço em que se despenhou da graça de sua elevada posição. Quão destemido é o homem que se diz só e forte no mundo — até que o mundo lhe ergue a luva e o compele a viver realmente só!

Dúvida! "Quantas penas me custou, embora tivesse por mim as Escrituras... atrever-me a arrostar o Papa... Quantas vezes não me faço amargamente a mesma pergunta... Só tu és bem avisado? Podem todos os outros ter-se enganado assim? podem tantas gerações ter andado em erro? Quem sabe se, em fim de contas, não tens razão?". Do lado daqueles que o excomungavam — "cultura, gênio, número, grandeza, posição, poder, santidade, milagres!... Daquele lado a sanção de tantos séculos, os nobres mártires, as academias, concílios, bispos, pontífices... Do meu lado — Wycliffe e Lorenzo Valla — e Lutero, um pobre diabo, um homem de ontem, quase insulado com uns poucos amigos..."

Excomungado. Bem; ele descendia de gente rica, que labutara séculos a fio na escuridão das minas. Também os seus antepassados haviam sido excomungados do sol. Não obstante, continuaram a viver e trabalhar. "Ao fogo a bula de excomunhão!" Lutero queima-a. Torna a sentir-se forte. Arreaca num sorriso desafiador os lábios cobertos de fuligem e cinzas. Ali, naquele fogo, estava a sua luz. Também Vulcano forjara suas melhores armas ao pé daquela luz, e encontrara um lugar entre os outros deuses. Martinho Lutero deixou de ser sacerdote? Um grito de batalha, insuflado pelo hálito do coração, irrompe-lhe em chama da boca. "Somos todos sacerdotes, cada um com sua Bíblia, ordenados pela graça de Deus apenas, no grande cadinho dos sofrimentos divinos..."

IV

O Imperador convocou Lutero a Worms, onde ia ser julgado sob a acusação de heresia. "Prometo que não se fará violência à vossa pessoa enquanto lá permanecerdes". Mas de que valia a promessa de um imperador?

Lutero, entretanto, subiu à sua carruagem, levando consigo a flauta em que tocava constantemente para aliviar as dores do estômago — pois sofria agora de úlceras crônicas: "A música é a arte dos profetas."

Viaja de cidade em cidade como um herói triunfador. Canta hinos com os camponeses, bebe cerveja com os burgueses, é honrado pelos príncipes. As gentes sólidas aclamam, a sua passagem, este homem sólido. Vai pregar certa manhã em Erfurt, e a igreja transborda de povo muito antes da sua chegada. Exacerbam-se as dores de estômago. Em Eisenach sente-se tentado a virar as costas e ir para a cama. Porém as dores diminuem temporariamente. Poucos dias depois, tornam a acometê-lo. Mas continua. Recebe dos seus admiradores um retrato do mártir Savonarola, e beija-o com fervor. Em Pliffingheim, já nos subúrbios de Worms, abençoa um camponês que planta um olmo à beira do caminho. Então seus olhos divisam, logo adiante, as colinas e torres da cidade fatal. Que pujante fortaleza! Brota nele a inspiração, e Lutero começa a cantar — um

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantém em sã idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

NÚMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 58

RELE M



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómea nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórias Alvim & Freitas.



hino desafiador, que deverá tornar-se o grito de guerra da Reforma, Elne feste Burg ist unser Gott: Nosso Deus também é uma pujante fortaleza. Cantando, Lutero se sente melhor.

Entrou em Worms. Os arautos o conduziram por vielas pouco frequentadas, a fim de evitar as multidões aglomeradas nas ruas principais. Apesar dessa precaução, havia considerável número de pessoas agrupadas diante da porta da câmara municipal. E também os tetos das casas vizinhas estavam coalhados de gente que acorrera para ver o "Dr. Martinho que desafiou o Papa."

Achou-se por fim diante do Imperador Carlos. Recusou ajoelhar-se como se esperava de um monge, ainda que excomungado. Ficou ereto, imperturbável, enquanto se estabelecia o silêncio na sala do julgamento.

Rodeavam-no os mais poderosos príncipes da cristandade, que levavam a mão aos maciços punhos das espadas, esperando ouvir dos lábios dele uma palavra herética. Ordenaram-lhe que se retratasse. Lutero pediu algumas horas para refletir sobre a ordem e preparar a resposta. Depois compareceu uma vez mais diante do imperador. Um protesto de sua parte, e bem poderia estar tudo acabado. No entanto, Lutero não titubeou ao falar:

"Visto que Sua Majestade Imperial exige uma resposta simples e direta, ela... A não ser que me vençam com o testemunho das Escrituras, ou com razões claras e transparentes, não hei de retirar uma única palavra, pois é mau e perigoso ir contra a nossa consciência."

O imperador ficou desconcertado. Esperara coisa muito diferente. Palavras de justificação. Não essa profissão tranquila e honesta de fé pessoal. "Aqui estou... Nada mais posso fazer. Deus me ajude. Amem."

O imperador concedera-lhe um salvo-conduto temporário. Confiando nessa garantia, Lutero mandou aparelhar a sua carruagem e partiu de regresso a Wittenberg. Então Carlos publicou um édito imperial. "Morte a quem der asilo a Martinho Lutero, desde o dia em que expirar o prazo do seu salvo-conduto... A partir desse dia, ficam todos obrigados a estar à sua espreita, detê-lo e colocá-lo sob guarda até que a justiça decida o que fazer com ele."

No mais denso da floresta turingia, um grupo de homens a cavalo interceptam o proscrito. Não são agentes do imperador. São os amigos de Martinho Lutero. Vieram buscá-lo para o conduzir a lugar seguro. O Eleitor da Saxônia fora conquistado à causa dum coração saxônio.

V

Lutero passou um verão, um outono e um inverno no castelo de Wartburg, como hóspede do Eleitor. Mas, para o mundo e o partido romano, era o mesmo que ter sido tragado pela terra.

A salvo na fortaleza de Wartburg, tocava flauta e cantava os seus salmos alemães. Diariamente sua mesa era provida de peças de caça e bastante vinho do Reno, de que ele muito gostava. E saquinhos de confeitos e nozes. "Uma noite, depois de me retirar ao meu quarto, apagar a luz e deitar-me, de repente me pareceu que as nozes tinham cobrado vida e saltavam dentro do saco, chocando-se violentamente umas nas outras. Vieram para junto da minha cama, perturbando-me com a barulheira..."

Tudo ali era fantástico. Lutero escrevia aos amigos datando as cartas "das regiões do ar" — "de entre as aves canoras." Estava num mundo criado pelo mago Merlin. E aquela magia ameaçava destruir o mundo inteiro.

Entrementes, ele — empreendera um trabalho arrojado — tomara da Santa Bíblia, que só os eruditos podiam ler, e a traduzira na língua vernácula dos alemães. "Que os homens do povo leiam a Palavra de Deus", a fim de aprenderem a pensar por si mesmos. "Que nenhum imposto pese sobre o nosso espírito." Gedanken sind sölle, o pensamento deve ser livre. Escritor e orador nato, Martinho Lutero adquirira o talento de "arrebatar o público." Dirigindo-se ao homem comum na linguagem nacional, dedicava seus panfletos a Herr Todo o Mundo. Cada homem é um príncipe, um filho dileto de Deus.

Então recebe em Wartburg a notícia do que Herr Todo o Mundo andara fazendo em sua ausência. Rebentando as

janelas e as imagens das igrejas católicas, esmoçando os padres, entregando-se a uma orgia de desordens e tumultos, celebrando uma saturnalia de chachinas em nome da liberdade. Lutero envia cartas a Wittenberg, rogando a seus adeptos que renunciem à violência. E, finalmente, ao perceber que só com a sua presença poderia refreá-los, deixa Wartburg secretamente, sem pedir permissão ao seu protetor. Troca o bastão do peregrino pela chibata do cavaleiro. Pois vai regressar a um mundo de violência, a fim de castigar uma raça de homens que não compreendem as batalhas do espírito.

Mas, ele tinha involuntariamente desencadeado uma avalanche de descontentamento. As forças liberadas por sua filosofia tinham escapado inteiramente ao controle de quem quer que fosse. A revolta contra o Papa estendera-se da Alemanha aos Países Baixos e à maior parte das nações do norte. Burgueses e nobres haviam pegado em armas contra a Igreja. "Quem são Zwinglio, Melancton, Erasmo, perto dessas legiões de guerreiros, loucos e santos?"

O mundo inteiro parecia rolar para a guerra civil. Mas como podia um hino, tocado por Lutero em sua flauta, conduzir os exércitos que pediam um César? "O que jorrou da alma deste lúcido religioso foi um poema. Não um plano de ação."

(Conclui no próx. núm.)

UM ARO DE OURO

(Continuação da pág. 29)

dras falsantes. Então, lentamente, numa curiosa mistura de português e francês, Titine foi enumerando os amantes que a haviam apresentado.

As vezes detinha-se, de olhos umedecidos, para fazer um pequeno necrológio, outras trocava nomes. Dizia, por exemplo, que quem dera o bracelete de safiras fora o banqueiro italiano, quando fora aquele fabricante de graxa para os sapatos, mas logo adiante lembrava-se e alegando que afinal (mon Dieu!) foram tantos!

Ah! Ela soubera fazer a América!

Célia, envolvendo-a com o braço, aproximara-a do espelho:

— Mire-se! Mire-se em todo o seu esplendor!

Os olhos incertos da francesa caíram sobre as próprias carnes. O colar de pérolas grossas como avelãs parecia destacar mais ainda o «double-menton» formando um babado bambo sob o queixo, as pulseiras não podiam encobrir a flacidez da pele solta. Ao seu lado Célia era uma juventude ardente, gritante, quase insultuosa no arrojo dos seios altos, dos quadris firmes, da boca sensual. Toda a pueril alegria que envolvera Titine momentos antes, se dissipara.

Quando Célia se foi, alegre, agradecida, guardando na pequena bolsa de camurça a nota de quinhentos mil réis, a velha voltou a sentar-se junto ao cofre das jóias. Uma a uma, foi guardando todas. Sentia-se como se depositasse pequenos defuntos num esquife.

Amores mortos, velhos amores, grandes amores!

O espanhol lindo, de costeletas, de gestos teatrais; o português nédio, de olhos úmidos, de bolso sempre aberto; o banqueiro... o fabricante de tecidos, o sírio riquíssimo da avenida Paulista, e aquele jovem louco e dissipado que arrebatara os miolos com um tiro. Não fora por ela, não... ainda que muitos quisessem insinuar...

Já despojada completamente, a mão gorda toca o pequeno aro de ouro, fê-lo cair sobre a palma, diverte-se um instante vendo-o cintilar. Foi a única jóia que recebera dele, ele era rico, contudo! Mas fora ela quem não quisera nada que se pudesse assemelhar a um pagamento. Não tinha ainda a sua alma de Manon. Amara-o. Oh! como o amara! Fora o primeiro... Há tantos, tantos anos!

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

Recolhe-se para ver se reconstitui dias passados, e acha intacto, dentro do coração um ponto infinitamente doloroso. Vai até a garrafa, entorna-a, bebe um cálice, dois... Uma beatitude envolve-a.

Chéri... chéri... qu'il était beau, mon Dieu! Qu'il était beau!

Quando ficou totalmente embriagada, ele veio, veio como há muito não vinha, veio com aquele mesmo riso com que a abordara no boulevard, veio com aquelas mãos lentas que passavam sobre ela e que a transportavam para um mundo diferente, estranho. Veio, tomou-lhe a cabeça entre as mãos, chupou-lhe os lábios num beijo infinito...

Um arrepio de volúpia sacode o corpo da velha francesa. Mas não é ela, não! É a jovem que faz flores artificiais na Rue Soufflot, a jovem que almoça apenas um sanduiche para dependurar um raminho de muguet à cintura, a jovem que faz voltar a cabeça aos homens quando atravessa Paris, Paris barulhento do meio-dia. Ela caminha! Tem asas nos pés a pequena que faz flores naquele atelier escuro da Rue Soufflot! Ela caminha, ela é a própria essência de Paris, vai o perfume de Paris com ela! O perfume de Paris feito da gasolina de seus ônibus, das flores da pequena entrevada da esquina, da tinta fresca dos jornais dos quiosques, da poeira que os pés levantam e que é uma poeira diferente de todas as poeiras do mundo... o perfume das folhas caídas dos castanheiros, do pó de arroz das mulheres elegantes... Vai o perfume de Paris com ela, e é por isso, decerto, que o sul-americano de gestos sinuosos a detem na esquina e fala num francês incrível:

— Mademoiselle, vous êtes ravissante!

Ela não sabia que existia um país chamado Brasil, e ele lhe ensinou a geografia do Brasil entre dois beijos, lhe ensinou os seus rios, e era uma delícia vê-la tartamudear: Parranapanema... Possuía fazendas grandes, grandes, e a vista não atingia o limite das suas terras. Tinham todas nomes de santos: Santa Maria, Santa Genoveva... Os cafezais eram verdes de folhas lustrosas, de frutos vermelhos, e havia colonas japonesas de filhos atados às costas que faziam as colheitas; havia italianos tostados e espanhóis. O tempo da colheita era alegre, os colonos cantavam... De manhãzinha era bom tomar leite cru espumando na vasilha vidrada, era bom sentir aquele cheiro de terra que despertava. Dava até moleza na gente e uma vaga idéia de fecundidade.

Ele era casado, por isso ela nunca lhe conheceu as fazendas, mas conheceu-lhe o amor violento como aquele sol que queimava com selvageria. Conheceu-lhe os braços pesados de carícias e aquela voz que ciciava ternuras, aquela voz abafada que parecia sempre saída do fundo de um travesseiro.

— Jorge... Jorge... Jorge...

Na aliança de ouro havia este nome: Jorge, e quando a cabeça tombou sobre a mesa, quando os braços caíram flácidos ao longo do corpo, ele rodopiou e cintilou fulvamente no chão, o aro de ouro cintilou como uma ballarina revoltante de vidrilhos, cintilou rápido, estonteante e fugaz como aquele amor brasileiro de tantos anos, o primeiro amor de Valentine, da pequena Valentine que fazia flores na Rue Soufflot e que era tão bonita, tão bonita. Tão bonita... Ah, mon Dieu!

MEMÓRIA CANSADA? DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

Pierrot no Carnaval

(Continuação da pág. 52)

pequeno sofrerá sempre porque é um sonhador. Tinha razão. Eu sempre fui um idealista. Estive sempre às voltas com as coisas que a minha imaginação cria, mas eu nunca as consigo porque eu não luto para obtê-las.

— Pierrot, vou lhe ensinar a vencer.

Estefânia segurava o meu braço com sua mão ardente. Sua voz era doce quando me disse:

— Quero ver os seus olhos. Tire a máscara.

Como um autômato, levantei a máscara. Voltei-me para ela pronto para o exame. Lembrei-me do que minha tia Oscarina escreveu uma vez sobre mim, numa carta à uma filha: «Não é bonito. Os seus traços são regulares, mas não são belos. No entanto, quanto mais a gente o olha, mais se convence de que é um príncipe da hierarquia humana».

— Pierrot, você é belo.

— Não sou, não. Tia Oscarina disse que não sou.

Ela sorriu cheia de ternura.

— Você é um «menino», Pierrot. Você será sempre um menino. Há gente que morre «menino» embora velho. Outros são velhos desde meninos. Você não nasceu para lutar. O seu mundo tem de ser perfeito. Pierrot, você precisa ser feliz!

Ela mesma enlaçou-me pelos ombros e ficamos de cabeças juntas.

Eu me senti, por momentos, tão feliz como se eu fôsse um navio desarranjado que depois de atravessar mares encapelados, ancorasse num porto seguro.

★

E desde ontem não penso senão em Estefânia. Sei que a amo. Sei que Estefânia é uma felicidade singular em minha vida — a «mulher» que surge apenas uma vez na vida de cada homem.

Preciso rever Estefânia. Desejo ardentemente reencontrá-la. Queria telefonar ao seu Roque e perguntar-lhe o número do telefone de Estefânia. Mas não consigo. E só uma esperança me resta: — dela me telefonar. Ela que é forte, ela que consegue tudo o que deseja, ela que é sempre feliz porque tudo pode — ela pode me telefonar, se realmente me ama.

E é isso que espero.

Sobre minha cama está a minha fantasia lilás. «E' um lindo Pierrot», me disse a vendedora aliando o cetim. Depois, olhando-me nos olhos, arriscou: «Esse tom vai bem com a cor de sua pele». Sorri confundido e apressei-me a pagá-lo.

Vim com o embrulho da fantasia debaixo do braço. «Nunca me fantasiar, pensava eu. Não dou para Carnaval. Mas vou tentar fazer tudo como eles e talvez eu me sinta feliz».

Depois, em meu quarto, abri o embrulho e examinei melhor a fantasia. «Esse tom vai bem com a cor de sua pele», ouvia eu, ainda, a frase da vendedora. Pode ser que ela disse aquilo só para vender. Ou, quem sabe?, talvez mesmo simpatisou comigo...

E' de bom cetim lilás. As mangas são largas, espaçosas, bem como as calças. No meio da blusa há três grandes pompons de seda branca; contornando o pescoço, uma gargantilha de filô engomado.

Ouçõ bater à porta. E' a dona da casa:

— Telefone.

Não tenho voz para responder. Pulo da cama e bato com o pé na cama. Não, não me importo. Abro a porta e dou um esbarrão na pobre senhora que quase a atiro longe. Vão pelo corredor, tomo o fône:

— Alô.

— Pierrot... Sabe quem fala?

— Sei sim! Sei sim! E' a Estefânia!

Do outro lado há um segundo de silêncio. Eu insisto:

— E' a Estefânia! A Ciganinha!... Ah, como foi bom você me telefonar! Como eu esperava que me chamasse!

— Seu pretencioso! Você estava certo de que eu lhe ia telefonar, não é?

Fiquei sem saber responder. Estefânia perguntou:

— Por que você não me telefonou?

— Eu não tinha certeza de que você gostou de mim.

— Então, Pierrot, esperou que eu lhe telefonasse... E poderia eu ter certeza de que você quer me ver?

— Pois, Estefânia, — disse eu num arrebatamento — você terá a certeza agora: eu te amo! Eu te amo de verdade! Absolutamente.

Ela se riu feliz e me disse:

— Pois não lhe digo o mesmo. Lembra-se que eu lhe prometi — e a mim também — que você ficaria um lutador? Lembra-se? Então, Pierrot, se você me ama, você terá de conquistar o meu amor. E o Carnaval é o seu prazo. Se eu não cair de amores até terça-feira, então, meu Pierrot, tudo ficará esquecido...

— Pois irei já, Estefânia! Vou vestir a minha fantasia para ir lhe encontrar. Não posso perder um minuto, Estefânia, não posso...

★

Desligado o telefone, volto ao meu quarto numa febre de agitação. Olho para o céu e vejo São Jorge da lua. Olho-o fixamente. No entanto, não sinto mais nenhuma inveja dele. Olho-o tranquilamente e sinto-o um companheiro, um irmão, um igual.

Dos lamosos...

(Cont. da pág. 52)

do Desterro, em cujo local passa a atual rua dos Arcos, e da da Sentinela (ou de Capueirussu), entre as ruas Frei Caneca e Senado. Em outro ângulo da cidade, para o lado dos morros de São Bento, Conceição, Livramento, Formiga, do Pinto e de São Diogo, ficava o vasto aguçal de São Diogo.

Fora do centro urbano, as lagoas mais importantes eram a da Carioca (hoje Praça Duque de Caxias), a de Botafogo (entre as ruas Marquês de Olinda e Dona Carlota), a de São Cristóvão e a de Sacopenapan (Rodrigo de Freitas).

8 — A nova cidade

Assim como Estácio de Sá, ao fundar Vila Velha, mandou roçar o terreno, afim de levantar ali os primeiros ranchos, Mem de Sá tratou, logo que escolheu a nova sede da cidade, de secar os pantanos vizinhos do morro do Castelo. A nordeste desse morro havia a balçada onde, melhorado o terreno, surgiram duas ruas, ligando-o com o de São Bento. Foram as ruas Direita e da Misericórdia.

Enquanto isso, no próprio morro do Castelo apareciam casas distribuídas em praças e ruas que permaneciam como eram, sem quase nenhuma modificação mais de trezentos anos, até o arrasamento do morro. Ao ser inaugurada a cidade de Mem de Sá, sua população não ia além de 150 almas, afora os índios, muito numerosos aliás, que passaram a ser empregados dos primeiros povoadores. Com esses elementos humanos, já em 1876 foi montado um pequeno engenho na altura do Cosme Velho. Pouco depois, outro engenho surgiu no Engenho Velho, e mais outro na Tijuca e no hoje bairro do Jardim Botânico, todos montados antes de 1600.

Pires de Almeida, que estudou com muito carinho essa evolução, registrou o seguinte: «As necessidades, que sentia o comércio, em virtude de suas relações marítimas, exigiram então a edificação da cidade baixa; e no princípio do século imediato ao da fundação da cidade (já instituída por Anchieta a Santa Casa de Misericórdia desde 1582) estavam ligados os morros de São Sebastião e Manoel de Brito, onde se edificara em 1589 a igreja de São Bento, tendo-se já erigido na varzea, em 1580, a ermida de Nossa Senhora do O', mais tarde a capela imperial e catedral da diocese.» (In *Jornal do Comércio*, de 5 de março de 1898).

História do Brasil

(Cont. da pág. 27)

sempre agitou o pensamento integralizador da vidente monarquia luso-brasileira.

E por aí afora vem a escritora parcial e improficiente lançando sobre os fatos de nossa política e o procedimento de Pedro I toda uma tela de extravagâncias tão próprias aos discursos de jacobinos aliterativos, forjando o libelo de acusações insustentáveis.

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, da sua meia, do seu cnapeu, dos produtos destinados a sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 so se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 so se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2, conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, do seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha para os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetua-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

Do tesouro de informações em que lhe foi dado abastecer-se, tirou Bertita Harding um maciço volume, que não é romance nem história, mas um amálgama heterocito e inconsistente, com que nada ganhou o conhecimento do passado e muito perdeu com a sua diámacção o regime que felicitou o Brasil, dando-lhe crédito e tirando a unidade do país. A nos brasileiros, se essa senhora pretendeu ensinar alguma coisa, foi que nada mais perigoso há que tomar de uma pena para não saber que fazer com ela, principalmente quando nas mãos de uma dama ela deveria servir à Arte e à Verdade e não a ajuntar uma bagaceira inacreditável em que alhos e bugalhos se misturam, empachando o pensamento público do que nada adiantou.

Vestido para nossa língua, o TRONO DO AMAZONAS tornou ainda mais embaraçoso o juízo que se faça dele, pois os documentos que foram traduzidos pela americana foram de novo traduzidos para o português. A pecha de traição é inseparável da generalidade desses trabalhos de transladação, o que nos foi dado verificar, vendo o retrato que fizemos da Imperatriz D. Leopoldina alterado nos seus termos. Se uma versão basta muitas vezes para corromper um dado contexto quanto mais duas traduções sucessivas. Essa dupla operação ainda mais tira o valor à obra, que tão fabulosamente se recomendou, subintitulando-se de «História dos Braganças do Brasil»!

Seria realmente inadmissível que um livro de desproporcionada imaginação e acintosas imputações não recebesse de um de nós brasileiros um pouco da repulsa que nos sobra quando em matéria de pretendidas letras históricas se junta a exploração à invenção. Não somos tão ignaros e complacentes para que no domínio intelectual se nos venha propor gato por lebre, isto é, um feixe de laudas falsas e mal equilibradas por um tomo repleto daquilo que Montaigne tanto recomendava, quando tratava os seus Ensaios de livro de boa fé.

Felizmente que dos mesmos altos fornos em que se manufaturam as letras norte-americanas saiu o livro de Mary Wilhelmine Williams, Don Pedro, the Magnanimous, Second Emperor of Brazil, cuja limpeza de processos bem difere do TRONO DO AMAZONAS.

Quanto a nós, como primeiro historiador da Marquesa de Santos não temos bastantes motivos de exagerar-nos em cortejos, referindo-nos às falhas e superabundâncias em que rebentaram as páginas desse in-folio. Despojados desde o dístico com que abrimos o D. Pedro I e a Marquesa de Santos até os retratos que nos foi dado tornar públicos, não foi Bertita Harding das mais amigas de dar a cada um o que é seu. Atribuímos a costumes do «Far-West» que não levam a extremos de certo rigor o princípio jurídico do Suum cuique tribuere. Afora a agilidade com que a novelista se serve das iguarias alheias, no mais está tudo certo: o mercado de livros brasileiros é terra de ninguém, está aberto a quem mais der ou quizer aproveitar. A América do Norte, povo de mercadores, sabe perfeitamente que é na ousadia de seus métodos comerciais que se forja a riqueza de certas nações. A ambição não é muito afeita a razões de prudência, a contensão de julgamentos de bom senso. O êxito vem-lhe do gosto do exagero, das formas espúrias do raciocínio, da pressa da informação de arrebate, tudo enfim que não seja discernimento e probidade.

Adiantado em anos e felicitado na soledade a que nos recolhemos entre as vossorocas de uma terra pátria, não buscamos uma rixa com a dama do TRONO DO AMAZONAS. Se talvez viéssemos a maltratá-la, culpe-se ela própria da arrogância com que se abalança nesses termos a curar do Brasil e do regime político em que se prodigalizaram, beneficiando-a, todas as garantias pú-

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA E FREQUÊNCIA

TÉCNICO EM MOTORES A EXPLOÇÃO • RADIO TÉCNICO • ELETRO TÉCNICO

DESENHISTA TÉCNICO • TORNEIRO MECÂNICO • QUÍMICO PRÁTICO

Remeta hoje o coupon para o CENTRO DE CULTURA TÉCNICA

RUA VITÓRIA, 259 - SÃO PAULO - Srs. Diretor: Queira enviar-me, gratis, pros- pelos dos cursos.

Escolha uma boa Profissão



Gratis:

1 carteira de identidade — 1 distintivo — 1 manual da especialidade

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____ ESTADO _____



SRA. IRACY PEDROSA RIBEIRO — Privilegiada com bela voz de soprano dramático, acaba de concluir brilhantemente o curso de Teoria Musical, diplomando-se pelo Conservatório Brasileiro de Música.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

**COMPANHIA SIDERURGICA
BELGO-MINEIRA**

Av. Nilo Peçanha, 26 — 22-1970
Rio de Janeiro

únicas e privadas, a começar pela liberdade de que tanto abusamos... Além do mais deve saber-se que não se pode chegar a obter uma omeleta sem quebrar os ovos que lhe são necessários.

O provérbio oriental de que não se deve bater na mulher nem com uma flor, não foi feito para o mundo da crítica das letras. Perdoe-nos pois a signatária do TRONO DO AMAZONAS se por vezes não pudemos reprimir o que a todo leitor do seu catatau não deixará de afluir, o desgosto por quem, utilizando-se dos direitos do uso do alfabeto concorreu com uma sem cerimônia total a alterar a verdade dos fatos e macular a memória de cultos que não mereciam as fantasias malévolas, apatrinhadas do favor e da amizade de pessoas, que em tudo isso aliás entraram como Pilatos no Credo.

As letras do Novo Mundo com o livro de Berta Harding poderão ter-se regalado de uma prima. Tudo neste mundo é questão de pura relatividade...

Folheando-o na língua inglesa em que foi originalmente escrito, talvez nos fosse dado saborear o refinamento da qualidade, que não encontramos em nosso idioma. Mas quanto ao que podemos apanhar no conjunto dos conceitos e no desenrolar dos fatos que contrafaz ou exagera, repisando velhos recontos, o nosso julgamento de remendão, que não se erguesse da bota de Apeles, é que se trata de uma insólita obra onde não só a História como a própria civilidade sofrem de golpes, que por serem vindos de uma pena feminina nem por isso deixam de ser lamentáveis, como fruto da valdade de quem se julga capaz de discorrer sobre coisas bastante sérias com a mesma facilidade com que sacode no rosto o pompom do seu toucador.

A megera domada

(Cont. da pág. 16)

— Que mal faz? disse ela, é proibido agora divertir-se?

— Acho que não há mal em divertir-se razoavelmente, é certo, disse Coombes; mas não consinto que se toque em minha casa, no Domingo, estas arias que são para dias de semana.

— Que mal faz tocá-las hoje? perguntou Jennie, parando e dando uma viravolta no banco do piano, com um grande farfalhar de salas.

Coombes previu um conflito e irritou-se ainda mais, como costuma acontecer às pessoas tímidas.

— Livrem este banco, disse nervosamente, ele não foi feito para carregar pesos.

— A questão agora não é de pesos, disse Jennie exasperada. Que foi que o senhor disse nas minhas costas quando eu estava tocando?

— Certamente o senhor não quer ter a pretensão de suprimir a música aos Domingos, senhor Coombes! disse o novo hóspede, enterrando-se na poltrona, soltando uma baforada de fumaça do cigarro e rindo-se com ar de compaixão.

Nesta ocasião, a senhora Coombes, chegando-se para Jennie, disse-lhe qualquer coisa como: Não faça caso dele. Continue, Jennie.

— Sim! é esta a minha intenção, disse Coombes, respondendo ao novo conviva.

— Pode-se saber qual o motivo? replicou o outro saboreando evidentemente o seu cigarro e a perspectiva de uma discussão. Era, entre parentesis, um moço alto, elegantemente trajado com um terno castanho claro; trazia na gravata branca um alfinete de prata com uma pérola engastada. Coombes achava que ele teria tido prova de melhor gosto se tivesse vindo trajado de preto.

— Porque, começou Coombes, isto me convém. Eu tenho negócios e é necessário que me lembre da clientela. Divirtir-se razoavelmente...

— A cliente que ele tem! disse a senhora Coombes, desdenhosamente. Não fala senão na clientela. Somos obrigados a fazer isso, somos obrigados a fazer aquilo...

— Si a senhora não quer fazer pela minha clientela, disse Coombes, porque se casou então comigo?

— Pergunto isto a mim mesma, observou Jennie.

E pôs-se novamente ao piano.

— Nunca vi criatura semelhante, tornou a senhora Coombes. Mudou completamente depois do casamento. Antes era...

Jennie pôs-se novamente a cantar.

— Eis aí! Exclamou Coombes, fora de si, levantando-se e elevando a voz. Digo-lhe que não consinto nisto! E tremia de indignação.

— Vamos, nada de escândalos, disse, levantando-se, o enorme aspargo vestido de castanho.

— Mas, vamos a saber! quem é o senhor? berrou Coombes no auge da raiva.

Nesta ocasião, puzeram-se todos a falar ao mesmo tempo. O novo conviva declarou que era noivo de Jennie e desejava protegê-la, ao que Coombes replicou que ele fosse ser arrogante em qualquer outra parte e não na casa dele, Coombes. A senhora Coombes não escondeu a opinião que tinha formado de que seu marido deveria envergonhar-se de insultar de tal maneira as pessoas que vinham à sua casa; este alfenim está se tornando insuportável. Em conclusão, o dono da casa rogou aos visitantes que saíssem imediatamente, porém, eles não quiseram ceder; então ele declarou que, neste caso, sairia ele mesmo. Com o rosto em fogo, chorando de raiva, saiu da sala; tendo enfiado o sobretudo, não sem custo, pois as mangas da sobrecasaca subiam, fazendo um rolo na altura do cotovelo, deu uma escovada na seda do chapéu e, quando Jennie se punha novamente ao piano, batendo com toda força, ele fugiu de casa horrorizado: Pam, pam, pam. Bateu com a

porta da loja de tal maneira que fez estremecer a casa até os alicerces.

Eis, em poucas palavras, qual fôra a última manifestação do mau humor de Coombes. Começaram sem dúvida, a compreender a causa do seu profundo desgosto.

Seguindo pelo atalho úmido, sob a ramagem dos pinheiros — estava-se em fins de Outubro, os fossos e os montes de folhas secas achavam-se repletos, de muitas de cogumelos, — Coombes repassava na memória a melancólica aventura do seu casamento. Era breve e muito comum. Ele via agora claramente que sua mulher casara-se sem inclinação natural, somente para livrar-se da vida laboriosa, aborrecida e incerta que passava no atelier; e, como todas as da sua condição, era muito ignorante e não compreendia os seus deveres, nem sabia ajudar o marido nos negócios. Era ávida de divertimentos, tagarelas, gostava da sociedade e ficava evidentemente desapontada por sentir continuamente ao redor de si embaraços causados pela falta de meios pecuniários.

Os expedientes de que Coombes lançava mão exasperavam-na fortemente, e, à primeira tentativa feita por ele no intuito de censurar algumas das suas ações, ela queixava-se amargamente, dizendo que ele só o que sabia era "resmungar". Porque não era mais gentil como outrora? Coombes era um homenzinho de tal modo inofensivo e habituado a ficar no seu canto, tão avesso à contradição, tão agarrado às suas prerrogativas que deveria, inevitavelmente, cansar-se com este estado de coisas. Pouco depois apareceu Jennie, Mefistófeles fêmea e crônica viva de toda a vizinhança; ela convidava continuamente a senhora Coombes para irem ao teatro, ou para aqui, ou para ali, cada dia inventava um passeio ou divertimento. E isto não era ainda tudo, havia também as tias de sua mulher, primos e primas e toda espécie de parentes que devoravam o seu dinheiro, insultavam-no, punham por terra as suas amostras, contrariavam os seus bons fregueses, e enfim, transtornavam a sua vida.

Não era esta a primeira vez que Coombes fugia de sua própria casa, furioso, indignado, por assim dizer horrorizado, jurando, mesmo em altas vozes, que não suportaria mais isso; longe do perigo ele ganhava dobrada energia. Porém, nunca se sentira tão desanimado e aborrecido da vida como na tarde daquele domingo. Pode ser que o almôço tivesse influido algum tanto neste desgosto, bem como o tom cinzento do céu. Talvez ele começasse a entrever, como consequência do seu casamento, a idéia da ruína, insuportável a um negociante.

Em breve a falência, e então...

Sua mulher teria muita razão em arrepender-se porém, seria já muito tarde. E a fatalidade, como ficou dito atrás, semeára no atalho, através o bosque, miríades de cogumelos, variados, nocivos e que cheiravam mal; cogumelos à direita, cogumelos à esquerda.

Tal é a maldita situação em que se acha um pequeno negociante quando sua mulher não se presta a ser uma associada leal. O seu capital está todo empregado no seu negócio e, abandoná-lo, é condenar-se a ir engrossar o rebanho dos vadios. Além disso, o luxo do divórcio está muito acima do que lhe podem conceder os seus meios pecuniários. De sorte que pesa sobre ele, inexoravelmente, a velha tradição do casamento sem ventura; e as coisas tomam um caráter trágico. Os maçons batem nas mulheres até matá-las; os arquiducos enganam as suas; só os pobres negociantes em pequena escala se vêm obrigados, em nossos dias, a procurar a morte como único alívio. Dadas estas circunstâncias, não nos parece coisa tão extraordinária — tomada no sentido mais indulgente — que o espírito de Coombes se tenha transviado durante um momento, deixando-se levar por pensamentos sinistros, e ele tenha sonhado com navalhas, espingardas, facões de cozinha, cartas comovedoras dirigidas ao comissário da polícia para denunciar os inimigos e implorar o seu perdão.

Em breve o furor deu lugar à melancolia. E dizer que, no dia do seu casamento, ele se achava trajado com aquele mesmo sobretudo, e com o terno que se achava por baixo dele, bem abotoado, primeiro e único que jamais teve em sua vida! E começou a rememorar, durante o passeio, os dias em que se tinham amado, o feliz tempo do noivado, os anos de sórdida economia, empregados em acumular um capital, a bela esperança dos primeiros dias de casados.

E era para chegar a isto que ele tanto se azafamara! Não haverá acaso um Deus bom e misericordioso? Voltou-lhe a idéia da morte, como um alívio dado a todos os mortais.

Pensou novamente no canal que viera de atravessar, e perguntou a si mesmo se não seria melhor atirar-se, bem no meio dele, de cabeça para baixo; e foi na ocasião em que a idéia de afogar-se preocupava o seu espírito, que um cogumelo pardo escuro lhe chamou a atenção. Olhou-o maquinalmente durante um momento, depois parou e abaixou-se para apanhá-lo, julgando que fosse algum pequeno objeto de couro, uma bolsa por exemplo. Só então percebeu que era o chapéu de um cogumelo, cuja cor nada dizia de bom, viscoso, luzidio, exalando um cheiro acre. Prestes a apanhá-lo, hesitou; a idéia do veneno atravessou-lhe o espírito.

Colheu finalmente o cogumelo e levantou-se, conservando-o na mão.

(Conclui no próx. num.)

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

Ilustrações de GEORGE TETZEL



Apareceu uma figurinha gritando "Olá!"



As pernas avisaram-no para que se apoiasse.



Afinal, Murray não resistiu e tombou...

Murray compreendeu que seria muito arriscado aparecer em qualquer acampamento do Maine, onde poderia ser reconhecido. Mas sentia-se tão mal que estava disposto a correr qualquer risco. Entrou no carro e partiram.

— Meu nome é Watts, — disse o velhote. — Seth Watts. Bem para os amigos e sr. Watts para os empregados.

— Perfeitamente, sr. Watts — disse Murray, respeitoso. Seth fungou quando Murray disse que se chamava Eliot Jones. E respondeu apenas: — Seu nome será Joe. — Ficou claro que não acreditara na história dos pais missionários... Atingiram o cimo da colina, vendo lá em-

baixo o acampamento da lagoa, quando uma esgula figura emergiu de trás de um rochedo, gritando: — Olá! — A princípio Murray julgou tratar-se de um rapazinho, mas, à proximidade, viu que era uma moça. — Apostei com papai como o alcançaria e alcancei mesmo — exultou ela, com os olhos brilhando. Olhou para Murray: — Quer dizer que você sempre encontrou o novo guia.

— Este é outro... Joe Jones. — Apareça em nossa cabana, sim, Joe? — disse ela. — E' a «Velha Corvo». O nome do papai é Brock. Precisamos de um guia para uma excursão.

Murray respondeu uma resposta afirmativa e passou para o banco traseiro, quando o velho Brock alcançou a

filha, Nora. A medida que o carro avançava, sentia-se cada vez mais tonto. Seth deixou Nora e o pai perto da cabana deles. Murray esforçava-se para não deixar os dentes baterem. Apanhou um embrulho de mantimentos e seguiu Seth para a miúda cozinha. As pernas o avisaram para que largasse o peso... Encostou-se na mesa da cozinha, vendo tudo girar em volta... Pouco depois procurou andar. E começou a descarregar o carro. Talvez um exercício violento fizesse parar a tremedeira. E chegou a pensar que teria tempo de terminar o serviço. E foi quando carregava um embrulho de carne que tombou. Procurou reagir; não conseguiu. Watts ficou consternado. Tentou erguê-lo; não pôde e saiu em busca de ajuda...



— Abra um buraco e me enterre.

Quando Murray recobrou os sentidos viu-se deitado numa grande cama. Quis se levantar, mas Seth saiu das sombras e o empurrou para os travesseiros. — Fique aí. Está doente, sabe muito bem! — Deu-lhe um copo d'água, que Murray bebeu, e tornou a falar: — Você precisa de um médico. — Murray respondeu: — Muito obrigado. Não preciso de coisa alguma. E não vou aborrecê-lo por muito tempo. E' pneumonia, creio. A ação é rápida.

— Pneumonia! Mau, mau! Você pode bater as botas... — Se acontecer, faça um buraco bem fundo e me enterre. Não há ninguém para avisar. — Murray sentou-se. — Não há viva alma me procurando neste mundo, dou-lhe a minha palavra.

— Bem, acalme-se agora. Não há necessidade de apressar as coisas. — Seth deixou água ao alcance de Murray



Escondeu o relógio e a licença...

e saiu, trancando a porta por fora. Murray olhou em torno. Enquanto tinha um pouquinho de força era melhor destruir logo a carteira de motorista e se livrar do relógio de pulso... coisas que poderiam identificá-lo. A família já o julgava morto e herói... que tudo continuasse assim... Levantou-se, de pernas bambas, e bateu ao longo das paredes, cobertas de barro seco. Encontrando um ponto macio, arrancou o barro e calçou para dentro a licença e o relógio. Recolocou a manilha de barro no lugar e voltou para o leito. Na manhã seguinte, Seth foi crivado de perguntas pelos membros do acampamento. Para eles, o novo guia não merecia confiança. Pensavam que se embriagara logo na primeira noite. E quando chegou Silas Hicks, o guia primitivamente esperado, Seth levou-o à presença de Sam Brock. — Como vai? — disse Sam. — Espero que você ande direito. Vem cá, Nora,



Nora perguntou: — Como vai Joe?

conhecer Silas. — Silas era corpulento, louro e falava pouco... apenas o necessário ao serviço. Foi contratado imediatamente para guiar os Brock, em lugar do outro. Mas Nora recordava-se do estado em que chegara o outro rapaz, do seu aspecto doentio. Puxou Seth para um lado. — Como vai Joe? — Vai indo muito bem — respondeu Seth, já querendo sair. Ela não deixou. — Espere um pouco. Quero saber o que há com ele. — Seth disse que não estava bem certo e ela decidiu: — Vou com você, para ver. Qual é a temperatura dele?

— Não sei. Não temos esses tais de termômetros por aqui, e mesmo que tivéssemos não saberíamos usá-los. Seja como for, o cozinheiro diz sempre que nada adiantam. — Ao que Nora respondeu: — Bem, eu sei usar um termômetro. Vou buscar o meu e daqui a pouco estarei lá...



Preocupada, tomou o pulso dele...

Nora leu o termômetro à luz da lamparina de querosene. Registrava 40 graus. Puxou uma cadeira para junto da cama e se sentou, tomando o pulso de Murray. Instantaneamente ele abriu os olhos. — Que está fazendo aqui? — No momento, tomando o seu pulso. Fique quieto. — Contou 120 batidas. Nora recostou-se, ouvindo a respiração curta, difícil, do doente, que perguntou: — Que horas são? — E respondeu: — Nove. Ela não sabia que ele ocultara o relógio no barro da parede; e, vendo-o preocupado com a marcha do tempo, tirou do pulso o próprio relógio, que tinha gravado o nome «Leonora», e o colocou na mesinha ao lado. Depois, enfiou a lanterna de mão sob o travesseiro. — Agora, — disse, — quando quiser saber as horas é só olhar.



— Eu mesma pagarei a conta!

Está com corda e tem despertador, caso precise tomar algum remédio. — Ele encarou-a, calado, e ela pensou se ele chegara a ouvir o que dissera. — Ouviu? — perguntou, pousando a mão na testa ardente de Murray. — Ouvi, sim — disse ele, fechando os olhos.

Na varanda, Nora disse a Seth: — Ele precisa de um médico, já. Acho que deve tomar um pouco de sulfato. — Sulfato? Isso é novidade, pra mim! Tenho um pouquinho lá no celeiro, numa bolsa.

— Não é bem isso, Seth. Vou falar com papai. — Mas Sam Brock andara bebendo um pouco e não estava de bom humor. Ele não ia pagar o médico! Nada tinha de coisa! — Está bem, — disse Nora, — eu mesma pagarei.



— E' meu noivo!

Grças a Deus tenho um pé de mela. — Esse pé de mela era doação de Sam, para que ela não dependesse do que lhe desse a mãe, da sua pensão de divorciada. Sam só via a filha durante essas férias... — Creio — disse ele — que o nosso passeio está derrubado... — Não sei por que. Eles cuidarão de Joe. Minha obrigação estará terminada assim que eu chame o médico.

Minutos depois, Nora estava rodando a manivela do arcaico telefone, na parede do escritório de Seth. Ligou para o dr. Folger. Explicou o caso de Murray, mas o doutor hesitava em atravessar a floresta. — Mas é preciso — implorou Nora. — E' meu noivo. O senhor precisa vir!

"UM PORTO REMANSOSO"

Este folhetim continua
na próxima semana.
nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A. FORTES



— Agora você pode entrar...

Dizendo isso, Nora piscou o olho para Seth. A mentira, pensou, ficava justificada pela necessidade de cuidados médicos para o pobre desconhecido. Mais tarde, na varandinha da cabana, ela ouviu o diagnóstico. — Francamente, — disse o doutor, — há muita pouca esperança para ele. Talvez já seja um pouco tarde para sulfa, mas de qualquer modo dê-lhe uma dose forte. — Muito agradecida — disse Nora. O pai a esperava para a excursão... Se apenas pudesse adiar um pouco a partida... — Não se preocupe. Sua presença pouco adianta, no estado em que ele está. Agora, minha filha, você já pode entrar. — E ela que não previra esse lance! — Não lhe fará mal? — o dr. Folger sacudiu a cabeça. — Ele não



Sentiu que ele a vigiava.

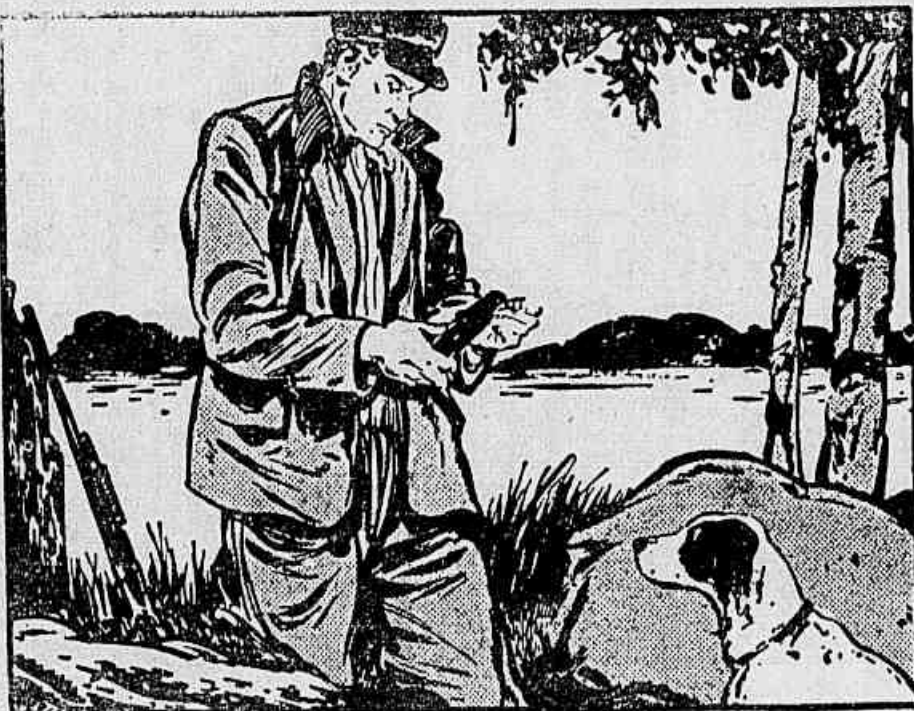
val saber de nada... ainda tem muito que dormir. — Nora achava que talvez acordasse. — Mas não a reconhecerá. Pensa que sou alguém chamado Ben. Afinal, é muito natural que dê adeus a seu noivo.

— Naturalmente... — mas Nora ainda hesitava. Deveria dizer a verdade? E o dr. Folger olhou-a muito sério: — Será que você não quer? — E os olhos dele estavam atentos; desconfiados, talvez. — E' claro que quero! — Nora virou-se e entrou na cabana. Pelo canto dos olhos, viu que o doutor continuava imóvel perto da porta. Sentiu que a vigiava. Aproximou-se da cama. Joe (como o conhecia) estava de olhos fechados. Parecia dormir profun-



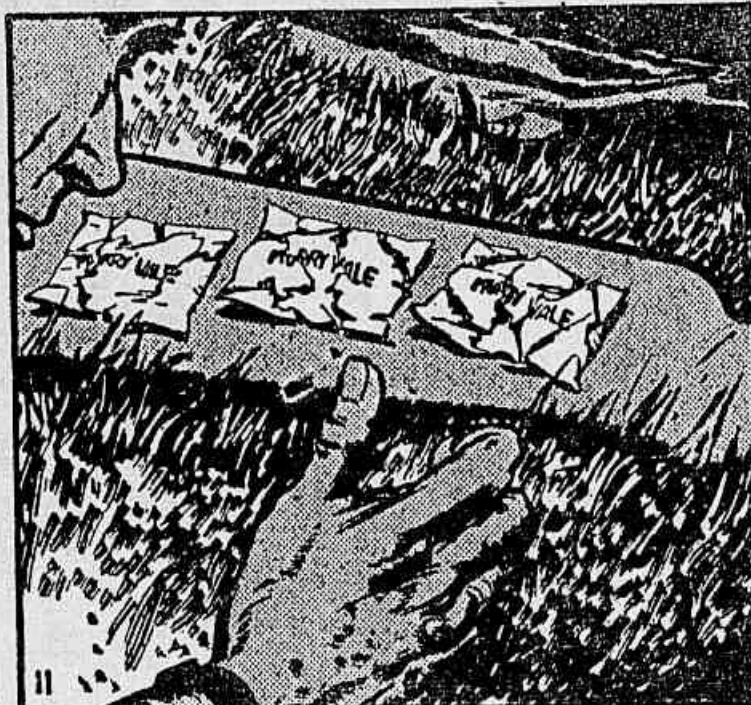
Nora beijou-o na testa.

damente. Curvou-se e pousou os lábios na testa dele, mantendo-os ali o tempo suficiente para convencer o dr. Folger de que a sua despedida era real... Quando tornou a se levantar, ficou espantada de ver que Joe a olhava. — Alô! — disse baixinho. — Está me reconhecendo? — E os olhos dele correram para o relógio ao lado: «Leonora». Aquilo era mau... ele podia se iludir com o beijo, forçado pelas circunstâncias... melhor confundi-lo logo de uma vez. — Leonora? Quem é? Não conheço! — ele então levantou a mão e tocou-a. Nora se afastou. Mas ainda voltou e tocou-lhe o ombro. — Acorde — disse. — Você está sonhando! — Virou-se então e saiu da cabana...



No estojo, Billings encontrou os óculos.

A juventude auxiliou Murray Vale na luta contra a pneumonia. Durante alguns dias, depois da partida de Nora Brock, sua vida esteve em perigo. Aos poucos, porém, voltou à vida que não queria... à vida que passara a considerar inútil desde que não conseguira salvar Briggs... Por vezes teve esperança de morrer. Nunca fora muito querido pela família... sempre na sombra do magnético irmão, Windy. Agora, pelo menos, julgavam-no morto heroicamente. Murray não sabia que ao mesmo tempo em que começava a se restabelecer, um outro drama tinha lugar no lago em que a canoa virara. Naquele dia de outubro o fiscal de caça Jim Billings amarrou o barco num tronco seco e saiu com o cão para uma



Lá estava o nome: Murray Vale...

pequena caçada. Passou pelo mesmo esqueleto ao lado do qual Murray parara, e seguiu caminho. De cima do barranco, viu qualquer coisa brilhando no chão musgoso. Era um estojo de alumínio, contendo óculos. Em letras douradas, havia o nome de uma ótica de Boston. Certo, havia uma bem feita cama de folhas secas. Billings sentou-se para examinar o achado. E foi neste momento que o cão começou a fuçar as folhas, acabando por desenterrar alguns pedaços rasgados de cartão. Billings, cuidadosamente, uniu os pedaços. Quando acabou, em três cartões de visita estava o nome de Murray Vale. Billings esqueceu completamente a caçada que pretendia fazer. Correu para casa e contou tudo à mulher. Expli-



Analisaram a letra do endereço.

cou-lhe que achava que Murray não se afogara e que ainda tivera força bastante para subir o barranco e enterrar os cartões. — Ele deve ter feito alguma coisa... — terminou Jim. Lembraram-se então do rapaz que levava aquelas roupas emprestadas e conseguiram encontrar o papel em que as tinham recebido de volta. Analisaram bem a letra do endereço. — Ele disse que se chamava Tom Brown, lembro-me — disse Billings. — Mas não há dúvida que era Murray Vale. — E a sra. Billings: — Não vale a pena dizer nada à mãe dele, por enquanto. E' melhor escrever ao sr. Ben, não é? — Jim pensou um pouco e concordou: — Acho que é o melhor mesmo... é melhor, sim. Onde estão a caneta e o tinteiro?



Lisa transbordava de orgulho.

Lisa Vale Flirth, a mãe de Murray, no grande vestibulo do seu lar de Boston, olhava orgulhosamente o retrato que acabava de colocar na parede. No retrato, Murray estava sem chapéu; o queixo erguido e os olhos no espaço... ela sentiu-se bem... ele nunca fora muito feliz, mas no instante preciso saíra-se muito bem. Para colocar ali o retrato fora forçada a tirar o da sogra; esperava que a família aprovasse... com certeza estariam todos também terrivelmente orgulhosos de Murray. Ouvia então um automóvel que parava em frente, e saiu para a varanda. Era Windy, manco e alegre como sempre, com a esposa e outras pessoas. — Vim apenas devolver uma coisa — disse ele. — Não vamos entrar. — Mas é preciso entrar. Já chegou o novo retrato de Murray.



— Já chegou o novo retrato de Murray!

Entraram todos. No vestibulo, em frente ao retrato, ficaram imóveis, impressionados e reverentes. Até que alguém falou: — Pobre menino! Quantas vezes o vi exatamente como está ali... todo excitado e fora de si, apenas ouvindo um passarinho. — Então vieram as recordações. Lembraram-se de quando Murray ferira a testa, jogando futebol. E ainda falavam nele quando chegou o velho Ben, superintendente do Tamarack, trazendo no bolso os óculos e os cartões rasgados de Murray. Olhou para o grande retrato e disse: — Fui eu o responsável pelo desastre. No instante em que os dois partiram do acampamento, Murray já estava no ato de proteger o mais fraco. E qualquer coisa que um homem venha a fazer no fim, não pode anular todas as fases anteriores da sua vida. — velho Ben esperou ficar a sós com Lisa para



— Encontraram isto, — disse Ben.

dizer: — Encontraram alguma coisa... — e Lisa concluiu logo que o lago devolvera o corpo do filho. — Sim, senhor. O que foi? — Ben respondeu: — Isto — e entregou-lhe os óculos de Murray. Aos poucos, depois, foi desenrolando os acontecimentos até chegar à conclusão de que Murray sobrevivera, desaparecendo deliberadamente, por alguma razão desconhecida. — O senhor julga que ele tenha agido covardemente? — Não direi 'anto — respondeu Ben. — Mas o mundo está sempre pronto a crer no pior. Que pretende fazer?

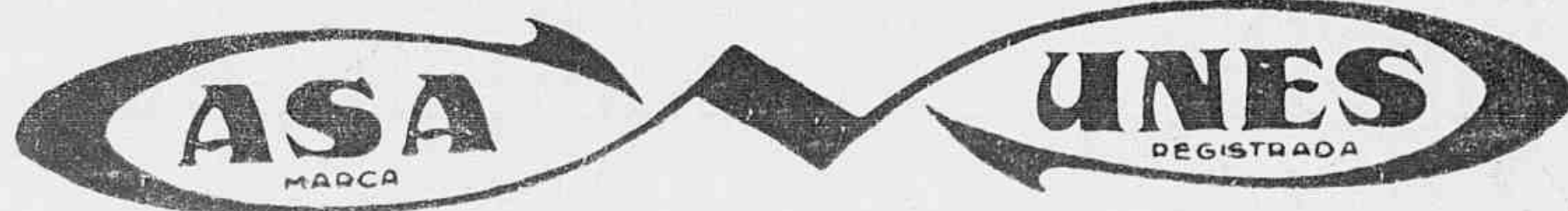
— Nada — respondeu Lisa. — Guardarei o segredo de Murray até que ele próprio o revele. — Mas, naquela mesma noite, ela fez remover o retrato de Murray para o seu gabinete particular...



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - RUA DA CADILOCA - 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

